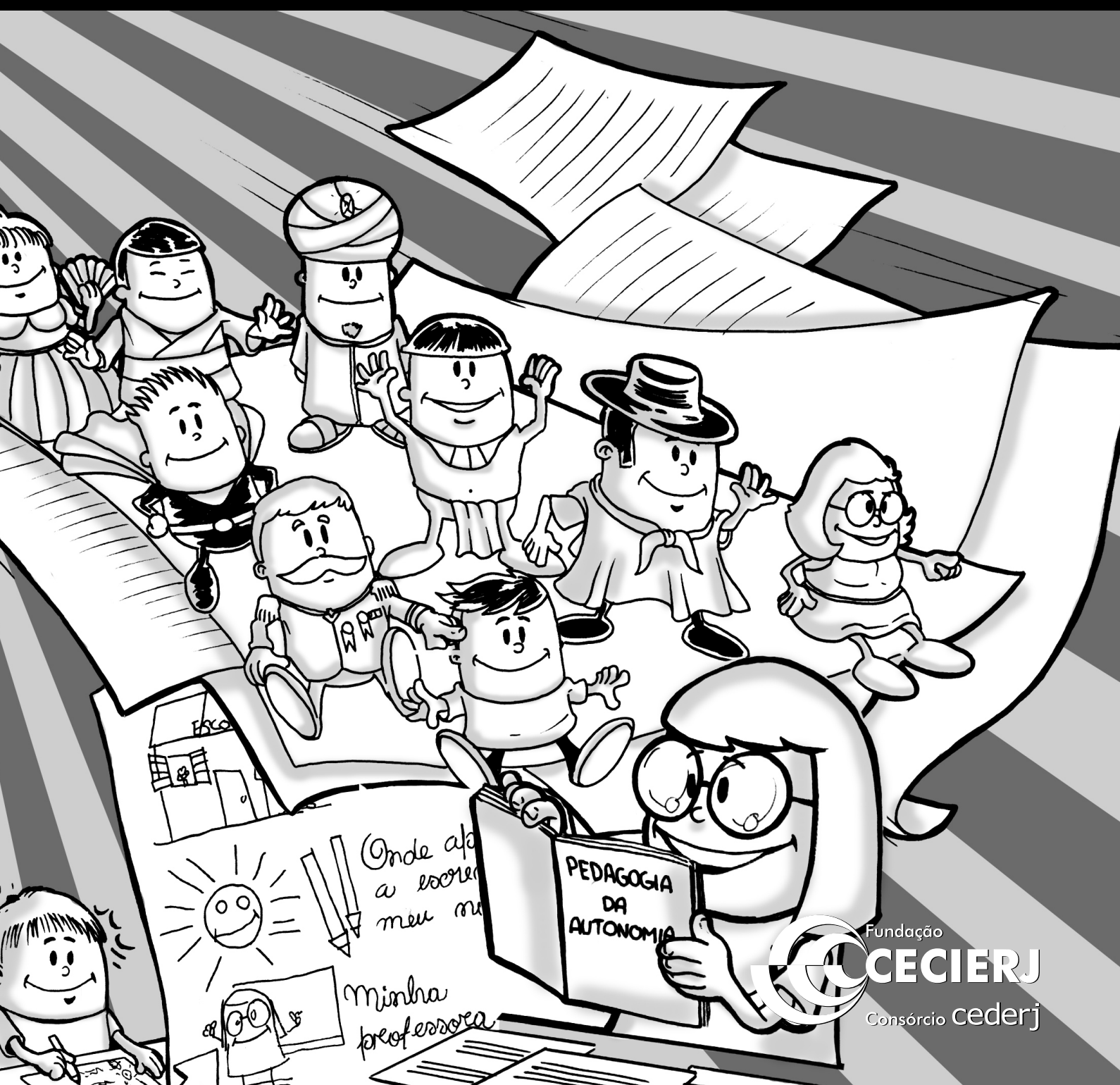


Módulos 1 e 2

Volume único

Joy Costa Mattos
Malvina Tania Tuttman
Nilci da Silva Guimarães

Prática de Ensino 2





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Prática de Ensino 2

Volume único - Módulos 1 e 2

Joy Costa Mattos

Malvina Tania Tuttman

Nilci da Silva Guimarães



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Rosana de Oliveira

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Joy Costa Mattos

Malvina Tania Tuttman

Nilci da Silva Guimarães

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Carolina da Matta Machado

Anna Maria Osborne

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

COORDENAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Débora Barreiros

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Letícia Calhau

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jane Castellani

COPIDESQUE

Cristina Freixinho

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Katy Araújo

ILUSTRAÇÃO

Eduardo Bordoni

CAPA

Eduardo Bordoni

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2005, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M444p

Mattos, Joy Costa.

Prática de ensino 2. v. único / Joy Costa Mattos; Malvina Tania Tuttman; Nilci da Silva Guimarães. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

164p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-209-6

1. Prática pedagógica. 2. Tecnologia da informação. 3. Aprendizagem. I. Tuttman, Malvina Tania. II. Guimarães, Nilci da Silva. III. Título.

CDD: 370.71

2010.2/2011.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieir Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Introdução ao Módulo 1	9
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 1 – Sala de aula: múltiplos cenários	11
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 2 – Ato pedagógico: casos e contos	21
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 3 – Representações coletivas: ação discente e docente	31
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 4 – Aula prática 1	41
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Introdução ao Módulo 2	51
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 5 – Tecnologia da informação e práticas pedagógicas: sonhos e realidades	53
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 6 – Práticas pedagógicas: aprendizagens do professor e do aluno	65
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 7 – Discussão das experiências: significação dos fatos e materiais de ensino	75
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 8 – Aula prática 2	83
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 9 – Docência reflexiva: testemunhos de vida e escritas do professor	89
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 10 – Reflexões relativas aos ambientes <i>on line</i> na escola presencial: inovações no cotidiano da sala de aula	99
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 11 – Multiplicidade de leituras e uso das linguagens: proposta metodológica de interatividade na sala de aula	107
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 12 – Questões da Prática de Ensino docente: o conhecimento pedagógico, o trabalho do professor e a socialização de saberes	121
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	

Aula 13 – Projeto Político-Pedagógico: a importância da construção coletiva _____	131
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 14 – Planos de Educação e projetos pedagógicos: conteúdos administrativos do processo de ensinar _____	141
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Aula 15 – Elaboração do trabalho de avaliação _____	149
<i>Joy Costa Mattos / Malvina Tania Tuttman / Nilci da Silva Guimarães</i>	
Atividades de avaliação _____	155
Referências _____	159



Olá, Mestres que estudam!

Ao iniciarmos este reencontro com a Prática de Ensino, como disciplina do Curso que você realiza, transmitimos nossa alegria em tê-los conosco e nos congratulamos pelo sucesso que obtiveram na conclusão da Prática de Ensino I.

Agora, continuando as nossas aulas, vamos dar prosseguimento a uma trajetória que juntos percorreremos, refletindo sobre o cotidiano das escolas, como conteúdo básico da Prática de Ensino II.

As práticas pedagógicas realizadas por vocês, no semestre passado, e as que irão ser vivenciadas neste período, são os principais fatos geradores dos conteúdos que trabalharemos juntos.

Considerando o material didático apresentado em seu portfólio, do semestre passado, e as narrativas referentes às vivências de profissionais que vêm construindo a teoria e prática do fazer docente, com suas experiências significativas, certamente faremos melhor o que já fazemos: ensinar e aprender.

Joy, Malvina e Nilci

Introdução

Querido cursista!

Começar sempre em alto astral é uma boa!

Estamos empenhados em tornar nossa fala neste curso, cada vez mais dialogada, mais íntima, mais coloquial.

Este é o entendimento que desejamos obter da proposta da Prática de Ensino 2 ao observar, acompanhar, analisar e verificar “até que ponto a distância nos separa” ou nos faz mais próximos pelas inúmeras possibilidades, que quase tangem a liberdade em nosso encontro.

Pense conosco quantas vantagens você pode obter para efetivar, de uma forma excelente, o seu estudo. Quantas aprendizagens são necessárias e quantos hábitos tem que ser modificados.

Inaugura-se nesta disciplina, em forma de ação, pensamentos como:

- Ensinar a ensinar-se.
- Só ensina quem aprende.
- Só aprende quem aprendeu a aprender.
- Educação online.

Nesta altura do curso, você já percebeu que é fundamental relembrar determinadas ações anteriores ao estudo de cada aula.

É importante não esquecer que:

- Você é o seu próprio professor, crítico e avaliador.
- Seu ambiente de estudo é a sua sala de aula, por isso precisa ser organizado de maneira confortável, agradável e fácil para localizar as informações necessárias.
- Esta disciplina não se propõe a dar “instruções programadas”, prontas e acabadas.

Módulo 1

- O estudo da aula na versão impressa, sempre que possível, deve ser precedido pela versão em web.
- Consultar a Plataforma CEDERJ (<http://www.cederj.edu.br/cederj>) é muito importante para a interatividade decorrente do uso das “ferramentas” disponibilizadas online.
- Suas anotações, dúvidas e sugestões são resultado de um processo de aprendizagem e devem estar sempre facilmente acessíveis e visualizadas.
- O computador não é uma “máquina de escrever” e nem, meramente, um “banco de dados”.
- Entre em “clima de estudo” para aprender a ensinar-se e tirar o melhor proveito de seu tempo.

Sabemos que o desafio da contemporaneidade nos traz momentos de perplexidade pelo alargamento dos paradigmas tradicionais de ensino e da necessidade de manter os apoios que permitam a mudança sustentada por valores novos.

Pensar em “educar-se”, vivendo uma “escola que aprende” e perceber o distanciamento entre competição e competitividade, é sempre um desafio. Sentir a necessidade de uma linguagem científica que valorize e aprofunde a comunicação entre os técnicos (o incrível pedagogês), formar junto com outros professores, grupos de pesquisa, é uma necessidade. Acreditar na educação como uma das instâncias estratégicas de mudança social (afinal somos professores) e tantas outras questões, nos fazem aprender continuamente.

Conhecer o segredo da “Escola da Ponte”, rever os “Faróis de Cultura”, a “Multieducação” e não esquecer que em “Educação a Distância” somos todos aprendizes, estudiosos com afincos no tempo em que:

Para o poeta a “distância não existe”.

Para o cientista a “distância é o espaço”.

Para o pesquisador a “distância determina escolhas”.

Para o estudante a “distância impõe movimento”.

Para o professor a “distância dificulta o diálogo”.

Contamos com o seu empenho na melhor forma de estudar com as aprendizagens na sala de aula e o melhor jeito de ensinar, ensinando a si próprio como:

Mestres que estudam!

Mestres que ensinam!

Mestres que aprendem!

Sala de aula: múltiplos cenários

AULA

1

Meta da aula

Esta aula tem por meta caracterizar a dimensão que deve assumir, hoje, a sala de aula; tendo em vista a construção de conhecimentos apoiados em princípios como a solidariedade, o respeito às diversidades, que estão incorporados na complexidade da vida.

objetivo

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- Descrever fatos que abordem questões vivenciadas por você, no cotidiano da escola sobre inovação, solidariedade e respeito à diversidade.

Pré-requisitos

Você está retomando as atividades de Prática de Ensino e precisa organizar as agendas didáticas de cada aula da Prática para visualizar seus avanços durante o semestre, identificando conteúdos que necessitam de mais discussão. Tenha sempre à mão o seu primeiro livro-texto.

Para alcançar o objetivo da aula, é preciso cumprir as seguintes etapas:

- 1ª) leitura do Texto 1, seguida das anotações desejadas;
- 2ª) leitura do Texto 2, destacando as idéias novas;
- 3ª) realizar as atividades propostas nesta aula.

Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro.

Paulo Freire

INTRODUÇÃO

A você, que está iniciando a Prática de Ensino 2.

Você conseguiu, por meio do seu esforço, da sua dedicação, do apoio que recebeu de seus familiares, concluir a disciplina Prática de Ensino 1.

Você é um professor-aluno que já demonstrou sua excelência. Passou por Prática de Ensino 1 e por outras disciplinas, a partir de uma metodologia inovadora, que exigiu muita reflexão. Portanto, merece um curso com qualidade acadêmica compatível com seu desempenho.

Tudo ainda é muito novo: cursar uma graduação a distância, ler textos e fazer exercícios de forma individual, analisar a prática que você vive em sala de aula...

E ir ao pólo para contato com o tutor.

Sonhos, dúvidas e uma grande indagação: afinal, como desenvolver seus estudos de Prática de Ensino 2 sem um contato direto com os conteudistas da disciplina? Esse é o grande desafio deste curso – uma real proposta de reflexão que interfere em uma ação transformadora.

Estaremos juntos neste desafio, trocando idéias, experiências, abrindo caminhos no processo de formação de professores críticos, responsáveis e atuantes, de que a população de nosso país e de nosso estado precisa e a que tem direito.

É preciso criar um espaço para interagir – você, seus alunos, os demais colegas da escola, a comunidade e nós, conteudistas – no enfrentamento das questões inerentes ao cotidiano da escola e aos rumos da educação brasileira. E os caminhos da web, onde ficam?

Vamos utilizar este espaço de ensino e aprendizagem. Vamos viver intensamente este momento, compartilhando a diversidade e a riqueza das histórias de vida de cada um de nós. Vamos, de forma compartilhada, construir e (re)escrever a história da escola pública do nosso país, considerando a nossa própria história. Para tal, é preciso deixar fluir nossos sonhos, nossos ideais, sem perder de vista o compromisso com a mudança da escola.

TEXTO 1 – O FUTURO DESEJADO

Vamos relatar uma passagem vivida por Paulo Freire em Guiné-Bissau, na África, que nos permite refletir sobre o assunto desta aula.

Uma militante do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, uma espécie de vice-ministra da Educação, ao conversar com Paulo Freire, contou que um homem chamado Amílcar Cabral, grande líder do movimento de libertação na Guiné-Bissau, costumava reunir quadros de militantes para fazer uma avaliação do movimento.

Certa noite, quando terminou a avaliação, ele olhou para os companheiros e disse:

– Agora, permitam-me sonhar.

Encostou a cabeça e começou a falar com os olhos fechados e, como bom africano, gesticulando. Falou por mais de quarenta minutos sem que ninguém o interrompesse. E quando parou, riu, e era como se estivesse voltando do futuro. Alguém entre eles, um pouco embaraçadamente, lhe disse:

– Mas camarada Amílcar Cabral, isto é um sonho.

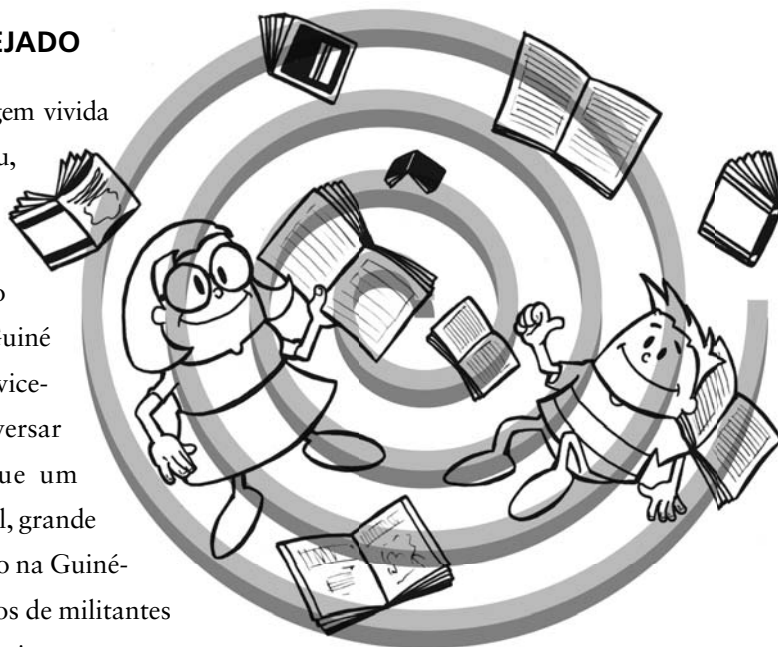
E Amílcar disse:

– Exato, isto é um sonho, e aí das revoluções que não sonham.

Diante dessa narrativa, Paulo Freire conclui, com sua habitual simplicidade:

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, se atrelem a um passado de exploração e de rotina.

Por mais esse ensinamento de Paulo Freire acreditamos, sim, que é preciso agir, fazer, construir, mas sempre apoiados no sonho, no desejo, na reflexão, pois a Educação é um sonho possível, se enfrentada com ética, com respeito às diferenças, com o reconhecimento da alteridade.



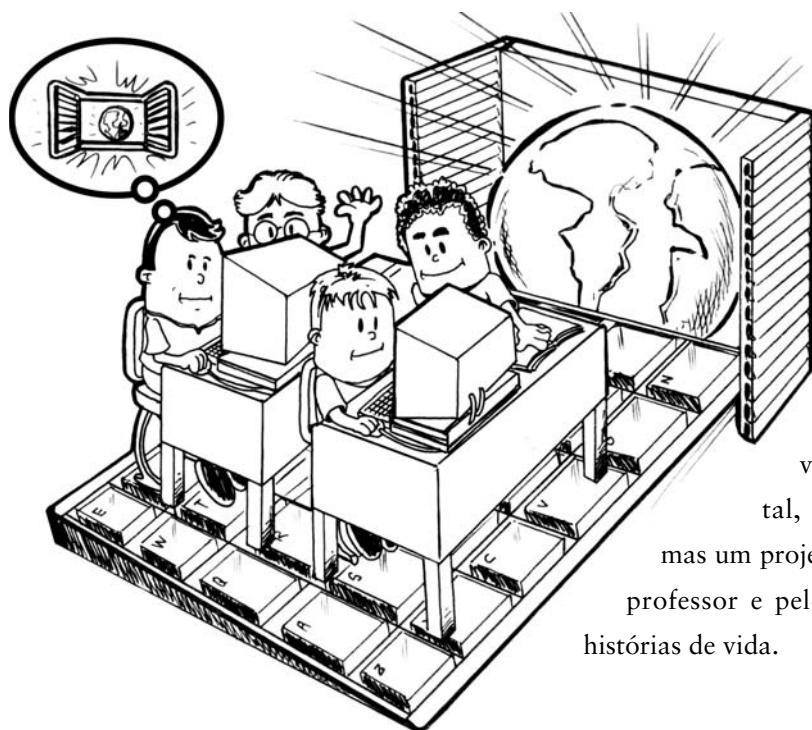
Isso exige de cada um de nós pensar e repensar nossa prática diariamente, a cada segundo, visualizando, assim, o futuro sonhado e desejado, que, neste momento, é a construção de uma escola verdadeiramente cidadã.

TEXTO 2 – SALA DE AULA: UM CURRÍCULO QUE SE FAZ

O debate sobre a importância de um currículo flexível nas escolas tem sido acompanhado de intensa reflexão sobre o significado de sala de aula, a participação do aluno e da comunidade no processo de construção de conhecimentos.

Tais aspectos devem ser concretizados por meio de metodologias de ensino-aprendizagem problematizadoras, confrontadas com a realidade brasileira e com a realidade regional e apoiadas em princípios como:

- Democratização do conhecimento.
- Exercício do processo dialético teoria/prática.
- Participação efetiva da comunidade nas decisões da escola.
- Visão integrada do social, situada no tempo-espaço vivenciado.
- Relação interativa escola/sociedade.



Tendo por base tais princípios, não se pode conceber, hoje, uma formação acadêmica que se restrinja, apenas, a transmitir os ensinamentos em sala de aula ou a levar o aluno a aprender a aprender, como você já viu em Prática 1.

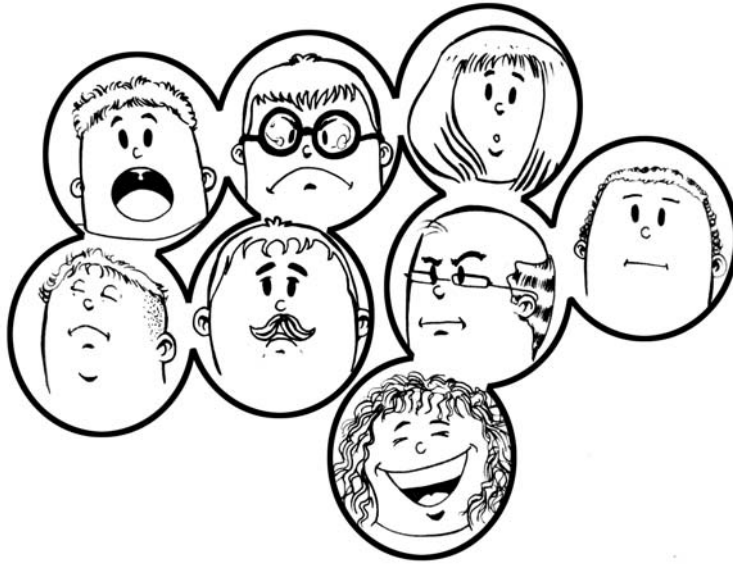
É necessário o entendimento de que tudo que se faz e se vivencia na escola é currículo e, como tal, não é algo definido e definitivo, mas um projeto que se forja, no cotidiano, pelo professor e pelos alunos, considerando as suas histórias de vida.

O professor não “dá aulas”. Ele faz a aula com seus alunos, tanto nos cursos presenciais como em nosso caso – a distância.

Portanto, o currículo precisa considerar a flexibilização como uma de suas principais características. O estudo sobre o cotidiano tem sido um dos caminhos utilizados para superar a rotina e a rigidez da sala de aula, pois possibilita o olhar, o ouvir, o sentir da escola para as transformações que ocorrem no dia-a-dia – um verdadeiro cenário em movimento.

Para Water Benjamin, as histórias de vida de cada um de nós dão origem a outras histórias, numa seqüência infinda. Essa dinâmica é ilimitada e possibilita a constituição de outros relatos, de outros textos.

Esse pensamento fortalece a idéia de que as histórias, os depoimentos contados pelos professores e por seus alunos são fundamentais no processo de construção da escola desejada. Temos, então, exemplos de como a escola vai produzindo a experiência de sermos professores e estudantes. Embaralhando-nos como pó e a estrada de que são feitas as submissões, ajudamos a criar a escola e a sociedade.



Com a metáfora que utilizamos, podemos compreender que, muitas vezes, nós não somos capazes de ouvir as outras pessoas, escutar suas vozes e percebermos seus ecos, porque ensurdecemos. A vida representa muitas possibilidades de manifestações. Precisamos estar atentos para o que ela nos traz, nos mostra. É preciso acreditar na possibilidade das pessoas, investir nessas possibilidades. É necessário retirar o manto de invisibilidade que, muitas vezes, é colocado por nós mesmos. Isso exige sensibilidade, estudo e prática reflexiva.

A nossa formação docente é marcada, predominantemente, por preconceitos que nos impedem de perceber e sentir a riqueza que se apresenta a todo momento à nossa volta. Assim a riqueza das fábulas, o entendimento das metáforas, o repensar dos adágios e outras construções de linguagens que nos “moldam” a cada dia, sem que muitas vezes percebamos seus propósitos.

Muitos exemplos e histórias poderiam ser relatados por cada um de nós. Vamos iniciar esta contação de histórias? Que tal começar com um fato do nosso cotidiano?

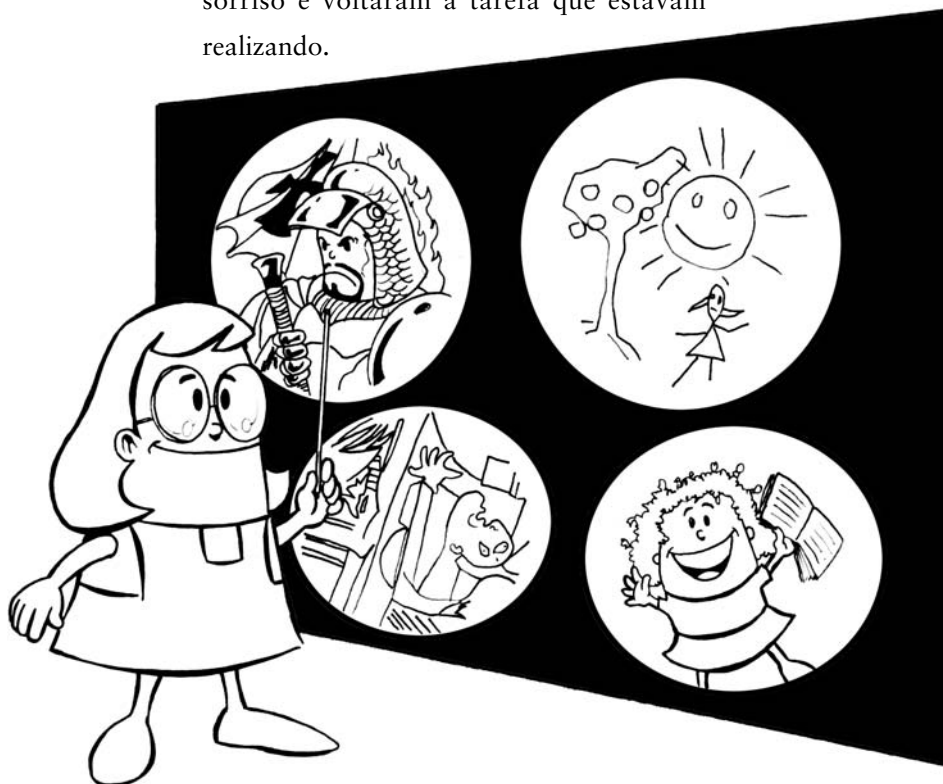
Contando histórias...

Podemos iniciar essa contação de histórias com um fato vivido por nós, em uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

Certo dia, Camila, aluna que já estava repetindo, hávia três anos a 1ª série do Ensino Fundamental, entra correndo e sorrindo na sala dos professores e diz, eufórica:

– Sabe que eu já sei ler e escrever?

As professoras, por pensarem já conhecer a história não só desta aluna, mas de toda a turma repetente de 1ª série, não deram a devida atenção ao que a menina dizia. Olharam em sua direção, deram um pequeno sorriso e voltaram à tarefa que estavam realizando.



Camila ainda ficou parada na sala, por alguns momentos, como se estivesse aguardando alguma outra manifestação. Então, saiu sem ser notada. Logo em seguida, voltou trazendo o seu caderno. Sacudindo-o e empinando-o, mostrou o seu troféu. E disse:

– Olha aqui o que eu escrevi.

Os professores, surpresos, constataram que a menina já registrara algumas palavras, tais como sua cabecinha lhe permitia. As professoras perguntaram:

– Como você conseguiu? – E a menina, feliz, disse:

– Antes eu não queria aprender. Agora eu quero.

Precisamos apresentar neste relato um personagem de real importância: Marina, professora nova na escola, que, por não ter um preconceito formado sobre os alunos dessa turma, apostou na potencialidade de cada um.

A entrada desse personagem muda o cenário da escola. Traz um novo movimento, uma nova dinâmica. Altera relações. Faz repensar práticas e rotinas. Quebra preconceitos. Provoca inovações.



ATIVIDADE 1

Pense um pouco sobre sua escola. Você já vivenciou alguma situação deste tipo? Quantas outras situações inovadoras você vivenciou que poderia relatar? Procure descrever fatos que abordem questões como:

- Inovação.
- Solidariedade.
- Respeito à diversidade.

CONCLUSÃO

Vivemos um momento instigante na educação brasileira. Deixar pulsar o “coração das escolas”, vencer barreiras de rotinas tradicionais implica renovação de temáticas e práticas pedagógicas que efetivamente caracterizem conhecimento a respeito da diversidade na vida. Colocar em pauta essa discussão é um dever democrático que exige firmeza de caráter, vontade de aprender e ação reflexiva para reconhecer “lições diárias” que se somam no decorrer de nossa formação.

RESUMO

A sala de aula supera o espaço presencial e se diversifica nos múltiplos cenários onde a aprendizagem acontece.

Os princípios de solidariedade e respeito às diversidades fazem parte da complexidade da vida.

A criação de um espaço de interatividade inclui você e seus alunos, sua comunidade e seu entorno, e, nós, suas professoras do Cederj.

A manutenção da capacidade de sonhar, de inventar; a sua coragem de denunciar e anunciar um futuro sem a exploração e as rotinas do passado são importantes para a dinâmica da sala de aula.

O reconhecimento da alteridade no enfrentamento da ética respeita as diferenças da identidade.

O currículo escolar confrontado com a realidade brasileira deve ser flexível, considerando as condições locais e sociais de adaptabilidade.

As linguagens metafóricas dos contos e relatos instigam a reflexão sustentada na sensibilidade dos fatos, no movimento do olhar, na preparação para uma escuta mais atenta.

ATIVIDADE FINAL

Caminhos do Coração

(Gonzaguinha)

(...) Aprendi que se depende, sempre,
De tanta, muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.
E tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente,
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho,
Por mais que pense estar.
É tão bonito quando a gente pisa firme,
Nessas linhas que estão

nas palmas de nossas mãos.
É tão bonito quando a gente vai à vida,
Nos caminhos onde bate,
Bem mais forte, o coração.

Desse poema que Gonzaguinha nos apresenta, alguns ensinamentos são importantes para o professor. Leia-o atentamente e procure discuti-lo com seus amigos ou com seu tutor.

Relate um fato que mostre que: "toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas".

AUTO-AVALIAÇÃO

Esta aula trouxe uma série de conhecimentos que ampliam a dimensão do conceito de sala de aula. Incluindo os princípios de solidariedade e de respeito às diversidades; você pôde perceber a complexidade das relações que são vivenciadas nesse espaço. Caso você tenha sentido alguma dificuldade sobre os temas abordados, consulte seu tutor. Sugestões também são bem vindas.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Dando seqüência ao conteúdo desta aula, serão focalizados outros casos em que o ato pedagógico se verifica na mudança de comportamento do aluno e também na apropriação de conhecimentos relativos à significação das histórias de vida. Serão abordados aspectos da memória que, lembrados, tomam um novo significado.

Ato pedagógico: casos e contos

AULA 2

Meta da aula

Perceber a importância dos fatos e relatos como parte do ato pedagógico.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Reconhecer a importância do significado das histórias de vida, descritas de forma a apresentar problemas que instiguem discussões sobre a prática pedagógica.

Pré-requisito

Para facilitar a leitura desta aula, faça uma reflexão sobre o conceito de sala de aula, integrando diversos cenários pedagógicos e as relações que se estabelecem no ato de ensinar.

Que importa um dia! O ontem está alerta ao amanhã, o amanhã ao infinito; homens de Espanha (do mundo), nem o passado morreu, nem o amanhã, nem o ontem, está escrito.

Antônio Machado

INTRODUÇÃO

A ânsia de uma publicação mais densa sobre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, fazendo uso de **casos e contos** que circulam paralelamente aos “textos escolares” (em alguns momentos chamados didáticos), mostra a precariedade dos relatos nos quais os alunos vivem situações de contentamento, satisfação, alegria... uma emoção mais profunda.

Notícias de violência, exacerbadas pela mídia, informações sobre costumes de outros povos ou hábitos que nos causam estranheza, seguidos de histórias de terror, são comumente trazidas pelos alunos à revelia do professor.

A aula de hoje se propõe a revolver em você algumas memórias, fazendo uma retrospectiva dos fatos marcantes em sua vida. Não é um exercício de psicanálise; muito menos um processo terapêutico, embora isso possa acontecer. Quando retomados e discutidos na intenção de agregar novos sentidos à experiência, esses fatos propiciam a preservação das identidades pessoais e nacionais. Prepare-se para selecionar e redigir seus contos.

Casos vivenciados, contos que trazem mensagens mediante o fascínio das fábulas, o encadeamento do riso ou o impacto de um fim inesperado permitem um jogo de tensões. O equilíbrio, a busca da relação entre o bem e o mal, o segredo de um filme inesquecível, de um recanto memorável e de um acalanto sempre desejado são uma fonte riquíssima de conhecimento, de aprendizagem de conceitos e de busca do significado dos fatos. Você já sabe disso? Não?



TEXTO 1 – FATOS E RELATOS NO TEMPO PRESENTE

Inúmeros são os motivos que mostram a necessidade de um estudo mais acurado sobre aprendizagem e as circunstâncias em que ela ocorre.

A emoção que as lembranças nos trazem é tratada por alguns teóricos que devem ser consultados para melhor entendimento das diferentes abordagens possíveis.

Você, neste momento, deve estar curioso para saber de qual autor (vivo ou morto) falaremos em troca de uma sustentação teórica, mas isso fica para depois... e para sua própria escolha, após a leitura desta aula.

Desenvolver conceitos, hábitos e atitudes, reconhecendo a “ética oculta” na situação presente nos discursos, é uma imposição aos mestres e cidadãos que se pensam democráticos, críticos e reflexivos. Extrair dos diferentes relatos o significado dos fatos que eles expressam, as aprendizagens que promovem, é um desafio pedagógico de hoje, qualquer que seja o espaço da sala de aula.

Sabemos que é um hábito muito antigo, muito além do tempo de Sherazade, contar histórias para crianças, sendo uma tônica de nossa civilização. Entretanto, foi a partir da época de Bruno Bettelheim, autor de *A psicanálise dos contos de fadas*, que se introduziu uma novidade para os pedagogos e para nós, professores.

Para responder ao bombardeio de casos e contos, muitas vezes fabulosos, que surgem durante a aula, o professor pode tomar de assalto a fala do aluno para iniciar sua aula, mas não é bem assim que deve ser.

Uma fala marcada pela ironia, que apresenta um texto mais engraçado, em uma linguagem mais jocosa, pode dar início a um ensino que torne o estudante mais sagaz, mais hábil em suas conclusões, mais atento em seus julgamentos.

Como professores de Prática de Ensino, temos de deixar um alerta para que o **uso pedagógico dos contos e casos** seja um momento em que se descubra nas velhas histórias, histórias de vida contadas e nem sempre registradas, a tradição inventada e nem sempre consagrada, mas sempre lembrada.

Nos pensamentos heterogêneos que marcam as diferentes teorias pedagógicas, vemos que as pesquisas mais recentes deixam transparecer o quanto de intencional e oculto existe nas falas não muito literárias, mas bastante poéticas (arte e criação); poesia esta que precisamos reconhecer na fala do aluno, dando-lhe o direito de inventar, sonhar e **desejar o estudo como princípio de realização** nas ações do cotidiano.



Conheça melhor seus alunos fazendo com que eles se sintam atraídos e satisfeitos em participar do trabalho do grupo, em ir à escola. Use a sua criatividade para encontrar **coisas** que tragam boas lembranças e criem laços afetivos.

Na primeira aula você teve oportunidade de, **junto** com Gonzaguinha, pensar nas marcas que os outros nos deixam nas diferentes aulas de vida, nos caminhos do coração.

Hoje, sem esquecer os livros de literatura, mas relatando fatos vividos, você terá muitas histórias a contar e a ouvir.



ATIVIDADES

1. Organize com seus alunos um mural ou um álbum de histórias vividas e contadas por eles.

Resposta comentada

Mostre sempre que a experiência tem perdas e ganhos. Procure se fazer presente neste “palco de histórias”, valorizando sempre as diferentes falas que surgem nessa forma de aula.

Note que essa é uma atividade de pesquisa (de buscas orientadas) em que muitas informações sobre os alunos e suas famílias, seus gostos e intolerâncias, seus atos mais favoritos podem aparecer.

2. Peça a seus alunos que visitem seus avós, vizinhos e perguntem sobre suas lembranças e os fatos marcantes de suas vidas.

Resposta comentada

Selecione com eles livros de história, de poesia, de contos, cantos e recantos que ficaram na memória e devem ser relatados em forma de recreação e com muitos ensinamentos.

3. Encaminhe ao pólo o produto dessas atividades para discuti-las com seu tutor.

TEXTO 2 – MEMÓRIA E SIGNIFICADO DOS FATOS CONTADOS

Uma das realidades importantes das últimas décadas é o progresso extraordinário do campo de Pedagogia e das Ciências da Educação. Milhares de investigadores produzem textos e documentos que põem em questão tudo o que nós conhecemos sobre teorias de aprendizagem, de formação de conceitos, de ensinar a ensinar-se.

Pesquisas são relatadas em seminários, congressos e cursos de atualização, deixando-nos pouco confortáveis no desempenho de nossas ações como profissionais.



A estratégia de “desapossar” outros professores dos seus saberes tradicionais serve a um discurso de inovação, de mudança na investigação, de formação do professor reflexivo e de um novo *design* para a educação.

Curioso, entretanto, é que muitos problemas continuam os mesmos e sem discussão. Se um professor se dispõe a lançar dinâmicas pedagógicas novas, terá, provavelmente, dificuldades de levar a termo sua proposta. Se não fossem as críticas dos colegas, seriam os pais dos alunos ou eles próprios a rejeitar, a resistir a qualquer mudança que restringisse as liberdades essenciais e os hábitos já adquiridos. Sabemos que a perspicácia, e a formação de talentos para um bom desempenho de qualquer ofício têm de ser aprendidas e treinadas de forma consciente e variável em diferentes situações.

Queremos deixar claro que esta fala não se posiciona de forma contrária ou inibidora de novos discursos, novas teorias, até porque todos dizem que “nada há de mais prático do que uma boa teoria” que não seja pragmatista (só pra descontrair um pouco para recomeçar).

Pare de ler um instante!... Percorra o ambiente com o olhar e relaxe – não é uma aula de ioga.

É um momento de pausa para reflexão. Sem buscar nos livros que já leu, lembre-se dos seus professores... Quantos se foram e nem lembranças deixaram? Outros ficaram, não em “um lugar do passado”, mas na memória viva e muito presente nos presentes que deixaram... Deixaram fotos, músicas, contos e poesias, deixaram muita emoção, trouxeram muito carinho... O que você aprendeu com eles ou elas (quem sabe?)



De repente vem uma lembrança e você visualiza, traído pela emoção, justamente quem não quer, mas que deixou sua marca tão forte, de forma tão indelével que não se apagou jamais.

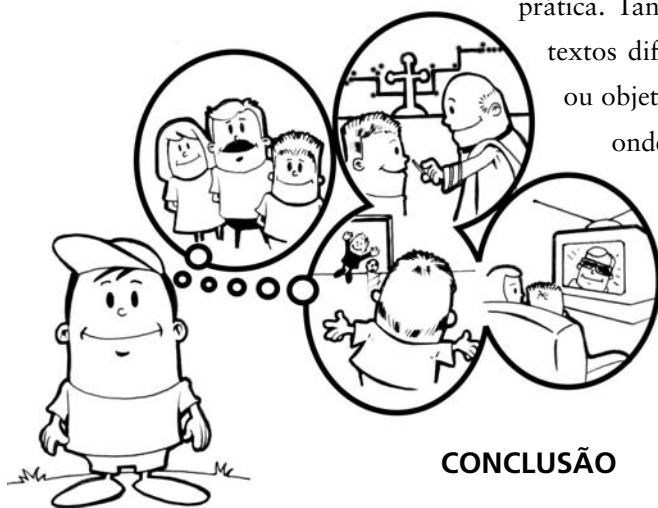
Cada um de nós tem, do passado, uma imagem, uma contribuição da experiência cotidiana onde se apóiam suas aprendizagens e onde se funda-menta seu ensino. Ninguém deixa na porta da escola sua bagagem, sua mochila, sua mala (mesmo que seja uma “mala sem alça”). Alunos, professores, pais, diretores, secretários, inspetores, auxiliares em geral e todos os demais profissionais da escola se inter cruzam e se entrelaçam formando uma cumplicidade, um conjunto de indivíduos que se inserem nos grupos e no coletivo que se tece em cada dia de convívio.

Uma série de fábulas, contos, lendas e casos, além de muitas anedotas, explode na intimidade da escola e multiplica as linguagens em jogo. Assim, cada vez mais, se mesclam a linguagens em diferentes formas e modalidades. Com isso, sabemos que você, assim como nós, em conversa com os seus alunos, sente como se fosse “papo de bêbado” – todos falam mas ninguém se entende, e nem precisa. Cada um “fica na sua” e se sente muito bem, na Torre de Babel.



O conservadorismo dos programas, apesar dos Parâmetros Curriculares e do **material didático** mais acessível aos estudantes, e a mentalidade de que só se estuda na Escola limitam a dimensão do ato pedagógico e deixam os professores cada vez mais inseguros em sua prática. Tantos livros, tantos lápis e canetas, tecem textos diferentes. Compram-se brinquedos, jogos ou objetos de recreação, que fazem parte da sala onde a aula acontece.

Pare e remexa no seu baú de lembranças e, a partir de uma das cenas mais banais do cotidiano com crianças, pense em um caso provavelmente, vivido por você.



CONCLUSÃO

A compreensão de que o ato pedagógico não se encontra isolado e separado na vida dos estudantes traz a necessidade de relacioná-los com as experiências individuais. Isto implica associar o fato (a parte viva, ativa e inseparável do passado) do futuro projetado e confabulado nos discursos de hoje, na ação presente.

Incluir no espaço da sala de aula o uso de memórias cotidianas favorece a preservação das identidades que se formam no convívio, nos diferentes grupos sociais, entre estes e os escolares.

RESUMO

- O ato pedagógico integra as experiências vividas e projetadas pelo indivíduo na formação de sua identidade.
- A importância do uso da memória cotidiana é fundamental para o entendimento e a resignificação das experiências passadas que influem no presente.
- Uma escola mais atraente e mais significativa, é necessária para que o aluno tenha prazer de estudar.
- A valorização dos relatos pessoais deve ser considerada no processo inicial de reflexão e de aprendizagem.
- O reconhecimento dos diferentes discursos pedagógicos expressos no jogo de linguagens do cotidiano se faz premente.
- Os relatos devem ser confrontados com as memórias dos fatos pensados e suas tradições.

ATIVIDADE FINAL

Converse com os alunos sobre as aprendizagens contidas nos diferentes momentos da vida e nas diversas formas de linguagem em que se apresentam.

As realidades históricas vividas nos contos e casos do dia-a-dia dão ao professor oportunidade de, refletindo sobre elas, perceber os diferentes sentidos dos fatos de ontem analisados nos dias de hoje.

Torne a sua aula mais atraente, mais interessante, mais objetiva e mais prática.

Dê um crédito aos seus alunos e ouça atentamente as histórias que eles contam. Experimente e anote os resultados desta aula dialogada.

AUTO-AVALIAÇÃO

Dando seqüência à ampliação do conceito de sala de aula, revisado na aula anterior, você teve, nesta aula, a oportunidade de ver e discutir a influência que a tradição nos relatos do passado têm em relação à aprendizagem. Você pôde perceber como os relatos influem na ação pedagógica? Pensando no ato pedagógico em sala de aula, que mudanças o uso desses relatos pôde promover? Em relação a sua formação profissional, que experiências foram marcantes em sua vida?

Com as atividades desta aula, você pôde rever os significados das histórias como questões discutidas na Prática de Ensino1?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A Aula 3 é centrada no contexto vivenciado pelo professor, compartilhando com seus alunos o espaço social da escola. Fazer uma investigação coletiva deste contexto traz a possibilidade de reconhecer as representações em que se funda e se fundamenta a ação educacional.

Representações coletivas: ação discente e docente

Meta da aula

Esta aula tem por meta reconhecer as representações em que se funda e se fundamenta a ação educacional (por meio de investigação, realizada pelo professor e seus alunos), no contexto social vivenciado em suas experiências práticas.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Comparar os depoimentos contidos no texto com a realidade vivida por você em sua escola.

Pré-requisito

O reconhecimento de que o ato pedagógico integra experiências vividas, no cotidiano, relatadas pelo professor e alunos.

E a história não se desenrola apenas nos
campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais.
Ela se desenrola também nos quintais, entre
plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas
de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas,
nos namoros de esquinas.
Disso eu quis fazer a minha poesia.
Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida
obscura e injustiçada, porque o canto não pode
ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o
nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas
que não têm voz.

Ferreira Gullar

INTRODUÇÃO

O poema de Ferreira Gullar nos faz refletir sobre o nosso cotidiano, bem como sobre as experiências que compartilhamos com tantas pessoas que passam e, ao mesmo tempo, ficam em nossas vidas.

Brecht, em momento de grande inspiração, diz que “a água que puseste no teu vinho jamais poderá ser retirada”. As vivências são múltiplas, se inter-relacionam, se misturam como o pingo de água no vinho e se tornam indissolúveis. Marcam a nossa existência. São interdependentes, influenciando umas às outras.

Nesse sentido, o nosso ser e as nossas ações transcendem ao somatório de tais experiências. Não podem ser vistos isoladamente. Portanto, por mais que possamos considerar uma atitude pequena, sem maior significado, ela pode ter consequência de grandes proporções. Por exemplo, uma palavra elogiosa ou, ao contrário, um olhar desrespeitoso ou preconceituoso podem ter efeitos imprevisíveis na nossa formação ou na dos que nos rodeiam. As atitudes e ações que tomamos podem influenciar comportamentos de outras pessoas, de forma não-mensurável.

É preciso, também, ter a clareza de que tudo está mudando o tempo todo. Portanto, em vez de tentar controlar todas as situações, deveríamos nos permitir, em primeiro lugar, viver o presente, compreender as mudanças, respeitar as importantes diferenças que existem na Natureza.

Você já reparou que, normalmente, valorizamos o que é semelhante àquilo em que acreditamos e ao que fazemos?

O que é igual para todo mundo passa a ser tido como o melhor. Será verdade? Vamos pensar juntos: uma informação nova pode gerar muitas formas de interpretação, não é mesmo? Isso deveria ser percebido com naturalidade, pois todos nós somos ambíguos, contraditórios. Essa é a grande riqueza:

o inesperado. O desafiante é tirar proveito de toda essa divergência.

Mas como proceder? O texto que vem a seguir relata experiências que talvez façam parte de outras vivências de que você já ouviu falar ou, mesmo, experienciou. Trata, especificamente, da complexidade do cotidiano, que é preciso considerar, reconhecer, pois a construção de conhecimentos é uma verdadeira metamorfose, onde os saberes e fazeres são compartilhados, intrinsecamente relacionados.



TEXTO – CAMINHOS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

O presente texto é baseado em depoimentos de uma professora do Ensino Fundamental, formada há cerca de dez anos, atuando em escola pública do município em que mora, casada, com dois filhos entre quatro e oito anos, que, além de exercer a sua profissão, tem todos os encargos domésticos semelhantes à maioria das mulheres trabalhadoras do nosso país. Diz ela:

Em um domingo chuvoso, sem trabalhos escolares para corrigir, já cumpridas algumas tarefas do dia-a-dia de casa, sem programas que me atraíssem na televisão, resolvi percorrer os corredores de um *shopping*. Passei os olhos pelas vitrines iluminadas, parei em algumas lojas e, quando percebi, estava em uma grande livraria. Logo eu, que pretendia arejar a cabeça, sem ter grandes preocupações de ordem profissional ou doméstica!

Mas, passo a passo, fui me encantando com a fantasia dos livros. Percorri várias seções: da literatura infantil aos livros de auto-ajuda. Adivinhem onde fui parar? Nas estantes que indicavam “Livros de Educação”. Comecei a folhear alguns. A princípio, a escolha se deu pelas capas mais atraentes e pelos títulos chamativos, do tipo como enfrentar o fracasso escolar”. E, nesse momento, começou o desafio. O que será de tão inovador que esses autores trazem que ainda não tenha sido apresentado por outros autores, ou tentado por nós? Devaneei um pouco. Imaginei qual seria a dica genial que transformaria a nós, professoras e professores, em profissionais que conseguissem, como em um passe de mágica, acabar, ou pelo menos diminuir, com as grandes dificuldades que enfrentamos junto com os alunos na escola?

Resolvi pagar para ver. Comprei com sacrifício, em parcelas, pois a livraria estava oferecendo “promoções” para alguns desses livros. E fui para casa tentar descobrir outras verdades ou, quem sabe, soluções. Pensamentos e mau tempo à parte, depois que analisei o conteúdo dos textos cheguei à seguinte conclusão: não existem modelos, propostas perfeitas que possam ser aplicadas como solução. O que li não parecia totalmente novo para mim ou para meus colegas da escola. Nas reuniões pedagógicas já ouvimos falar sobre muitos assuntos contidos nos livros. Aí, pensei: a maior parte do que li não é novo para mim e, talvez, para os meus colegas. Mas, porque, até agora, poucos de nós colocam em prática tais pensamentos? Acredito, portanto, que novo é experimentar fazer o que acreditamos. É passar a olhar o mundo, e a escola nesse mundo, com um outro olhar. É permitir olhar e ver, ouvir e escutar, perceber e sentir. É buscar maneiras concretas de “fazer acontecer”.

Nesse momento, eu me lembrei da conversa de Ana e Regina, duas professoras da escola onde trabalho, que, na hora do recreio, faziam comentários sobre a última reunião ocorrida com os responsáveis pelos alunos das suas turmas. Os comentários, se me recordo bem, pois quem conta um conto aumenta um ponto, foram os seguintes:

- Nossa! Que falta de interesse dos pais! Você reparou que nem a metade do número de responsáveis apareceu na reunião?
- Pois é! O professor se desgasta, prepara tudo, organiza uma dinâmica interessante e ninguém aparece.
- Depois eles ficam reclamando que não sabem por que os filhos são reprovados.
- E aquela mãe que falou sobre a falta de interesse da filha pela escola?

– É um absurdo! Também, respondi à altura, dizendo que cabe ao professor dar a matéria e cabe ao aluno se esforçar para aprender.

– E o pai do André, que perguntou se ele podia dar uma “olhadinha” no programa da terceira série, e insinuou que seria bom se a escola organizasse um passeio para os alunos?

– Será que ele pensa que escola é lazer? Foi bom você ter explicado a ele que o currículo da nossa escola foi feito a partir dos principais conteúdos retirados de livros didáticos conceituados, e que não há tempo para atividades extras.

– Ainda bem que a maioria dos pais tem consciência das limitações dos seus filhos.

Nesse momento, Ana e Regina interromperam a conversa:

– Fim de papo! Lá vem a Vera com aquelas idéias malucas. Acho que é falta do que fazer. Veja se tem cabimento organizar reuniões para discutir a escola que queremos. Eu ganho pouco e já tenho muito que fazer em minha sala de aula. Além do mais, isto é tarefa para a direção da escola, para a supervisora...

– Por falar nisso, você já entregou o seu planejamento de ensino?

– Claro que sim! Copiei tudo do ano passado. Só mudei a data.

O sinal tocou, indicando o fim do recreio. Todas nós retornamos para as nossas salas. Naquele momento, esqueci o assunto e voltei aos trabalhos rotineiros com meus alunos. Porém, passados alguns dias e, quem sabe, influenciada por aquele domingo chuvoso e pela falta de opção de como preencher o tempo, comecei a analisar o conteúdo daquela conversa.

Apesar de não querer rotular as minhas colegas, considerei que suas afirmações estavam muito centradas numa **escola reprodutivista**, isto é, uma escola que mantém o centro das atenções na verdade do professor, que considera o fracasso escolar como responsabilidade do próprio aluno, que não acredita nas potencialidades e possibilidades de cada pessoa. Muito me preocupou esse pensamento. Pensei na minha própria prática. Como me relaciono com meus alunos? Mais ainda: **como nós, profissionais da escola, estamos discutindo a própria idéia de escola e, conseqüentemente, de educação?** Percebi o isolamento que existe na minha escola.

Cada um entra em sua sala e desenvolve o seu trabalho. E aí me perguntei: por que não desenvolvemos o nosso trabalho? Por que não discutimos em conjunto as nossas dificuldades, que, muitas vezes, podem ser, também, as dos demais colegas? E a opinião dos pais, mães, responsáveis pelos alunos? Lembrei da última reunião que fiz. Chamei os responsáveis apenas para entregar o boletim. Porém, eu tenho consciência de que não deve ser só assim. O que me faz, e também a tantos outros professores e professoras, agir dessa forma, se temos conhecimentos teóricos de que a escola deve trabalhar a crítica, a ética, considerando a diversidade de pensamentos, as histórias de vida de cada um?



Um dos livros que comprei na tal livraria foi *Pedagogia da autonomia*, do nosso grande mestre Paulo Freire. Ao final do livro, na página 155, ele fala da formação dos professores e das professoras. Isso me fez pensar muito! Ele diz que essa formação devia insistir na constituição de um saber imprescindível, que chama de “contorno ecológico, social e econômico em que vivemos”. Tal saber deve-se conjugar ao “saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham”. Acrescenta, ainda, que não existem dúvidas sobre “as condições materiais em que e sob que vivem os educandos”.

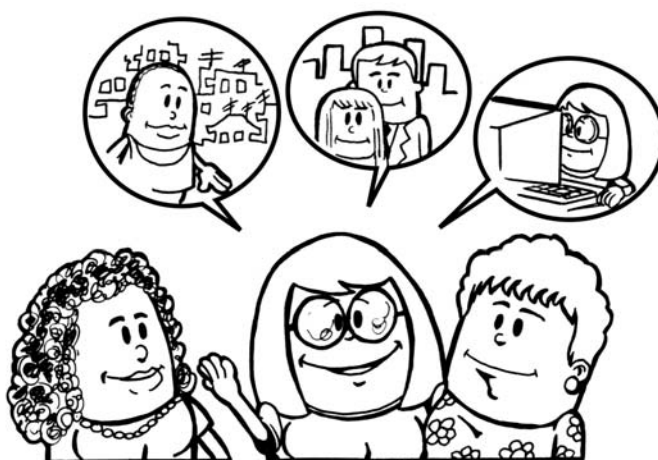
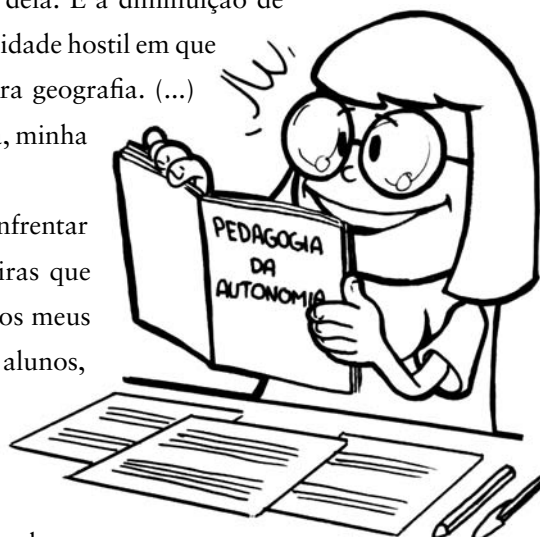
Paulo Freire afirma que essas condições lhes “condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios”. Aí vem um grande ensinamento. Paulo Freire diz para ele e para todos nós: “Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem compartilho a minha atividade pedagógica.

Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. (...) O fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo.”

Essa leitura me deu pistas. É necessário enfrentar esse desafio de diminuir a distância, as barreiras que colocamos ou que são colocadas entre mim e os meus alunos. A comunicação entre nós profissionais, alunos, comunidade é fundamental. Nesse momento lembro de Vera, a professora que as outras colegas dizem que tem “idéias malucas”: é preciso ter esperança, acreditar que é possível sonhar, idealizar a escola que queremos e que vamos construir juntos.

Já era noite. Nem me dei conta: a chuva tinha parado. As crianças foram dormir e eu também fui, fortalecida com o pensamento de Paulo Freire:

É preciso reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescindia da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (...). Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não da sua transformação (p. 161 e ss.).



Tomei uma decisão: logo na segunda-feira iria procurar Ana e Regina para conversarmos, pois elas demonstravam um *discurso fatalista*, de que não adianta fazer nada, pois não há expectativa de mudanças. Elas me deixaram com a imagem de que estavam acostumadas à rotina, a realizar atividades sem pensar o para que e o porquê de suas ações. Ainda mais, pretendo me juntar a Vera. Conhecer mais suas idéias e compartilhar com ela, e com mais quem desejar, a tarefa de compartilhar a prática educativa, pois, como nos aponta Paulo Freire:

Foi sempre com prática de gente que entendi o que fazer docente.
De gente inacabada, de gente curiosa, inteligente, de gente que pode saber, que pode por isso ignorar... (p. 164).

E dormi com a certeza de que vale a pena lutar contra os determinismos e que, ainda ouvindo Paulo Freire, “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”.



ATIVIDADES

Etapa 1: Faça uma análise do diálogo das professoras. Indique os fatos com que você concorda e os de que você discorda, justificando a partir da sua concepção de função da escola, do seu entendimento sobre o papel do professor, do aluno, do conteúdo escolar, da participação dos responsáveis na ação educacional.

Etapa 2: Escreva um texto apresentando suas idéias e procure o seu tutor para discutir com ele.

Etapa 3: Realize uma coleta de opiniões com depoimentos de professores, profissionais da escola (equipes de direção, pedagógica, de apoio geral), alunos, responsáveis, representantes da comunidade vizinha à escola, tendo como foco as práticas educativas que vêm sendo realizadas.

Etapa 4: Compare tais depoimentos com o texto desta aula. Tire suas conclusões e as envie para a coordenação do seu pólo. Você estará contribuindo para o reconhecimento das representações em que está se fundamentando a sua escola, por meio de investigação, realizada por você, com a ajuda de seus alunos, a partir de experiências vivenciadas, percebidas pela comunidade escolar. Com isto você estará fazendo sugestões de atividades que o pólo poderá desenvolver.

CONCLUSÃO

O relato apresentado nesta aula permite o levantamento de questões para favorecer o diálogo com os alunos, buscando uma aprendizagem mais ativa, motivada e compartilhada com seus colegas e a comunidade escolar.

RESUMO

- A reflexão sobre o cotidiano da escola e sua complexidade fundamenta a ação educacional.
- O compartilhar experiências, tirando ensinamentos da própria divergência de opiniões, consolida a ação dialogada.
- A importância de colocar em prática os nossos conhecimentos, considerando que os saberes e fazeres são intrinsecamente relacionados, é um desafio que permanece constante.
- Os relatos pessoais como processo inicial de reflexão e aprendizagem precisam ser mais valorizados.
- A comunicação e o diálogo entre profissionais da escola, alunos, responsáveis e comunidade como mecanismos fundamentais para a participação de todos no processo de construção da escola desejada devem ser praticados.
- O nosso processo de intervenção no mundo, a partir de decisões éticas e políticas, diminui a distância que nos separa de nossos alunos em suas dificuldades de vida e de aprendizagem.

AUTO-AVALIAÇÃO

Refleta sobre algumas questões:

1. Na sua escola os profissionais compartilham suas práticas pedagógicas?
2. Você se sente parte integrante do processo de decisões sobre os rumos das ações educativas da sua escola?
3. No caso de as respostas anteriores se apresentarem de forma negativa, como você está agindo?

Encaminhe ao pólo as suas reflexões. Elas são fundamentais para ampliar o conhecimento sobre as práticas que vêm sendo efetivadas nas escolas e para, em conjunto, encontrarmos caminhos que auxiliem a todos nós a construir a escola que as nossas crianças precisam e a que têm direito.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula se propõe a valorizar a prática pedagógica em sala de aula, buscando destacar atividades de ensino que facilitem a aprendizagem e possibilitem as ações interativas no espaço escolar.

Aula prática 1

Meta da aula

Nesta aula vamos vivenciar a prática docente nos diferentes espaços de aprendizagem.

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Utilizar tecnologias que promovam a interatividade na educação presencial e a distância.

Pré-requisitos

É importante o reconhecimento dos diferentes contextos sociais de aprendizagem que torna possível investir num currículo mais aberto à interatividade presencial e on line que supera as experiências tradicionais de uma pedagogia carente de uma criação coletiva.

Aos meus alunos, que vejo alegres ou tristes quando falam, brincam, brigam, criam ou criticam, correm, colam ou calam-se, como se estrela fossem no giro do firmamento que passa, cresce e se recria, transformando a vida em um “paço de luz” que passa em cada dia em seu único passo.

INTRODUÇÃO

Esta é uma aula que todo professor gostaria de ter. Nela vamos reunir várias atividades do cotidiano, nas quais você pode perceber como a aula “se faz”, a partir da possibilidade pessoal de organizar informações.

Você sabe, com os conhecimentos que agregou neste curso, que a aula é um processo dialógico em que professor e estudante aprendem juntos.

Nas leituras de Morin, Nóvoa, Hernández, Paulo Freire e tantos outros autores já conhecidos, aprendemos teorias e tecnologias que modificam a maneira de pensar e viver a aula, a cada dia.

São poucos os livros que, em língua portuguesa, trazem uma visão geral sobre as relações entre Educação, Cognição, Linguagem e Informática. Abre-se então um universo de pesquisas que extrapola qualquer forma de organização tradicional do pensamento, o que exige da escola uma constante transformação e reformulação.

Com o intuito de “educar-se e aprender a ensinar-se”, apresentam-se diferentes visões das experiências educacionais e, entre elas, destacam-se o uso e a produção de material didático em diversos meios como o computador, a televisão, o videogame, o CD-ROM e os recursos on line.

Buscando facilitar o trabalho docente, contamos com seu empenho em realizar as atividades desta aula para um ensino mais instigante e desafiador.

TEXTO 1: PENSAR A SALA DE AULA

A todo instante, nós, educadores, nos deparamos com um rol de termos e novas expressões que, paulatinamente, vão sendo incorporados à linguagem e à prática do dia-a-dia, por força dos avanços tecnológicos e filosóficos.

A forte pressão que a sociedade exerce no sentido de que as tecnologias emergentes sejam incorporadas de forma rápida muitas vezes precipita o equacionamento de problemas mais complexos e que exigem “tempo” para a assimilação dos comportamentos esperados.

São novos hábitos que acompanham a prática do “novo” e que, às vezes, requerem a substituição dos antigos.

É com a prática do diálogo, da abertura à criação coletiva e da valorização das diferentes vivências que partilhamos, com os alunos, diferentes processos para acelerar as aprendizagens, dando a estas um sentido construído na interatividade da sala de aula.



Ensinar sempre foi uma ação dirigida a alguém que se dispõe a aprender. Partindo deste princípio, mesmo que parcialmente discutível, tocamos no mais terrível desafio à formação de professores: ensinar a si mesmo para poder ensinar aos outros.

Parece um retorno ao “Conhece-te a ti mesmo”, “decifra-me ou te devoro” e tantas outras expressões da tradição clássica que a ninguém espantaria dizer: “Ensina-te a ti mesmo” – a tarefa mais difícil do século XXI.

Tornar reflexiva uma ação (ensinar) que sempre foi dirigida ao outro para estabelecer um diálogo consigo mesmo, não é “coisa de psicólogo” e sim o “ pé de trás”, o apoio, a ínfima segurança que exige uma certeza, mesmo que provisória, para completar o passo.



Para pensar a aula é necessário que recordemos nossa idéia de aula.

O que realmente é uma aula?

Quando nos referimos a uma aula, normalmente temos em mente (mestres e estudantes, professores e alunos...) uma relação onde há alguém que ensina e alguém que aprende.

Mas..., certamente, você já não pensa mais assim.

A caracterização de uma aula vai muito além dessa visão “simplista” que perdurou séculos a fio e estabeleceu o paradigma da pedagogia da transmissão. O sentido de “aula”, hoje, acompanha a complexidade da vida e envolve diferentes meios para que a aprendizagem aconteça.

Para isso, precisamos lançar mão de alguns “recursos” didáticos que, colocados à disposição do estudante, permitam a ele uma escolha, uma decisão, uma aproximação apaixonada, uma tentativa de realização, uma ação consciente... além das fronteiras institucionais da organização disciplinar, de perguntas e respostas postas à prova, de um profissional dividido, compartimentado.

A aprendizagem pode acontecer em qualquer espaço físico ou institucional, como mostram as pesquisas mais recentes. No entanto, a assimilação, a integração do conteúdo só ocorrerá em tempo certo e individualizado, segundo as disposições pessoais. É importante lembrar que aprendemos, também, com os outros e não por um outro, sendo estes outros pessoas, presentes ou distantes, representadas em um livro, um filme, um poema, um som ou uma lembrança, um lugar marcado...



Na verdade, se pensamos que toda relação de aprendizagem é extremamente egoísta, o ato de ensinar também o é. E isto nos leva a “concluir” que o exercício de ensinar só se efetiva quando alguém, além de querer, pode aprender. E quem não pode?



ATIVIDADES

Etapa 1: Para exercitar a possibilidade de “pensar a aula” em sua multiplicidade de relações encontradas nas diferentes instituições sociais além da escola, comece saindo de sua escola. Faça este exercício sozinha ou com um colega também professor. Conheça bem o local onde se situa a escola onde você trabalha. Veja onde moram seus alunos e também você. Repare que, mesmo quando não estamos no mesmo bairro ou na mesma cidade, sempre encontramos praças, cinemas, supermercados, lojas de roupas, moradias próprias ou de aluguel, outras escolas, igrejas, hospitais e farmácias, bancos, correios, veículos que circulam em ruas de mão dupla, o prédio da prefeitura perto do rio que corre e longe das áreas periféricas.

Veja como este passeio pode fazer você rever sua sala de aula e sua prática docente presencial.

Resposta comentada

Perceba como, mesmo distante, você se transpõe para a escola e identifica os lugares que seus alunos freqüentam e comentam, diariamente. Observe as atividades culturais que podem fazer parte de sua aula e estão fora do seu planejamento.

Identifique melhor o “mundo de seus alunos” e viva com eles um currículo em que a leitura, os problemas de cálculos de matemática, as redações contam coisas do interesse deles e refletem uma vida que entra na escola, onde os alunos falam e não somente escutam, onde os textos circulam e provocam interpretações diversas a cada leitura de um outro aluno.

Etapa 2: Relate um passeio que você tenha feito com seus alunos e inclua os “trabalhinhos” que eles fizeram depois do passeio.

Resposta comentada

Procure, o seu tutor e estude com ele as possibilidades de divulgar o seu trabalho. Verifique se outros colegas do curso também apresentaram trabalhos interessantes para compor uma exposição, um mural ou participar de um seminário, de uma jornada de estudos, quem sabe?

3. Um ambiente propício à construção de conhecimento precisa aliar os modernos meios de comunicação para enriquecimento do cenário pedagógico da escola de forma a analisá-la crítica e reflexivamente.

No que se refere à televisão e em particular ao computador, é necessário que as atividades sejam rigorosamente planejadas, para que não se tornem apenas mais um entretenimento e, sim, uma das “vozes” que trazem preciosas informações extraídas da “telinha”.

Etapa 1: Selecione um dos programas de televisão que seus alunos mais gostam e marque um dia para discuti-lo coletivamente. Lembre-se de que essa discussão traz uma nova forma de produzir a vida social, de interpretar e criticar acontecimentos e personagens que fazem parte do nosso dia-a-dia, muito mais do que um parente que mora longe.

Coloque, numa conversa “despretensiosa”, os valores e as crenças que entram em jogo, num debate coletivo em que cada um dá a sua opinião e revela seus pensamentos, suas ações e transformações.

Explore a linguagem de “propaganda” que atravessa todos os programas e o quanto imitamos a fala das pessoas que aparecem na televisão.

Resposta comentada

Observe se na fala de seus alunos eles fazem referência ao computador e em que medida esta “ferramenta” pode ser utilizada em sua aula. Mostre que nas novelas, nos filmes e nos “intervalos comerciais” vemos pessoas usando o computador.

Chame a atenção deles para a frequência da expressão: “Veja o nosso site.”

Faça com que eles falem dos seus conhecimentos sobre a internet.

Diga a eles como você usa ou poderia usar o computador no desenvolvimento do programa da turma.

Converse muito com seus alunos sobre o avanço tecnológico decorrente do uso do computador.

Pense em marcar uma visita ao Pólo CEDERJ com um pequeno grupo de alunos.

Pode ser uma das opções de atividade.

Procure saber se nas proximidades da escola há disponibilidade para uso do computador como: um cibercafé, uma biblioteca, uma grande livraria.

Curiosamente pergunte aos seus alunos de que maneira eles têm acesso ao computador, nem que seja vendo alguém usá-lo em suas atividades profissionais, em jogos ou na televisão.

CONCLUSÃO

Tivemos uma aula que prioritariamente se destinou a propor exercícios e provocar questionamentos sobre sua prática docente. Instigando-o a trazer as realidades vividas fora da escola para a sua sala de aula, trazendo a vida dos seus alunos e, também, a sua, para compor a aula. Assim, o ensino e a aprendizagem se fazem de forma significativa e interessante.

Com a participação de seus alunos, você, ao realizar as atividades propostas, pode perceber que as ações sugeridas incluem você, seus alunos e outras instâncias de educação diferentes da escola.

Esta aula é uma provocação para que você torne sua aula mais atraente e mais interativa.

RESUMO

- A aula faz parte do cotidiano de professores e alunos que trabalham juntos e aprendem a perceber como a aula “se faz” de maneira coletiva, contando com a participação dos alunos.
- Os acontecimentos vividos fora da escola também são alvo da reflexão e da discussão que se faz na escola.
- As propostas para ultrapassar as formas tradicionais do pensamento trazem uma constante transformação e reformulação do ambiente e da tecnologia didatizada para uma melhor aprendizagem.
- A fala dos alunos é o ponto de partida para o planejamento conjunto dos projetos desejados pela turma.
- O conhecimento quanto à forma de vida e ao desejo dos alunos, dando a eles oportunidade de planejar atividades, de sugerir programas e de se organizarem em grupos para conhecer melhor o local onde vivem, fica sendo uma proposta permanente de aprendizagem participativa.
- O progresso que se tem em cada momento é consequência do seu planejamento. A aula remove tropeços e possibilita recriar a vida, repensando a cada dia um novo passo, um novo projeto, um novo sonho.

AUTO-AVALIAÇÃO

A avaliação desta aula permite que você repense a sua relação com os alunos no sentido de, conhecendo melhor suas possibilidades, programar coletivamente as ações a serem desenvolvidas. Você conseguiu pensar sobre isso? Que novos procedimentos como professor você conseguiu adotar?

INFORMAÇÃO PARA A PRÓXIMA AULA

A próxima aula dá início ao segundo módulo de Prática de Ensino 2, tratando de diferentes práticas pedagógicas que se dirigem à construção da cidadania, revendo conceitos, hábitos e ações educativas praticadas na Escola e nas demais instituições da comunidade.

Introdução

Dando continuidade aos estudos que você vem realizando e tendo em mente a perspectiva de interdisciplinaridade, muitas questões ainda ficam sem resposta. No entanto, isto nos estimula a buscar mais informações, a complementar, sempre, o nosso conhecimento.

Neste momento de nossa Prática de Ensino 2, queremos reforçar os vínculos que se estabelecem entre o pensar e o agir, aproximando cada vez mais nosso desejo de uma ação reflexiva. Por isso, lembramos, neste Módulo 2, a importância de pensar a Educação para que a ela possamos atribuir o sentido que convém à escola que pretendemos e com o aluno que temos.

Sabemos que, no estudo destas aulas, você poderá rever atitudes, tomar posições e formar um pensamento consensual e/ou divergente em relação ao nosso.

Temos como intenção, remexendo em algumas convicções socialmente determinadas, atizar a reflexão e a contestação de práticas que constituem o cotidiano docente. Questionamos métodos e dinâmicas tão rotineiramente exercitados que nos distanciam de novas programações e nos distraem a atenção de um comportamento profissional mais conscientemente refletido e intensamente desejado.

Saber selecionar e adotar métodos de ensinar é uma tarefa que sempre traz complexidade. Não podemos ignorar isso, não permitindo que a nossa ação se torne um ato rotineiro, sem reflexão.

Módulo 2

É uma ilusão considerar o professor como único responsável por esta escolha e pelo comportamento que decorre dessa ação pedagógica. Na verdade, o ensino está impregnado de preconceitos, “pré-noções” e de uma prática discursiva que exige autonomia, criatividade e união. Assim, quando falamos/ percebemos/ pensamos/ conhecemos/ agimos, estamos ligados a um instrumental teórico-prático presente na ação, que fundamenta nossas decisões mesmo quando, muitas vezes, não nos damos conta disso.

Por acreditar que nossas opções pedagógicas se fazem ancoradas no conhecimento que possuímos, queremos contribuir para que você, em meio a tantos questionamentos, tantas interrogações, tantas incertezas, possa ajudar seu aluno a procurar múltiplas e melhores formas de aprendizagem, mais criativas, mais autônomas e mais reflexivas.

Esperamos que o seu estudo não seja apenas uma disposição ou um conjunto de estratégias desvinculadas de uma formação humana e mais cidadã.

Tecnologia da informação e práticas pedagógicas: sonhos e realidades

AULA 5

Meta da aula

Utilização da tecnologia da informação no cotidiano da escola fundamental, tendo como referência princípios de cidadania.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Analisar as possibilidades de utilização da tecnologia da informação como apoio à construção do conhecimento docente e discente, na escola fundamental.

Pré-requisito

A constatação de que a prática pedagógica reflexiva permite, no entrecruzamento dos saberes, uma ação educacional constante e cidadã.

O tempo é a construção.

Não podemos ter esperança de predizer o futuro, mas podemos interferir nele.

Prigogine

Nenhuma condição histórica é permanente. Nada escapa ao pensamento dialético, abrange os fatos históricos e econômicos. O movimento dialético da história se faz em busca, sobretudo, da liberdade.

Hegel

INTRODUÇÃO

Por mais complicado que possa parecer o processo de evolução na compreensão do “progresso”, é público e notório que a assimilação da tecnologia se faz de maneira surpreendente, bastante acelerada e pouco democrática.

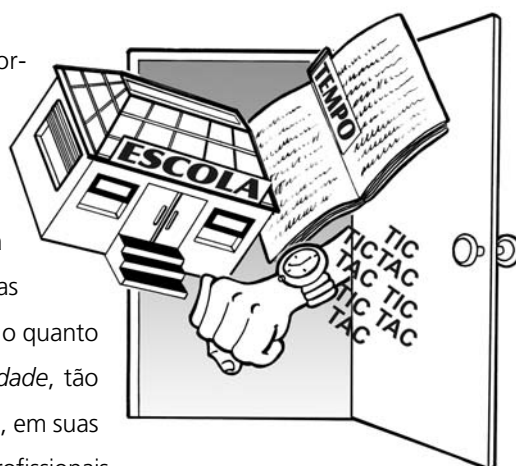
A escola cidadã de hoje não é obviamente a da Grécia antiga nem a dos tempos do Império no Brasil. A cada local, em uma época própria, corresponde um tipo de educação mais distante do que desejamos e próximo do que podemos. É deste “poder”, desta forma de conhecimento e controle das diferentes realidades, que vamos tratar agora.

Você tem, quase que enfadonhamente, ouvido falar em diversos cantos e de encontros de “Educação para cidadania”. Entretanto, hoje, constatadas as multiplicidades de conduta em cada sociedade, torna-se necessário repensar a que tipo de sociedade nossa prática pedagógica induz. Que cidadania é essa que perpassa valores locais e globais?

Constatar realidades vividas e programadas traz uma constante incógnita, uma incerteza permanente, um caminhar incerto e errante ou brilhante... Quem sabe?

Nesta aula que inicia o Módulo 2, estaremos chegando às mais diferentes idéias que fundamentam a prática da cidadania, em que se repensa e se processa, nos trilhos da escola, a renovação na conformidade de uma nova ordem social da globalização.

O avanço tecnológico, responsável por transformações significativas da sociedade, trouxe uma diminuição do tempo de trabalho e do aumento de ganhos, dando ao homem uma dimensão racional incontestavelmente marcada pela velocidade. Podemos observar, analisando as situações que nos são apresentadas no dia-a-dia, o quanto de estranho existe em cada uma delas. A *totalidade*, tão desejada, é buscada no perfil das instituições que, em suas singularidades, permitem a competitividade dos profissionais nas mais diferentes organizações deste novo tempo.

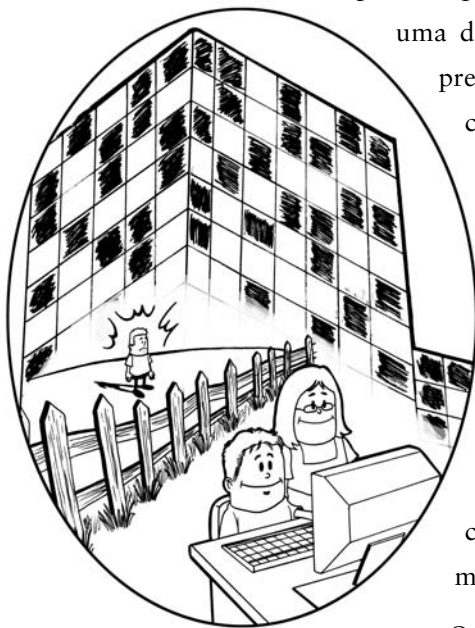


As dimensões da educação, da saúde, da segurança e todas as outras idealizadas se transformam pela interferência da comunicação, dando ao século XXI um cenário de pós-modernidade em que o sujeito é visto numa perspectiva social, cultural e portanto, coletiva. Esse sujeito deixa de ser pensado de forma individual, com uma característica de determinação pessoal, para ser compreendido em seu papel de sujeito social, fruto de uma cultura, de um espaço e de um momento histórico-social de um lugar. Com a utilização amplamente difundida da internet, tem sido permitida a disseminação de informações instantaneamente transmitidas, estabelecendo uma rede de grupos que ajudam a criar um movimento internacional construtivo de uma nova relação entre a economia, o Estado e a sociedade. Esse conhecimento nos responsabiliza, como educadores e formadores de opinião, a pensar e a objetivar nossas ações pedagógicas em direções mais estudadas, menos ingênuas e mais conscientes das metas a serem atingidas no sonho, na realidade e, infelizmente, com ansiedade. Você tem pensado nisso, não é?

Portanto, a capacidade de comunicar-se com o mundo e com os outros homens, em particular, captando-lhes a imaginação nos significados que atribuímos a cada expressão, desempenha um papel fundamental para se educar o cidadão, o profissional, o ser humano.

SONHOS, ANSIEDADES E REALIDADES

A Informática é um dos campos do conhecimento que mais rapidamente evoluem quando os investimentos político-econômicos se põem disponíveis. Demandando alto dispêndio financeiro, ela implica uma decisão planejada, compromisso pessoal e um orçamento previamente determinado. Tanto no empreendimento público como no particular, o que nos parece claro, pelas pesquisas realizadas, é que:



- O uso do computador se torna cada vez mais intenso, também pela pressão social que se faz sobre os *analfabetos digitais*.
- O mercado financeiro vem impetrando mais esforços para tornar os computadores mais *amigáveis*.
- A disponibilização de um *ciber café* nas regiões de concentração populacional, aproxima o jovem da “máquina mágica”.
- O conhecimento, enquanto *bem público*, se torna mais acessível tanto individualmente como de forma colaborativa.

Destaca-se, ainda, a importância do CD-ROM em suas condições de armazenamento de dados necessários ao progresso, mas todos sabem que não se pode descartar o material impresso. Entretanto, distribuir o tempo de estudo e trabalho com o uso de ambos requer novas informações e a afirmação de novos hábitos de liberdade, cidadania e competitividade.

Veja como, a cada nova tecnologia que surge, novos comportamentos se fazem imperativos, novos valores precisam ser agregados e novos significados surgem para hábitos antigos. Por tudo isso, a Informática, em seu uso tecnológico emergente, deve ser uma decisão compartilhada entre as pessoas que representem diferentes segmentos da Escola, entre eles, diretores, docentes, alunos, pais e seus demais trabalhadores e públicos específicos.

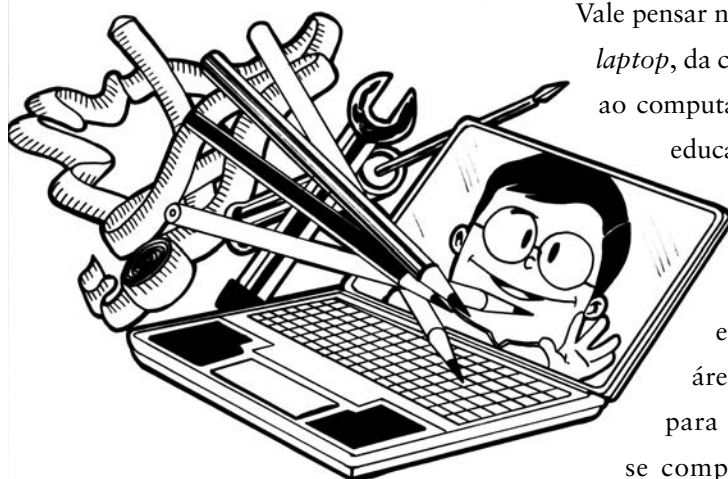
Você pode ser testemunha de como os conhecimentos novos a respeito do uso dos equipamentos são inevitáveis. Só para dar um alerta, podemos lembrar fatos corriqueiros, tais como:

- “gritar” ao telefone como se desejasse alcançar a pessoa a distância;
- “atender” o celular em um ambiente de leitura, “biblioteca”, por exemplo;



- “esquecer”, apesar dos avisos, de desligar os aparelhos celulares num cinema, num teatro, em uma aula ou em uma conferência;
- “desconhecer” que equipamentos eletrônicos não são à prova de choque ou de água, dando a eles um tratamento displicente;
- “reconhecer” a competitividade que se estabelece entre a telefonia celular e a tradicional (fixa).

É preciso relembrar que, na seqüência da História, cada tecnologia, invento ou descoberta exige mudanças de atividade cada vez mais radicais, na concepção de hoje. Será esta afirmativa uma verdade ou não?



Vale pensar nos usos da escada ao elevador, do lápis ao *laptop*, da chave de fenda, do formão e da fita métrica ao computador... e, trazendo para nosso estudo, da educação presencial à educação a distância.

Tanto e tão diferenciados são os inventos que nenhum cérebro humano pode concebê-los em sua totalidade. Teses e mais teses se produzem nas diferentes áreas do saber, e não há respostas prontas para expressar o movimento intelectual que se compõe no cotidiano político das *escolhas metodológicas* de cada professor.

Que implicações decorrem dessas escolhas?



Quantas vezes nos damos conta do compromisso cívico quando selecionamos o material didático a ser utilizado?

Quando adotamos um livro que nos foi sugerido ou “sutilmente” indicado por “decisões” estranhas à escola, que possibilidade temos de desempenhar um trabalho pedagógico de melhor qualidade?

Que possibilidade temos de usar a Informática em nossas aulas?

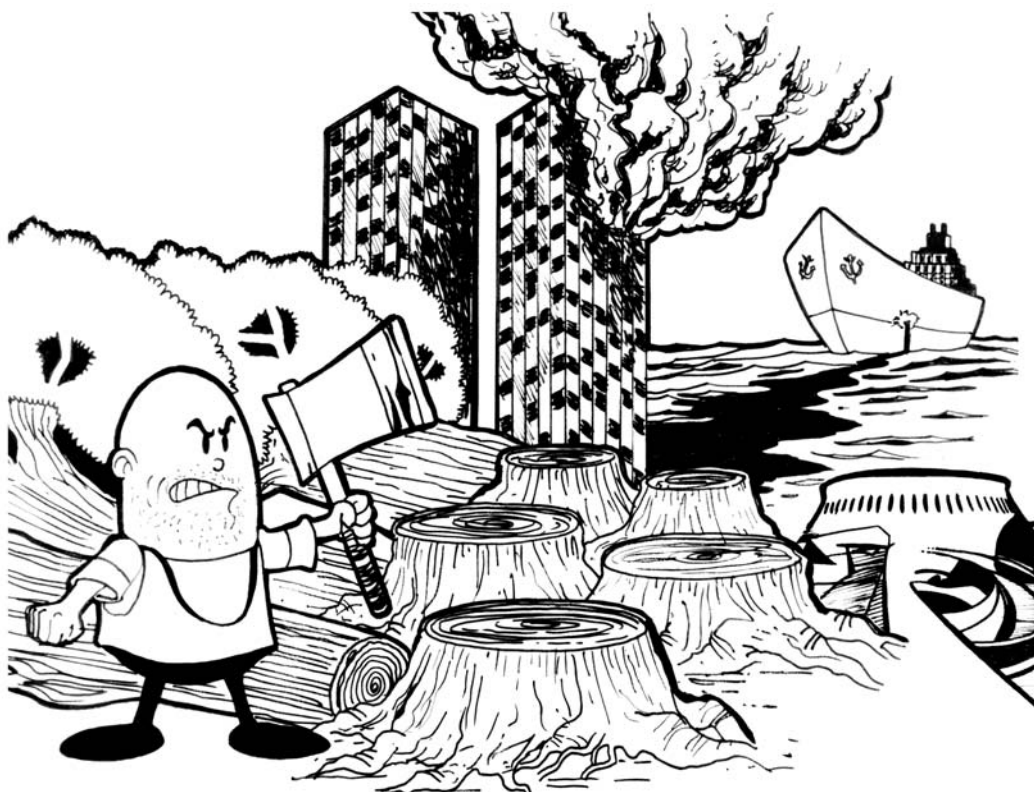
Mesmo sabendo que muitas escolas não têm computador e que o professor tem dificuldade de acesso a ele, fica difícil evoluir sem o seu uso na educação.

Cabe, agora, refletir sobre nossa “suposta” evolução no acesso a uma cultura (objetos, modelos teóricos, conhecimentos abstratos, tessitura de sobrevivência histórica, na parte que toca à escola).

Neste sentido, o domínio sobre o fogo teve uma importância fundamental para nossa civilização, permitindo aos homens escapar do “circuito da causalidade natural”.

Quando o fogo passa a ser objeto de trabalho do homem, representa a busca incessante do domínio das forças da natureza e, também, de outros homens.

Mas só entre 1500 e 1700 é que as forças intelectuais são orientadas para um projeto de liberação dos *grilhões da tradição*. Ganha-se, então, a autonomia, surgem a ciência e a tecnologia moderna, com a construção de um paradigma operativo, ativo, experimental, matemático e transformador da realidade. Contudo, as forças que trouxeram a modernização mostraram seu avesso, escrevendo no verso o indício de um novo homem desenraizado e dividido como um “*ser fractal*” que apenas soluciona certo tipo de problemas e provoca outros, talvez mais complexos.



A violência sistêmica, a devastação ambiental a descrença no sentido da vida e a desvalorização da nossa própria criação tornam esse novo homem um ser estressado, deprimido, impaciente e, tragicamente apressado. Soluções “aligeiradas” tornam-se freqüentes, até mesmo na escola. Currículos são escritos, programados, pensados e praticados de forma diferente.

Tudo, hoje, precisa estar “pronto para ontem”, numa corrida irritante, desordenada e obsoleta em sua programação. Os novos objetos não podem dotar o ser humano de um potencial forte para ser autoconstrutor, ciente do seu destino e senhor de suas escolhas.

Você deve estar se questionando, ou revendo seus conhecimentos enquanto lê este trecho. Indagações como:

- Que posso fazer para interferir nessa situação que ultrapassa meus limites, às vezes até de compreensão?
- Por que reler essas palavras freqüentemente proferidas e tão desgastadas?
- Será mesmo que na minha prática docente, com crianças tão pequenas, eu preciso ter em mente esses fatos que, algumas vezes, fazemos tudo para esquecer ou não pensar?

Há uma literatura imensa explorando essas questões, e, dentre as que poderíamos destacar para amenizar esta ansiedade e nos aclarar a mente, temos estes autores:

- Patrice Canivez, pontuando os conhecimentos sobre cidadania e como educar o cidadão.
- Humberto Maturama, que, ultrapassando as velhas dualidades – indivíduo x sociedade, natureza x cultura, objetivo x subjetivo, razão x emoção –, entrelaça o racional e o emocional em busca de um caminho para o desenvolvimento humano e material do país.
- Daniel Goleman, em uma de suas colocações máximas, quando diz que “a emoção seqüestra a razão”, e daí? ... Daí o entendimento de várias desavenças no relacionamento social, no encontro de diferentes profissionais e nas tendências políticas com fundamento na educação.

- Fernando Hernandez, reconhecido pelos projetos pedagógicos, como por exemplo o *portfolio*, no qual aprendemos com os trabalhos inovadores que os alunos trazem para as escolas.

Esses autores, valorizados em suas propostas, induzem e mostram-nos uma “escola questionada” em sua forma de atuar, fazendo-nos entender hoje a urgência de uma transformação curricular quanto à seleção e à graduação dos conteúdos dos programas e, também, quanto aos processos e às atividades de ensino e de avaliação postos em prática.

Chegando ao final deste texto, você deve ter percebido que o êxito no processo de renovação da escola, de seu encantamento motivante, e de sua constante busca da cidadania depende, em grande parte, de um começo ousado e de um contínuo diagnóstico da própria realidade com uma avaliação crítica da experiência acumulada.

De tudo que se escreveu aqui, ficam as palavras de Paulo Freire, quando se refere ao desenvolvimento da consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade dentro de sua sociedade, respondendo aos desafios do mundo e, assim, fazendo a história por sua própria atividade criadora.

Resta deixar um “alerta ao professor”: cuide-se para que suas aulas possam apontar caminhos mais projetados do que inesperados. Conte com o passado dos fatos, das coisas e das pessoas que sobrevivem a seu lado. Elas podem colaborar, mas também fazer desmoronar um projeto que, por tanto tempo, você guardou para o agora de sua vida.

Pense que o aprendizado que você não viabilizou para seus alunos pode ser uma “sonegação de informações”, uma negação ao desvendamento de um rosto que precisa ser visto. Pense nisto não de forma pessimista, mas como um obstáculo a ser superado.

CONCLUSÃO

O texto que você acabou de ler é inconcluso porque permanece aberto às reflexões, experiências e revoltas. São tantas as realidades constatadas que somente principiam e permitem dizer que nossa vida é tomada de emoções e toda lembrança é cheia de imaginação, de tradição que sustenta o presente, não mais sem futuro, e, sim, um futuro próximo, que, saído de dentro do presente, traz o passado acumulado e contado nas histórias lidas e sentidas na vivência, que, mesmo pequenininha, é sempre uma grande idéia, uma forma colaborativa de estar em sociedade, em grupo... em aula.

RESUMO

A assimilação da tecnologia se faz de maneira surpreendente, acelerada e muito pouco democrática.

Repensar a prática docente em suas multiplicidade de condutas promove uma transformação da escola de forma mais consciente, participativa e cidadã.

O avanço tecnológico trouxe ao homem uma dimensão incontestavelmente marcada pela velocidade e pela fragmentação.

As dimensões da educação, da saúde, da segurança e todas as outras idealizadas se transformam pela interferência da comunicação tecnológica.

A utilização da internet dá possibilidade de formar uma rede de grupos que ajudam a criar um movimento internacional de uma nova relação entre economia, Estado e sociedade, valorizando o papel da escola.

O uso do computador nas escolas públicas deve ser acompanhado de uma discussão participativa e mais democrática entre os educadores.

ATIVIDADES

1. Converse com seus alunos e também com outros professores sobre a prática educativa vivenciada em diferentes espaços pedagógicos das múltiplas instituições e do cotidiano de cada um, buscando valorizar a experiência e explorar com profundidade o material (objetos, livros, desenhos, jogos, fotografias) que se tem facilmente disponível.

COMENTÁRIO

No texto desta aula e no seu Portfolio da Prática de Ensino¹, assim como nos seus guardados de material didático, você tem um bom começo de geração de atividades escolares. Procure induzir seu aluno a guardar coisas interessantes que se encontram nas propagandas, nos brindes e nas divulgações que se fazem em diferentes lugares públicos como: cinema, centro cultural, museu, supermercado, bar e lanchonete, além das promoções distribuídas nas ruas. Mostre que tudo tem uma utilidade, uma razão. Descubra outras formas e utilidades para coisas tradicionais, antigas e rotineiras, transformando-as em novidades ou dando usos novos, artísticos e criativos, ou técnicos. Exemplos como os jogos de encaixe e montagem, quadros emoldurados com papel de bala ou de bombom, a interpretação de textos expressos em diferentes linguagens, as "brincadeiras de criança" nas quais as cantigas de roda, os cantos e contos infantis que falam de profissões mostram toda uma carga de valores e preconceitos.

2. Você está acostumado a ler e contar histórias para seus alunos. Torne essa atividade mais atraente, buscando nas editoras os livros infantis. Procure nos sites ou nos catálogos das diferentes editoras informações sobre os novos lançamentos.

Experimente ver como esta atividade é interessante e traz um novo significado à leitura e à escolha dos livros.

COMENTÁRIO

Os jornais e as revistas trazem sempre sugestões de livros e sites que podem ser acessados com facilidade. Lembre-se de que você está fazendo um curso, e para isto deve reservar tempo para estudo e pesquisa. Vá ao pólo e procure seu tutor. Juntos, vocês poderão aprender muito.

AUTO-AVALIAÇÃO

Nesta aula que inicia o Módulo 2 desta disciplina, você percebeu que a tecnologia da informação traz uma outra significação para as nossas aulas. O uso do computador – aliado a outros recursos didáticos – pode dar mais interatividade à relação ensino-aprendizagem, vivenciando situações que implicam escolhas conscientes, busca colaborativa de informação e maior liberdade de estudo.

Você pôde refletir sobre como alguns hábitos antigos precisam ser repensados?

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Dando praticidade às múltiplas escolhas metodológicas que a tecnologia da informação permite à prática docente, você terá, na próxima aula, possibilidade de rever e registrar as atividades que reconhece como necessárias a um processo mais interativo de aprendizagem.

Práticas pedagógicas: aprendizagens do professor e do aluno

AULA

6

Meta da aula

Visualização dos diferentes nexos entre o viver e o saber compartilhados com os alunos.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Registrar as circunstâncias em que a aprendizagem se faz de forma interativa nos diferentes espaços educacionais.

Pré-requisito

A leitura das aulas anteriores, nas quais você viu que a escolha metodológica dá à prática docente a possibilidade de registrar e avaliar as atividades indispensáveis a um percurso interativo nas diferentes instâncias de aprendizagem.

O caminho se faz ao pensar no trajeto a ser percorrido e se define a cada novo passo de um caminhar constante.

INTRODUÇÃO

Na aula de hoje e nas que se seguem, estaremos retornando às Aulas 8 e 9 da Prática de Ensino 1, buscando aprofundar os conhecimentos relativos ao modo de ver a sociedade que resultam de uma construção histórica voltada à formação do cidadão. Portanto, as práticas pedagógicas estão impregnadas de significados preexistentes, já vinculadas nas diversas formas de socialização.

A aparente “neutralidade” dos conteúdos traz implícito o trabalho da ideologia nos significados que se institucionalizam e que acabam por regular as “interpretações” constituídas pelas redes de comunicação.

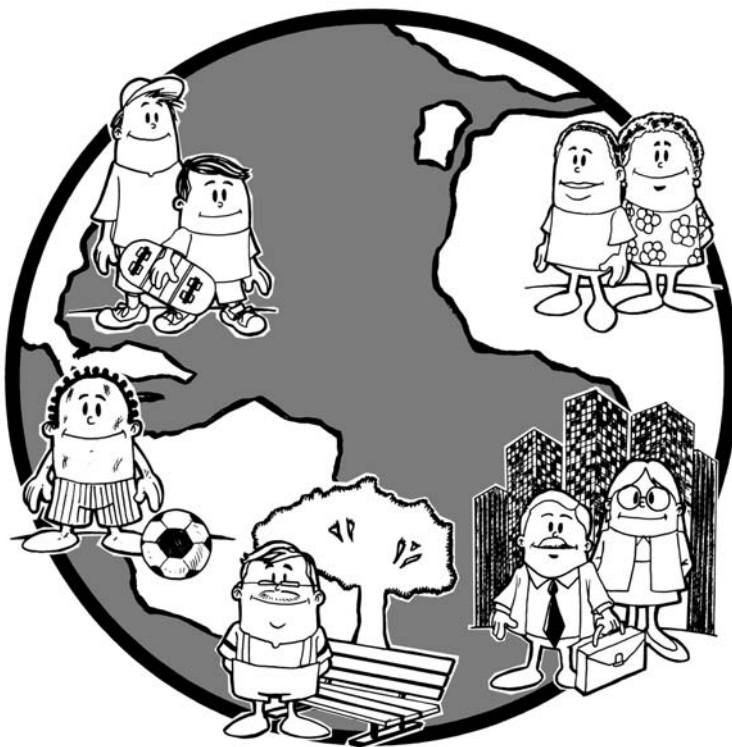
Recomendamos que você faça uma (re)leitura de Fundamentos da Educação 1, Volume 2, Aula 15: Poder e saber.

Buscando relacionar, integrar e interpretar os conhecimentos já agregados neste curso, será possível valorizar a escolha metodológica e selecionar as atividades que instigam os alunos a serem mais reflexivos em suas ações e que levam ao professor a tomar consciência da responsabilidade que, em conjunto com outros professores e a comunidade, assumem, diariamente, em seu trabalho.

Procuramos destacar, na atividade prática, principalmente na ação escolar, o princípio educativo que orienta a autodescoberta do sujeito (aluno – professor), capaz de uma ação consciente, produtiva, livre e criativa, que unifique trabalho, cidadania e qualidade social. Desta forma, podemos ver um conhecimento articulado à opção de vida e a um fazer cotidiano que tem sentido próprio para cada pessoa e dá significado ao trabalho da escola.

SIGNIFICADOS DA REFLEXIVIDADE NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO

Nos fatos vivenciados nos grupos, no local onde moramos e trabalhamos, aprendemos muitas práticas culturais e nos tornamos diferentes uns dos outros. Assim formamos nossa identidade, composta de pluralidades aprendidas e ensinadas, mesmo quando não há professor.



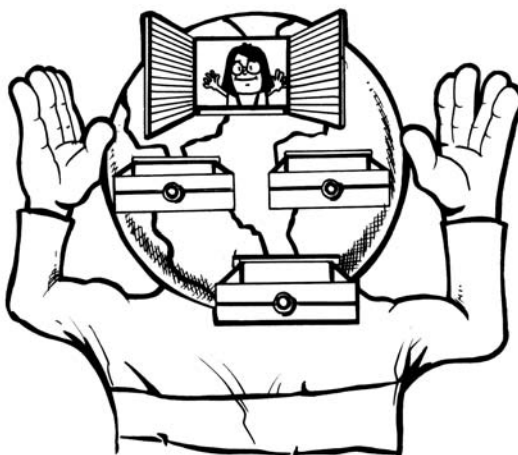
Uma das questões de maior destaque no que se refere à educação passa pelo campo das metodologias aplicadas em nossas salas de aula. É pensando exatamente nisso que estamos voltando, neste momento, nosso olhar para aqueles aos quais os alunos são confiados pela sociedade: você, o professor.

A escola em que aprendemos, durante muito tempo, manteve a atenção voltada para uma “grade curricular” que era apresentada aos professores. Pouco ou nenhum valor dava à qualidade das relações interpessoais, intrapessoais e socioculturais. A riqueza das múltiplas histórias que se cruzavam nesse espaço ou mesmo o sentido e o valor do conhecimento trazido pelos alunos eram fatores de difícil entendimento e ignorados pelos professores.

Como fruto dessa escola, temos na lembrança comportamentos docentes que não pretendemos repetir e, ainda negando nossa sabedoria, guardamos rotinas alienantes e frustradoras de um dos mais lindos momentos perdidos em nossa vida.

É comum, ainda hoje, nos depararmos com escolas e professores que desempenham somente o papel de transmissores do saber arcaico, quase sempre desligados completamente de uma educação para o crescimento pessoal, para atitudes cidadãs, afastando cada vez mais o gosto e o prazer de cada aluno pelo estudo e pela convivência na escola.

Todos nós sabemos quantas são as razões que levam professores e a própria categoria de docentes a agirem assim.



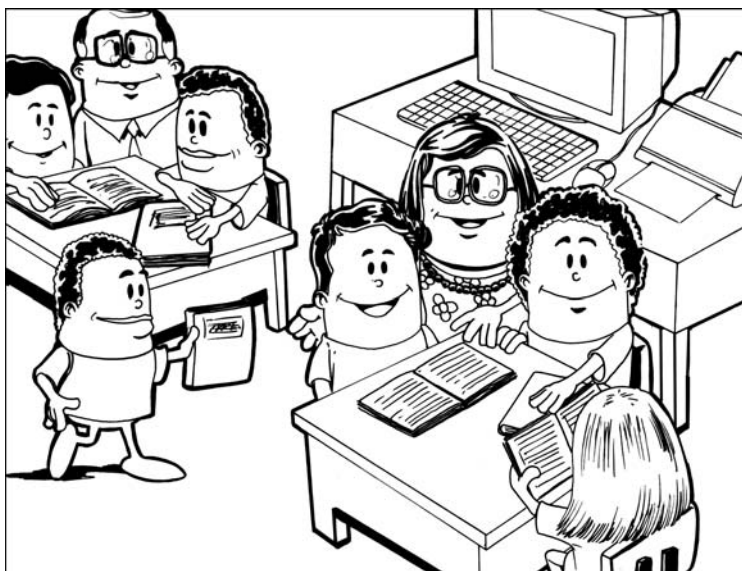
Vejamos algumas questões instigantes e/ou intrigantes:

- Que experiência feliz ou infeliz teve o professor em sua época de aluno?
- Que tipo de relação estabeleceu com seus colegas?
- Que formas de expressão, apresentação ou representação foram formadas e valorizadas nos grupos da escola?
- Que contribuição social e produtiva o professor de hoje foi estimulado a deixar na escola, enquanto aluno?
- Quais dos seus interesses pessoais de aluno foram valorizados na perspectiva de uma possível escolha profissional?
- Como foram respeitados seus direitos e que deveres fizeram o alicerce de sua cidadania?

- De que forma sua história de vida, conscientemente, influencia sua metodologia de trabalho hoje?
- De que forma o aluno de ontem se reflete no professor de hoje ao integrar-se à sociedade e ao posicionar-se politicamente?

Quanto mais avançarmos na contagem dos dias de nossa existência, mais claramente exibimos aprendizagem de valores e práticas sociais que nos reencantam e nos movem no caminhar rico de diversidade e racionalidades culturalmente assimiladas... e, se assim não for, que prazer teremos nós em viver ou em morrer por uma causa justa, por um ideal marcado ou por uma felicidade que se busque?

O caminho para entender o professor em sua prática docente começa no reconhecimento de suas escolhas, na satisfação pessoal, no envolvimento colaborativo na escola, junto a seus alunos e demais profissionais, e na dinâmica do seu trabalho em sala de aula.

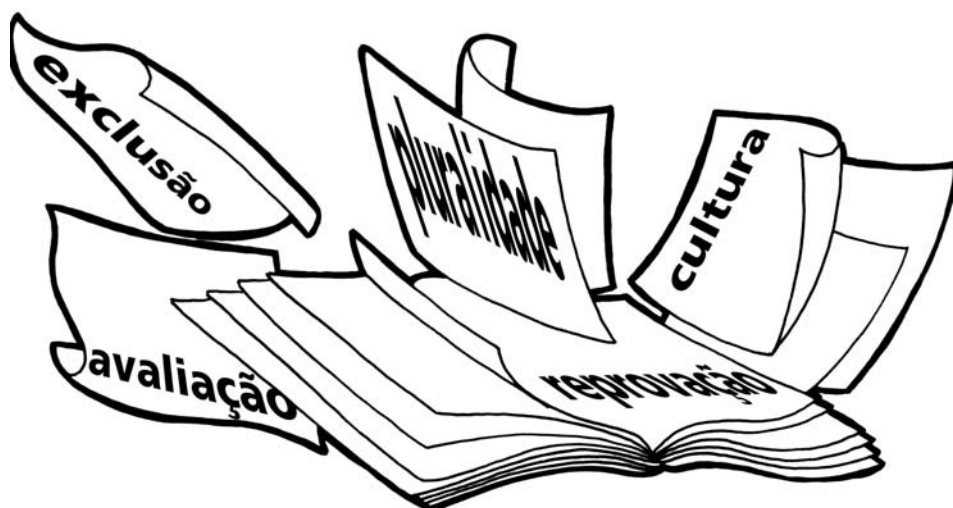


É neste cenário de inconstância, incerteza e perplexidade que emerge um novo sentido de escola, historicamente escrito entre êxitos e fracassos.

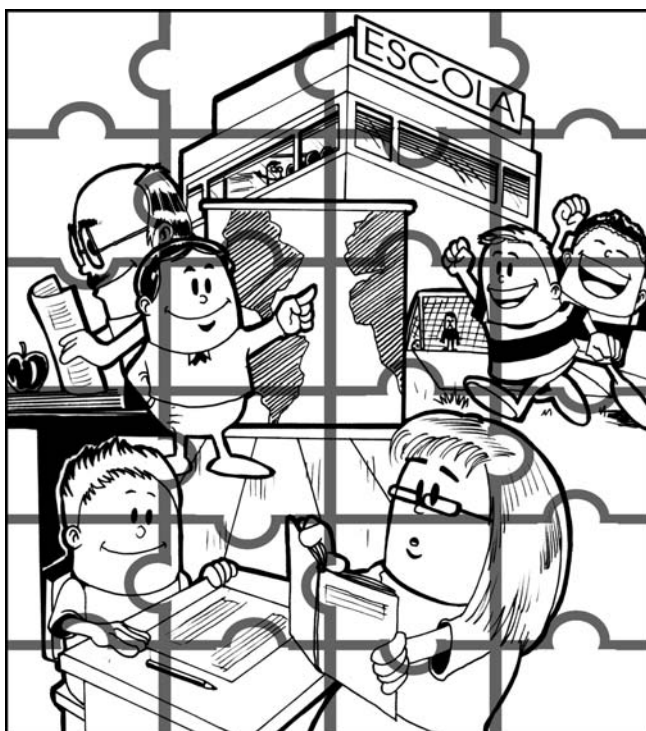
A escola que se pretende reflexiva e emancipadora está cotidianamente conectada à realidade social na expressão de um projeto político-pedagógico que evidencia noções básicas de convívio, e viabiliza o diálogo, valoriza a voz do aluno e escuta a comunidade em que se insere.

Registrar a discussão das práticas pedagógicas curriculares pode mostrar problemas não resolvidos. Discutir com as crianças a exclusão social, a violência, a segregação étnica, dentre tantas outras questões que respondem pela marginalidade de pessoas dotadas de sentimentos, emoções e desejo de vida digna e saudável, é um início de mudança.

Podemos, ainda, apontar situações mal solucionadas por falta de consistência conceitual entre os profissionais, como no caso da interdisciplinaridade, da diversidade cultural, da pluralidade de linguagens e do jogo de poderes políticos e comerciais.



É possível que, ao ler este texto, você (re)veja a sala de aula, a escola em que leciona e, visualizando seus alunos junto a outros de turmas diferentes, passe a recordar seus tempos de aluno. Um fato acontecido no pátio, uma briga na sala, um caso não esquecido, que saído do passado se faz presente, mais do que o próprio presente, pelo poder da memória... E é aí, nesse momento, que volta por inteiro o carinho de um professor, um abraço de um coleguinha e as historinhas lidas e contadas para incentivar o convívio, num espaço pedagógico que dispensa qualquer teórico para evidenciar a força da lembrança na tradição e na traição do presente.



Por tudo isso que acabamos de (re)ver, fica patente como os fatos, aparentemente esquecidos, voltam e marcam e tão profundamente se revelam em emoções, que “seqüestram a razão” para deixar o sentimento aflorar.

CONCLUSÃO

Muitos professores, certamente, começam a perceber que o modelo tradicional de aula expositiva não corresponde mais aos avanços socialmente observados. Metodologias que valorizam a transmissão de conteúdos cristalizados em uma grade curricular guardam distância de um novo significado da escola e reforçam conteúdos que mantêm a tradição do afastamento professor x aluno.

Retomando as aprendizagens que têm sido viabilizadas neste curso, revendo as aulas de Fundamentos da Educação e Prática de Ensino 1, vimos que a busca da reflexividade na formação do professor, valorizando sua experiência, sua história e seus sentimentos, traz ao educador um significado mais humano, mais social e mais compartilhado no desempenho de seu trabalho junto aos alunos, algumas vezes com mais amor e menos tropeços.

RESUMO

A retomada dos conteúdos das disciplinas Fundamentos da Educação e Prática de Ensino 1 permite o aprofundamento dos conhecimentos relativos ao “modo de ver” a sociedade, possibilitando uma construção histórica do trajeto de formação do professor, sustentando a ação reflexiva como prática de aproximação na relação professor/aluno.

Nas escolhas metodológicas, o professor revela seu posicionamento ideológico, trazendo significado às atividades da sala de aula que compartilham com os alunos. As questões educacionais que permanecem em aberto sugerem a busca de uma prática mais reflexiva, que permite um conviver mais interativo na escola.

As aprendizagens que ocorrem nos diferentes espaços educacionais e ficam registradas instigam os professores a rever seus atos pedagógicos, seu desenvolvimento profissional e seu relacionamento humano com os alunos, nos diferentes grupos que integram sua identidade como cidadão.

ATIVIDADE

O texto apresentado nesta aula discute importantes atitudes, necessárias ao bom desempenho da prática docente. Conversando com alguns colegas e também com outras pessoas de suas relações, pense como você interpreta essa aproximação entre a história de vida e as atitudes que fundamentam nossas ações na escolha das programações para a sala de aula. Descreva três situações que até hoje você não esqueceu e que têm marcado sua ação como educador. Relate como essas experiências influenciam seu relacionamento com os alunos.

COMENTÁRIO

Valorizar a história de vida das pessoas é uma atividade que nos possibilita conhecer melhor nossos alunos e colegas. Refletir sobre as situações que são contadas e narradas com emotividade pode facilitar o entrosamento e dar consistência maior a uma amizade. Lembre-se de que você, professor, tem de ser um amigo para seus alunos. Procure saber quais foram os fatos que marcaram a existência de pessoas tão jovens, iniciantes na trajetória de vida, e como essas histórias têm influência na aprendizagem.

AUTO- AVALIAÇÃO

Compartilhar com os alunos a produção do conhecimento, valorizando o registro e a análise das atividades vividas na escola, propiciando uma relação interativa com as diferentes instâncias de aprendizagem, é uma das preocupações do professor reflexivo. Ao ler o texto da aula e fazer as atividades propostas, você pensou nos seus alunos e nas escolhas metodológicas que fez para eles? A reflexão sobre suas experiências como aluno foi repensada?

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A prática pedagógica vivenciada nas escolas requer uma visão transformadora como decorrência da valorização da voz do aluno. Revisitando o emprego do material didático, você terá oportunidade de pensar melhor sobre a sua proposta de trabalho.

Discussão das experiências: significação dos fatos e materiais de ensino

AULA 7

Meta da aula

Esta aula pretende reconhecer que a voz do aluno é o material didático essencial em uma prática pedagógica que se reveste de uma visão transformadora.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Caracterizar diferentes materiais didáticos que podem ser utilizados, no ato de ensinar, em uma visão transformadora.

Pré-requisito

A percepção das transformações ocorridas no exercício da prática docente.

INTRODUÇÃO

Para se firmar uma boa proposta é preciso pensar a realidade global do homem e da sociedade. O conhecimento desta realidade se traduz em tantos outros desafios para nossa ação. Parece, aliás, que só quando conhecemos a realidade existente é que podemos falar em transformação, tendo em vista que não podemos mudar o que não sabemos como é (GANDIN, 1988).

O texto de Danilo Gandin que dá início a esta aula reforça a importância de o educador conhecer não só a realidade global mas, principalmente, a realidade do grupo com o qual atua.

É preciso, pois, que você, professor, conheça essas realidades em todos os seus aspectos. Dessa forma, terá condições de planejar uma ação adequada às experiências de seus alunos, já que se propõe, com seu grupo, a encontrar caminhos de transformação das práticas por eles vividas.

Para tanto, há que se ter clareza de que cada pessoa deve ser um agente de mudança. Assim, você e seus alunos encontrarão caminhos alternativos, ora coletivamente, ora individualmente. Ao planejar sua ação, é necessário refletir sobre esses pontos.

Será que você já pensou nessas questões quando selecionou os materiais didáticos que irá utilizar com seus alunos? Já refletiu se eles podem estar propiciando a manutenção das práticas existentes ou podem estar favorecendo a busca de uma renovação?

Vamos, portanto, analisar como os materiais didáticos podem ser utilizados, no ato de ensinar, em uma visão transformadora.

REFLETINDO SOBRE O EMPREGO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

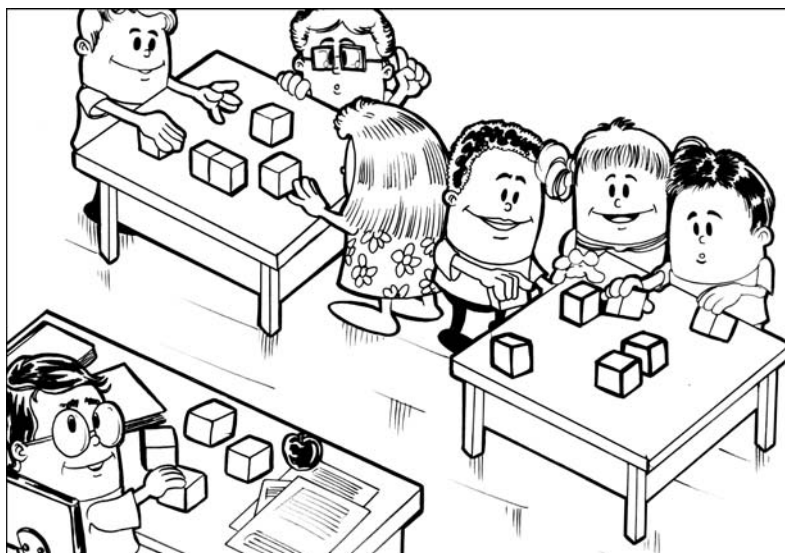
Nem sempre se vê presente, no debate sobre a prática pedagógica, o valor que os materiais didáticos assumem em seus resultados, embora a proposta de utilização dos mesmos, no ensino, não seja atual nem date das últimas décadas. Aristóteles já demonstrava a necessidade desses materiais, sinalizando para a importância dos sentidos como meios para a aquisição das informações.

É importante que, nós, educadores, façamos uma análise crítica dos materiais que têm sido utilizados, ao longo do tempo, na realidade educacional brasileira e das contribuições que os mesmos oferecem para a ação do professor e do aluno.

As primeiras manifestações pedagógicas que surgiram na educação brasileira (presentes, muitas vezes, até hoje nas salas de aula), e que tinham como objetivo transmitir aos alunos uma cultura geral de caráter enciclopédico, limitavam o uso dos materiais didáticos ao texto (ou ao livro) e ao próprio professor, já que o “mestre” era entendido como fonte de motivação. Quando o docente chegava a utilizar algum recurso complementar, como o audiovisual, este tinha apenas o propósito de reforçar a exposição do professor.



Posteriormente, um grupo de educadores, acreditando que a escola deveria atender aos interesses e às necessidades do aluno, enfatizando o desenvolvimento dos processos mentais sem maior preocupação com a definição prévia dos conteúdos, entendeu que cabe ao professor oferecer experiências que permitam ao aluno desenvolver-se em um processo ativo em que a aquisição dos conteúdos resulte da ação ou da descoberta. Para tanto, um dos aspectos importantes desta escola é o ambiente estimulador, rico em materiais didáticos. É preciso que o aluno manuseie uma série de materiais para que as atividades de descoberta e de auto-aprendizagem sejam facilitadas.



Uma terceira manifestação pedagógica surgiu com o interesse de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho, e, para atingir este objetivo, preocupou-se em transmitir, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. Os materiais didáticos que deveriam funcionar como meios de transmissão/recepção de conteúdos, neste tipo de escola, denominaram-se tecnologia educacional. Os adeptos dessa concepção, muitas vezes, exacerbaram o uso dos materiais audiovisuais e da maquinaria.



Procurando renovar, ou transformar a prática educativa, surgiu uma nova concepção, entendendo que proporcionar ao aluno a apropriação crítica dos conteúdos é a tarefa primordial da escola. É o melhor serviço que a escola presta aos interesses populares. Ao garantir a todos o domínio dos conteúdos básicos com significado para as suas vidas, de tal modo que lhes dê condições de participação ativa na democratização da sociedade, a escola está contribuindo para eliminar a seletividade social. Para que o educador possa atingir tais propósitos, é preciso que tenha como ponto de partida o conhecimento das experiências, das condições de vida, ou da prática social de seus alunos. Este conhecimento faz-se importante para que os conteúdos sejam trabalhados de forma contextualizada, isto é, a partir da experiência concreta dos alunos e dos professores. Entendendo os materiais didáticos como meios de desenvolvimento de capacidades cognitivas dos alunos e de viabilização da atividade de transmissão/assimilação ativa dos conhecimentos, considera-se que os mesmos devem surgir, espontaneamente, de cada situação experiencial.

Esta manifestação pedagógica, utilizando-se de materiais empregados por outras concepções, reinterpreta o seu uso dentro da ótica crítico-social. A questão-chave está, pois, em saber como empregar os materiais didáticos em uma proposta preocupada com a construção crítica do saber. Os materiais não terão o propósito de apoiar a fala do professor. Não terão a finalidade de manter o aluno ativo, ou de estimulá-lo a aprender. Quando o processo educativo se pauta em uma visão transformadora, que parte da realidade vivida e dos interesses determinados pelas condições sociais de seus alunos, certamente você não terá de lançar mão dos materiais didáticos com a finalidade de incentivar os estudantes. A própria situação pedagógica, partindo do real, já é a fonte motivadora.

No entanto, você não precisa deixar de usar materiais didáticos. Eles podem ser empregados dentro da ótica crítico-social a que nos referimos.

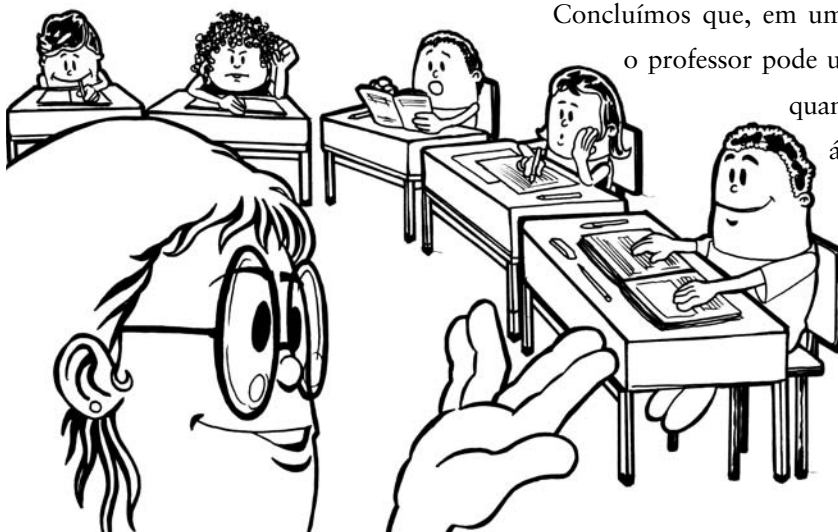
Na fase inicial do estudo, o material pode ser utilizado para salientar aspectos da realidade social em cima dos quais você e seus alunos, coletivamente, irão problematizar a situação.

Durante o processo, os materiais podem ser um instrumento de pensamento e reflexão, a partir de novos conhecimentos a serem analisados por você e seus alunos.

Em contrapartida, é preciso que tenhamos clareza de que esta concepção, em que há a análise, a discussão coletiva, a problematização em sala de aula a partir da experiência prática, faz com que a voz do aluno, trazendo a sua vivência, seja o mais importante material a ser utilizado, uma vez que a palavra não deve ser substituída pela linguagem audiovisual.

Concluimos que, em uma visão transformadora, o professor pode utilizar materiais didáticos

quando as mensagens (imagem, áudio) estiverem permeadas pela experiência prévia de seus alunos. E que a voz do aluno é o material didático essencial em uma prática pedagógica dentro dessa concepção pedagógica.



CONCLUSÃO

Nesta aula, analisamos que os materiais de ensino ou didáticos, conforme a concepção pedagógica que fundamenta a prática do professor, são empregados com um propósito diferenciado. Assim, percebemos que seu uso não é uma prática neutra. Ele sempre reflete a nossa postura pedagógica frente à educação.

RESUMO

A análise da realidade global e da realidade local fundamenta a ação educacional. Assim, o emprego dos materiais didáticos pode propiciar a manutenção das práticas existentes ou favorecer a busca da renovação.

O material, em uma visão transformadora, pode ser utilizado, na fase inicial do processo, para salientar aspectos da realidade social sobre os quais será problematizada a situação. E, ainda, o material, em uma visão transformadora, durante o processo pode ser um instrumento de pensamento e reflexão, a partir de novos conhecimentos a serem analisados. A voz do aluno é o material didático essencial em uma prática pedagógica transformadora.

ATIVIDADES

1. Faça uma análise da sua prática pedagógica no que diz respeito ao emprego de materiais de ensino e identifique que concepção pedagógica tem fundamentado a sua prática (o emprego dos materiais como um recurso complementar à sua exposição; ou o uso de um ambiente estimulador rico em materiais didáticos; ou o emprego abusivo de materiais audiovisuais; ou a utilização dos materiais dentro de uma visão transformadora).

Depois, escreva um texto justificando essa opção que vem direcionando sua prática.

COMENTÁRIO

Perceba que nosso propósito é o de que você conheça diferentes caminhos do emprego dos materiais didáticos ou de ensino, a fim de analisar a sua prática. Nós, conteudistas, não pretendemos que todos vocês optem pelo mesmo caminho. No entanto, é preciso ter clareza e consciência de qual concepção pedagógica fundamenta sua escolha.

2. Planeje uma aula com o emprego de materiais didáticos, dentro de uma visão transformadora, e coloque em prática esse planejamento com os seus alunos. Ao final, faça uma avaliação da aula com seus alunos e realize uma auto-avaliação dessa experiência.

Depois, compareça ao pólo. Leve o planejamento feito, analise-o com o tutor e converse com ele sobre a experiência que viveu com seus alunos.

COMENTÁRIO

Como dissemos nos comentários da atividade anterior, você deve optar pelo caminho a seguir, ao empregar materiais didáticos ou de ensino. Por outro lado, quisemos que você experimentasse (se ainda não o faz) utilizar esses materiais em uma visão transformadora. Quisemos mais ainda: pretendemos estimulá-lo a discutir sua experiência com o tutor do seu pólo. E ainda vamos além: quem sabe você discutirá essa experiência com colegas de sua escola?

AUTO-AVALIAÇÃO

Analise algumas questões:

- 1) Que efeitos positivos produziram sua aula planejada utilizando os materiais didáticos em uma visão transformadora?
- 2) Que aspectos você considerou como desfavoráveis e que mereceriam ser reformulados em uma próxima aula dentro dessa visão?
- 3) Quando avaliou esta aula com seus alunos, como percebeu suas reações em relação à mesma?

Quando você for ao pólo, aproveite para analisar com o tutor suas reflexões.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula pretende identificar as atividades práticas como uma das possibilidades de transformação do cotidiano da escola.

Aula prática 2

AULA

8

Meta da aula

Articular as teorias educacionais com as singularidades do cotidiano da sala de aula.

objetivo

Você deverá ser capaz de:

- Aplicar na prática docente de sala de aula os fundamentos teórico-metodológicos estudados.

Pré-requisito

A ação pedagógica diária encontra suporte nas reflexões teóricas, assim como nas experiências de alunos e professores, a partir da resignificação de práticas individuais e coletivas.

INTRODUÇÃO

Planejar significa projetar, sonhar, arriscar, buscar novos caminhos que nos levem e aos nossos alunos a vivenciar momentos ricos, significativos de aprendizagem, rompendo com o presente e nos comprometendo com o futuro desejado.

Diz o ditado popular que “falar é fácil; fazer é que é difícil”. Até agora, temos discutido, analisado e, algumas vezes, sugerido formas de agir com os nossos alunos que os levem a enfrentar desafios, a buscar soluções. É necessário, porém, quando nos propusermos a construir uma escola na qual o ato de aprender seja prazeroso, que possamos não só pensar sobre esse ato, mas, também, praticá-lo.

Portanto, organizamos uma série de atividades para que você possa colocar em prática o que temos estudado nas aulas anteriores.

A SALA DE AULA – EM BUSCA DO DESAFIO

“Todo dia ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã...” Esta letra de Chico Buarque serve, também, para nos fazer refletir sobre procedimentos, muitas vezes rotineiros, que costumamos adotar, sem percebermos, em nossa prática pedagógica. Chegamos à escola, dirigimo-nos à sala de aula, fazemos a chamada dos alunos, permitimos que eles nos contem as novidades, em cinco minutos aproximadamente, corrigimos as tarefas de casa, “damos aula”, vamos para o recreio/merenda, voltamos a “dar aula”, passamos a tarefa de casa. Beijos de despedida. Amanhã, tudo começa outra vez. Será que queremos que seja da mesma forma?

Vamos nos permitir deixar fluir a imaginação. Vamos tentar contagiar nossos alunos, para que eles possam se apaixonar pelo ato de aprender e de se envolver com o conhecimento. Não há tempo a perder. Vamos fechar os olhos e construir, primeiro no plano das idéias, um ambiente propício ao trabalho escolar. Que tal arrastar os móveis, deixando espaço para as crianças se movimentarem mais livremente? Podem até sentar no chão, em roda, trocando idéias, planejando, em conjunto, aquele dia de aula. Mas, para isso, é necessário que o professor exercite uma coordenação efetiva. Por exemplo: estabelecimento de regras de como todos devem se comportar, dos direitos e deveres do coletivo e de cada um, a partir da definição do grupo.

A arrumação da sala também é importante. O espaço deve ser agradável, bonito, vivo, possibilitando o exercício da organização e da concentração nas tarefas. As atividades passam a ser colaborativas sobrepondo-se às ações individuais e competitivas.

Nesse momento, nossos olhos se abrem e enxergamos cerca de quarenta alunos em nossa turma. Cada um diferente do outro. Como proceder? Esse é o grande desafio. Acreditamos que não existem fórmulas didáticas que possam ser aplicadas indiscriminadamente. Porém, é fundamental aceitar as diferenças e vê-las como positivas. Por isso, o trabalho diversificado é importante, assim como o atendimento individualizado. O trabalho em grupo possibilita o alargamento de idéias, o respeito e a solidariedade. O atendimento individual permite chegar mais próximo das dificuldades do aluno e de suas potencialidades. Por isso, as estratégias previstas pelo professor devem refletir o real sentido que se tem do processo educacional: mantenedor ou transformador?

Mas, falando dessa forma, parece até que sala de aula é só aquele espaço determinado por quatro paredes. Nós sabemos que não é assim. A sala de aula é a própria complexidade do mundo. Porém, é nesse espaço definido formalmente que passamos boa parte do tempo com nossos alunos. Portanto, mesmo tendo um conceito mais amplo de sala de aula, este lugar predefinido deve ser desafiante, organizado, propício à reflexão, ao sonho, à construção de conhecimentos.

Então, vamos passar do plano das idéias para o plano da concretude. Ao abrir os olhos e perceber a realidade de nossa turma, como podemos transformá-la, aplicando os conhecimentos que já temos sobre o processo educacional?

Com a finalidade de auxiliar nessa tarefa, propomos as atividades que devem ser realizadas por você, junto com seus alunos.

CONCLUSÃO

As aulas devem ser momentos de prazer para quem as vive. Portanto, devemos ter todo o cuidado ao prepará-las. É importante considerar a realidade global e aquela em que está inserida a escola, bem como o emprego de materiais didáticos que favoreçam a busca constante de renovação da nossa prática docente. Sempre devemos lembrar que a voz do aluno é o material didático essencial para uma prática pedagógica transformadora, na qual a reflexão e a crítica sejam os seus elementos de referência.

RESUMO

A grande contribuição que podemos oferecer aos alunos depende de como os percebemos. Quanto mais próximos estivermos deles, e de cada um, maior será a possibilidade de caminhar ao encontro de suas necessidades e possibilidades. Para tal, é imprescindível o estabelecimento de um clima de confiança mútuo, de um ambiente estimulador, de atividades não rotineiras, porém organizadas, preferencialmente de forma coletiva, democrática.

ATIVIDADE 1

1. Caracterize a sua turma. Relate como ela é constituída. O que a diferencia das demais turmas de sua escola? Que atividades seus alunos mais gostam de fazer? O que eles não gostam de realizar? Como eles se relacionam com você e com os colegas da turma? Que dificuldades apresentam? Que destaques positivos você indica?

COMENTÁRIO

Conhecer a história de cada um e a do grupo é fundamental para a realização de atividades que venham ao encontro das reais necessidades, desejos e aspirações do grupo – alunos e professor.

2. Planeje uma atividade de cerca de cinquenta minutos para a sua turma. Tente inovar. Desafie-se. Esqueça a rotina. Pense em algo que ainda não experimentou fazer em sala de aula. Escolha um tema de interesse da sua turma, baseado nas reflexões que você estabeleceu na Atividade 1. Se considerar conveniente, siga o seguinte esquema para planejar a atividade:

- Dados de identificação: escola, turma, série, data, tempo de duração da atividade.
- Tema ou assunto a ser desenvolvido.
- Objetivo(s).
- Procedimentos: formas de agir, estratégias, recursos utilizados, ambientação da sala de aula ou do espaço em que será desenvolvida a atividade.
- Avaliação da atividade: estabeleça critérios de avaliação – domínio do conteúdo, solidariedade demonstrada, reflexão crítica etc. (Como você sabe, tais critérios dependem do que esperamos ao propor e realizar a atividade; estes são, apenas, alguns exemplos.)

COMENTÁRIO

A aprendizagem deve ser desafiante, variada, intensa. Portanto, o plano de atividades deve projetar ações que estimulem nos alunos o prazer de aprender. Nesse sentido, a avaliação é processual. Ela ajuda alunos e professores a caminharem juntos, de modo a que todos tenham sucesso.

3. Coloque em prática a atividade planejada. Não esqueça de organizar o ambiente, de acordo com a proposta de trabalho. Anteriormente à sua aplicação, esta atividade deve ter sido discutida com os alunos. Convide um profissional da direção da escola, da equipe técnico-pedagógica, ou mesmo um colega de outra turma, para participar dela. Peça que ele registre observações realizadas a respeito da dinâmica utilizada.

COMENTÁRIO

Uma das principais características que o professor deve assumir é a de ser inovador. Utilizar sua liberdade de pensar, construir, e se reciclar permanentemente faz com que a árdua porém gratificante tarefa de educar faça parte do risco de romper com o estabelecido, em busca do ideal, do sonho, da conquista de uma educação mais digna para as nossas crianças e jovens.

AUTO-AVALIAÇÃO

Após conversar com seus alunos sobre a atividade realizada e analisar as contribuições trazidas pelo observador de sua aula, você poderá concluir sobre a validade da experiência vivenciada e propor modificações, se necessário. Faça isso por escrito, anexando as contribuições dos alunos e do observador. Envie ao tutor de seu pólo, junto com o plano da atividade que você elaborou.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A partir deste momento, vamos refletir com maior profundidade sobre a docência, tendo como referencial os nossos testemunhos de vida.

Docência reflexiva: testemunhos de vida e escritas do professor

AULA

9

Meta da aula

Reconhecimento dos avanços pedagógicos que se fundamentam em reflexão na ação cotidiana e se revelam no testemunho pessoal de professores.

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- Dar significado às ações rotineiras da sala de aula, valorizando as situações evidenciadas nos relatos do professor que apóia escolhas competentes na construção dos conhecimentos, dos sentimentos e das ações.

Pré-requisito

Para facilitar a compreensão desta aula, é importante que você faça a análise da docência, repensando a experiência pessoal na relação ensino-aprendizagem.

Não te amo mais
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis.
Tenho certeza que
Nada foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada.
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor.
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
EU TE AMO
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...

(Autoria desconhecida)

Agora, leia de baixo para cima e veja que interessante.

INTRODUÇÃO

Para dar consistência e visibilidade ao ensino na sala de aula, poucos temas como o do “professor reflexivo” têm causado tanta polêmica entre os docentes e pedagogos.

Quando nos dedicamos ao ensino, buscamos encontrar um caminho para nossos alunos se tornarem mais perspicazes, mais ativos e tomarem decisões mais acertadas nas escolhas que lhes são oferecidas ou percebidas por eles.

O poema que acabamos de ler nos permite praticar o que nenhuma aula e nenhum discurso diferente deste falar poderiam transmitir. Para transformar tão rapidamente um sentimento numa fala, um propósito de repúdio em um pensamento de afago, de caminho, de aproximação, é só inverter a leitura, começando pelo fim, como se propõe na página inicial.

Preste bem atenção e faça essa releitura algumas vezes do começo para o fim e do fim para o começo, frase por frase...

O que você percebeu? Discuta com outros professores e veja se eles também reconheceram esse encanto de dizer e desdizer, dando às mesmas palavras um novo sentido, um outro significado.

Nesta nossa aula, iniciamos um terceiro momento – reflexão e uso do material pedagógico. Esperamos que você, professor, experimente rever quanto tempo você dedica as suas escritas, aos seus registros, enfim a documentos que relatam e testemunham o seu trabalho profissional, sua relação com o aluno e suas descobertas mais lúcidas ou lúdicas.

Vamos pensar um pouco e ver a sabedoria que existe em fazer e rever... Rever para mudar ou para reforçar, rever para aperfeiçoar, para chegar a melhor forma ou para passar a limpo.

Quantas vezes paramos para rever ou reler nossas práticas em sala de aula? Quantas vezes nos damos conta de que, quando um aluno erra, essa resposta pode ser por causa de uma pergunta mal organizada?

Prosseguindo nossas indagações e refletindo sobre as ações pedagógicas do professor, vejamos:

Será mesmo possível fazer uma releitura invertida da nossa experiência? Será mesmo possível rever avanços e tropeços em nossa carreira docente, como se tem proposto desde o início da nossa disciplina? Que olhar lançamos ao passado?

Na extensa gama de conceitos por nós abordados, discutidos, usados e remexidos, muitas vezes nos repetimos ou desrespeitamos a melhor forma de expressá-los. Na busca do desencadeamento de um processo reflexivo que transforma algumas práticas tão rotineiras em ações tão prazerosas, vemos a mágica que faz o professor na sala de aula... Tão poucos recursos... e tanta imaginação!

Experimentadores responsáveis que somos, em nossas intervenções profissionais, estamos atentos a cada resposta encontrada, em cada relação realizada, com maior ou menor risco entremeados de prazeres.

Experimentar também é uma escolha metodológica em alto estilo e com estilo, embora muitas vezes condenada pelos tribunais da razão e da tradição ou até mesmo da estética. Mas tudo que nos importa é se em nossos experimentos passamos a pensar diferente e se isso nos deu melhores condições de ensino.

ESCRITA DO PROFESSOR: TESTEMUNHOS DE VIDA

Desde os primeiros dias em que você iniciou este curso, buscou no pólo o seu material e manteve contado com os diferentes tutores das disciplinas, passou a conviver com seus colegas nas reuniões de estudo e percebeu que, diariamente, a sua rotina incluía horas de estudo. O seu testemunho e a sua experiência, repletos de indagações, passaram a compor um processo de construção de Educação a Distância no estilo Cederj.

Muitos compromissos pessoais foram adiados em nome de uma programação a mais em sua vida. Muitos “desencontros”, mas também muitos encontros de aprendizagem e achados de pesquisa trouxeram

um novo conhecimento. Achados nos guardados de revistas velhas, nos retratos das escolas que você frequentou, no álbum de formatura, onde, junto a você estão colegas que se foram; enfim, tudo isso que, às vezes é pouco valorizado como material didático, nos mostra que há sempre uma história a ser contada em cada retrato, uma aprendizagem aguardando o seu relato, um escrito perdido esperando uma procura.

Nosso encontro de hoje, usando este texto, precisa ser uma “leitura atenta” de quem pretende refletir e se propõe a dar significado às ações.



Na rotineira sala de aula, é sempre o aluno, a criança, que reclama um aprendizado mais *light*, uma brincadeira, um jogo que nunca tem vez na hora do relógio que não pára, nas atividades programadas que se sucedem para dar conta dos Parâmetros Curriculares, nos objetivos do programa, no ensino e... “tudo mais do pedagógico”.



O caminho para entender por que estamos nos fixando na escrita do professor, começa no fortalecimento do diálogo com a história vivida por você quando toma a sua própria prática como objeto de reflexão permanente que induz à pesquisa. Nesse procedimento, você alia a prática de ensinar à de pesquisar, e com ele sempre aprender e rever seus valores, gostos, atos e desejos. Apropriar-se da sua história de vida não significa uma forma de recusa de outras leituras e novos escritos do discurso científico em Educação; significa, sim, que estamos encontrando novos recursos e referência (auto) biográficas para a renovação das formas de pensar, agir e testemunhar a atividade docente, em um novo jeito de ser educador.

Com o interesse pela sua própria história, fazendo as indagações sobre seu ofício de professor, comentando as questões sobre o sentido da escola e do ato de ensinar hoje e antigamente, temos o conhecimento de que os percursos individuais estão relacionados a História e a Vida.

Você, professor, pode avaliar as complexas relações que interferem na prática em suas escolhas ao fazer seu planejamento de trabalho e selecionar o material didático, privilegiando uns e descartando outros, na busca pelo melhor caminho.

Sem entrar nos conteúdos de Didática já estudados neste curso, vamos pedir que, entre tantas lembranças e esquecimentos, sejam retomados os guardados de fotos, desenhos, imagens, recortes de papéis, jornais, receitas de doce ou salgados, folhas soltas de cadernos de alunos, recomendações de leituras, tirinhas de história em quadrinhos, bilhetinhos de colegas, anotações de aula e mais uns tantos rabiscos e trechos retirados de livro que se perdeu a referência. Esses guardados são a sua intimidade, o seu mundo privado que aflora a partir de recortes de saudade e que se mostra por meio do amor, da amizade e de muito carinho dedicado ao aluno. Este é um aprendizado de emoção que não se ensina, mas se contagia e se aprende na convivência e que diária e que precisa ser desenvolvido desde criança.

De posse dessas relíquias que sobreviveram ao ritual do “rasga e joga fora”, organize um arquivo com esses “fragmentos reveladores” de seu cotidiano de professor. Busque concretizar inovações e rever esse legado com muito carinho e indagação. Procure o sentido de cada objeto, de cada folha ou foto e dê início a um novo caminhar. Construa um método a partir desses traços de memória e crie uma nova escrita mais

consciente e consistente. Extraia dos documentos que parecem mudos e inertes essa voz ausente que se une as suas idéias e são, pacientemente, reveladas com inteligência, sensibilidade e perspicácia.

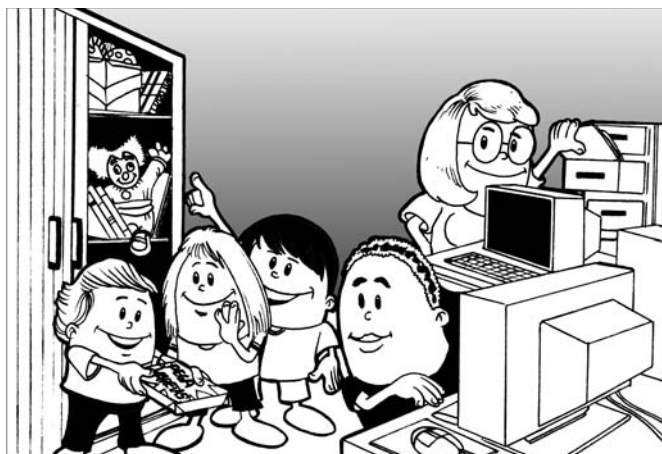
Releia o parágrafo anterior... (até parece um exercício, uma atividade de aula comumente programada, e será?)

Oh! Dúvida cruel!, diria o filósofo ou o poeta. Mas, talvez pense e diga:

– Quanto tempo perdido? Quantas palavras gastas sem destino? Quanto papel “envelhecido” guardando tanta emoção, escondendo muitas histórias suas ou de alguém, muito querido, envolto em tanta saudade ou em incômodas lembranças?

– Que relação possuem meus guardados com a minha Prática de Ensino? Por que mexer em coisas desativadas, passadas, manchadas e empoeiradas?

– Será necessário remexer em caixas, pastas, pacotes e os cem mil amarrados de papéis que só ocupam lugar ou se enchem de traças e baratas que resistiram a naftalina?



– Dá um tempo! Por que dar tanta importância aos achados escritos ou desenhados que já foram abandonados, por que não encontraram vitrine e nem mesmo um porta-retrato?

– Acho que as autoras (professoras) se perderam. Vou rever o objetivo desta aula, antes de passar para as atividades.

CONCLUSÃO

Levar para a sala de aula o que você conseguiu salvar depois de tantas dúvidas e tropeços que temos para selecionar nossos guardados é uma oportunidade de testemunhar cenas que permanecem vivas em nossa memória. Este procedimento deve ser incentivados e compartilhado nas situações de sala de aula, na conversa com os alunos.

As diferentes vozes e escritas de professores e alunos permitem o desenvolvimento da linguagem verbal – oral e escrita – e, por isso, devem ser trabalhadas fazendo uso das falas das crianças, de livros didáticos, de textos literários, de jornais e revistas, tantos outros materiais didáticos que correspondam aos seus interesses.

Ensinar à criança a importância dos guardados e como organizá-los para terem valor e serem achados quando for preciso é um aprendizado que ultrapassa as portas da escola e que, muitas vezes, nós mesmos temos dificuldade.

Lembre-se: “Quem tem e não sabe onde está não tem.”

RESUMO

- Ler e reler é um exercício fundamental para dar evidência as diferentes formas de leitura que um mesmo texto possibilita.
- É necessário buscar um caminho para estimular seus alunos a se tornarem mais perspicazes, mais ativos e tomarem decisões mais acertadas.
- Essas diferentes escritas do professor abrem um novo campo de reflexão sobre o uso pedagógico que se faz dos guardados pessoais do profissional que se dispõe a ensinar.
- Os “fragmentos de história de vida” que restaram das sufocantes pressões de dia para dia, e se cruzam nas reflexões pessoais e profissionais, exigem uma organização própria para o uso pedagógico.
- Dar valor aos escritos e aos testemunhos pessoais do professor não significa descaracterizar os discursos científicos já existentes na Pedagogia, mas, sim, sustentar outras teorias científicas e novas metodologias.



ATIVIDADES

1. Releia as Aulas 6 e 7 do Volume 1 de Didática. Relacionando o conteúdo dessas aulas com a de hoje, você verificará que a reflexão crítica do professor sobre sua história de vida contribui para a valorização da reflexividade na atuação docente. Analisando o seu trajeto pessoal, mostre como, em suas “memórias” de infância e na convivência com os adultos, você teve momentos de rebeldia. Escolha uma forma de registrar esses fatos e deixe que seus alunos reconheçam, em sua narrativa, as marcas de um passado em que você também foi criança.

COMENTÁRIO

Esta atividade de contar histórias faz com que o clima das aulas seja mais amigável, mais íntimo, mais afetuoso... Os alunos sentem que você, hoje professor, também teve uma infância com momentos felizes, mas também com muitas decepções. Tanto os fatos alegres como os de uma realidade mais dura, mais difícil, têm sua magia. Sinta que uma carta, um álbum, uma brincadeira como “um olhar secreto nas travessuras do passado” atraem as crianças, aguçam sua imaginação.

2. Combine com seus alunos uma “mostra de escritos do passado”. Conte com a contribuição dos pais e dos avós, pedindo a eles que tragam álbuns de retratos, cadernos de poesia, cartas, recados curiosos, desenhos que seus parentes fizeram quando crianças, caderno de receitas, trabalhos feitos na escola, fotos de festa de aniversário, batizados, formaturas e solenidades cívicas da escola (hoje quase em desuso). Dê um arranjo visual artístico e curta com sua turma as revisões do passado.

COMENTÁRIO

Esta é uma atividade que instiga as crianças a visitar seus parentes e a pedir aos mais velhos que contem suas histórias e mostrem suas relíquias. Também costumam ser consultadas pessoas da comunidade que se destacam por seus trabalhos e até mesmo os “velhinhos que jogam conversa fora” sentados no banco da praça. Estimulando os alunos a fazer entrevistas, eles terão razões mais significativas para exercitar suas escritas, fazer seus desenhos e trazer suas fotos.

AUTO-AVALIAÇÃO

Com esta aula você pôde dar um novo sentido as atividades que rotineiramente se desenvolvem em sala de aula. Você observou que fatos do cotidiano das escolas podem despertar a vontade de escrever, de registrar os acontecimentos e de ler os escritos, os desenhos e as mais diferentes fotos apresentadas aos alunos.

Essa práticas pedagógicas, quando se referem às histórias vividas, tornam o ensino mais atraente atraente? As narrativas e os testemunhos dos professores, quando se cruzam com a fala dos alunos, propiciam um clima mais afetoso na relação ensino-aprendizagem?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Prepare o seu coração para as coisas que a informática tem possibilitado ao professor. Veja como o uso do computador pode trazer mudanças nas ações em sala de aula.

Reflexões relativas aos ambientes *on line* na escola presencial: inovações no cotidiano da sala de aula

AULA

10

Meta de aula

Identificação do ambiente *on line* como uma das possibilidades de transformação do cotidiano da escola.

objetivo

Nesta aula, você será capaz de traçar caminhos que possibilitem a introdução do ambiente *on line* como uma opção didática.

Pré-requisito

Você deverá ter a percepção de que é necessário refletir sobre a sua prática docente, ao lado da sua prática de vida, tomando como base os estudos realizados e a eles acrescentando as mudanças ocorridas na sociedade.

Delete

Cada um tem os seus problemas
já é necessário repetir
nem tão pouco fazer papel de mártir
(...)
ora quer saber?
deletei vc
limpei do hd
apaguei seu vírus da programação
sem definição
seu arquivo vai
rapidinho fugindo da memória
(...)

(Lulu Santos)

INTRODUÇÃO

Iniciamos esta aula com um trecho da música “Delete”, de Lulu Santos que muitos de seus alunos devem conhecer e cantar no dia-a-dia.

A verdade é que um novo discurso está se configurando e se tornando rotina nos diálogos que ocorrem, principalmente, nos meios educacionais.

No entanto, mesmo diante dessas constatações, não podemos deixar de refletir um pouco sobre a realidade existente na escola de hoje.

Que escola é essa que reconhece a presença da tecnologia, sua importância e que continua sem uma biblioteca que disponha de um acervo básico para a consulta de seus alunos?

Você já refletiu sobre esses aspectos? Como fazer a tecnologia não ficar só em letras de músicas e chegar mais perto de seus alunos?

Como fazer o computador conviver com uma educação transformadora que prioriza o diálogo, o coletivo?

Na disciplina Prática de Ensino 2, você tem visto que é preciso o professor buscar uma nova forma de fazer, inovar e recriar, utilizando novas estratégias, novos caminhos, adequados ao contexto de sua sala de aula, de seus alunos e de sua escola.

É isso que nós, conteudistas, pretendemos com esta aula: destacar algumas idéias, a partir das quais possamos refletir e proporcionar a você, professor, condições de verificar se é possível fazer com que seus alunos conheçam, mais de perto, o ambiente *on line*. Ao lado disso, queremos, juntos, refletir sobre como anda o processo de alfabetização de nossas crianças e jovens.



O EMPREGO DA TECNOLOGIA EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA QUE SE QUER TRANSFORMADORA

“Os meus filhos terão computadores, mas antes terão livros.”

(Bill Gates)

Se fizermos uma análise do que ocorre hoje nas escolas da nossa rede pública, podemos dizer que cerca de 90% do ensino formal permanece baseado em livros didáticos e textos impressos. Dessa forma, percebemos que tais instituições, seus professores e alunos estão longe de dominar os ícones de uma tela de computador. Muitos questionam: Por que mudar? Por que incorporar os recursos da computação ao currículo escolar? Como refletir sobre o uso da tecnologia, ao discutir o projeto pedagógico da escola, se faltam recursos nessa área?

A escola pode contribuir no combate à exclusão digital por meio de um veículo de disseminação da informação, que é o computador. Ao mesmo tempo, tem o importante desafio de se voltar para a questão do desenvolvimento da leitura, considerando um país como o nosso, em que existem tantos analfabetos funcionais que lêem, mas não são capazes de compreender o que leram.

Percebemos que a compreensão da leitura trabalhada em nossas escolas é imprescindível para pensarmos na inclusão digital dos alunos. É preciso criar o hábito da leitura nos livros, pois, na leitura por intermédio do computador, há necessidade de termos um leitor que saiba selecionar as informações, isto é, de um leitor que interprete e faça as suas opções.

O emprego dos computadores representa uma alternativa de aprendizagem, não significando, no entanto, que uma instituição escolar só será boa se tiver computadores. Ela será de qualidade sim, se tiver professores qualificados, inclusive, com conhecimentos de informática.

Se entendermos o computador como uma máquina de transmitir informações, ele se transformará em um grande rival do professor, pois é capaz de fazê-lo com mais rapidez do que um docente que entende o ensino como transmissão da informação e não como construção do conhecimento.



Em escolas em que existem computadores, muitos criticam os professores dizendo que as máquinas estão lá mas que os docentes não as usam, por medo, ou porque acham que seu trabalho vai aumentar. Há os que pensam que o educador precisa ser incentivado a usar o computador com seus alunos. Há os que pensam que é preciso um técnico em informática para ensinar os alunos a operarem o computador. No entanto, é necessário que o próprio professor, com formação na área que está sendo ministrada, tenha familiaridade com a informática.

Cabe refletir: Qual “sistema de ensino” vem preparando seus docentes para trabalhar com o computador como um material didático inserido em uma visão social e crítica de construção de conhecimento?

É preciso que estes “sistemas” tenham clareza de que é necessário um professor que domine o conteúdo que está trabalhando, o processo de construção do conhecimento, o processo de formação do ser social e o domínio básico da informática.

Esse educador necessita de uma atitude investigativa, isto é, deve ser um profissional pesquisador. Deve ter clareza de que está em constante processo de aprendizagem, preparando também o aluno para o imprevisível diante da sociedade atual. Precisa acreditar em uma prática dialógica e no fazer coletivo, onde se constrói e reconstrói o conhecimento junto aos demais. E ainda procurar desenvolver nos seus alunos a autonomia, a cooperação e a criticidade.

É preciso que estes “sistemas” reflitam com os professores as formas como o computador pode ser empregado no processo de ensinar.

Quando o computador é utilizado como um meio para investigar situações problematizadas por você e seus alunos, a partir da realidade social vivida, o grupo estará buscando alternativas para solucionar questões levantadas e você assumindo um importante papel na condução desse aprendizado.

Quando o computador é utilizado diante de um assunto novo, sobre o qual você e seus alunos estão refletindo, ele servirá para experimentarem caminhos, para buscarem a informação de que precisam para construir novos conhecimentos, e será você quem encaminhará seus alunos na procura dessas alternativas.



Percebemos então que o computador, na escola, serve para apoiar a investigação e a construção de conhecimentos, e não para formar usuários.

Não esqueçamos, também, que as informações obtidas via computador, em uma educação transformadora e dialógica, devem ser discutidas e sintetizadas coletivamente.

Inferimos, pois, que a introdução do ambiente *on line* na escola não deve desconsiderar que o aluno é parte de um contexto social e ali está para interpretar este mundo e atuar produtivamente, auxiliado pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Fica claro que, ao introduzirmos o computador nas escolas, também estaremos incentivando a leitura. Fica claro, também, que a leitura nos livros precede à leitura na internet, pois esta, levando o aluno a navegar, isto é, ir de uma página a outra por meio de *links*, não apresenta a linearidade que encontramos no livro.

E, agora, podemos voltar a mais algumas reflexões. Será que um computador em minha sala de aula resolveria todas as deficiências e dificuldades que hoje enfrento? Será que devo enfatizar com os meus alunos o hábito da leitura de livros, jornais, sem me preocupar com o uso da informática em minhas aulas? Será que os “sistemas de ensino”, em vez de se preocuparem em aparelhar as escolas com computadores, deveriam, antes, utilizar os recursos financeiros adquirindo livros para as nossas bibliotecas tão carentes, hoje, em termos de acervo?

CONCLUSÃO

Acabamos de refletir sobre o emprego do computador na Educação, os mecanismos adequados de sua utilização na sala de aula e os aspectos sob os quais devemos pensar em termos dos seus efeitos no ensino.

Navegar na internet, encaminhar um *e-mail* para um amigo, editar um texto no computador podem ser coisas que seus alunos não têm grandes possibilidades de fazer, hoje. Não terem computadores disponíveis na escola, muito menos em casa, pode ser um dos motivos. Outro motivo, talvez o mais forte, pode ser a falta de uma leitura compreensiva do que lêem.

RESUMO

O hábito da leitura de livros e de outros textos e sua compreensão são fundamentais para o processo de inclusão digital dos alunos.

O próprio professor, além de ser qualificado em sua área, deve ter familiaridade com a informática, não havendo necessidade de um técnico para ensinar aos alunos, se a opção for levá-los a operar com computadores.

O professor que inclui o computador em suas aulas deve ter uma atitude pesquisadora, adotar uma prática dialógica, baseada na construção coletiva do conhecimento.

O computador pode ainda ser usado para investigar situações problematizadoras, definidas a partir da realidade social vivida.

O computador pode ainda ser usado diante de um novo assunto, na busca da informação necessária, para a construção de novos conhecimentos.

ATIVIDADE FINAL

Diante das questões que analisamos e concluímos nesta aula, ficamos pensando em que situação você se encontra:

- Sua escola tem uma biblioteca com um bom acervo, ou não?
- Sua escola possui um laboratório de Informática com acesso permitido aos alunos, ou não?
- Você já teve interesse ou possibilidade de ter em sua casa um computador, ou não?
- Você já teve acesso a uma capacitação referente ao uso da Informática, ou não?
- (...)

Em que situação se encontram sua escola, seus alunos e você? Certamente o contexto em que você se encontra irá influenciar o desenvolvimento desta atividade.

Como o título desta aula é “Reflexões relativas aos ambientes *on line* na escola presencial”, gostaríamos, também, de saber sua opinião sobre as questões levantadas. Opinião não apenas sobre o emprego do computador no ensino, mas também sobre a abolição dos analfabetos funcionais.

A nossa proposta de atividade é, portanto: Redija um texto, posicionando-se em relação a essas questões, a partir das reflexões a que você foi levado durante esta aula, descrevendo as possibilidades de aplicação de tais procedimentos na realidade vivida por você e seus alunos. Quando for ao pólo, leve este texto e discuta-o com seu tutor. Ele também vai gostar de saber sua opinião.

COMENTÁRIO

As realidades vivenciadas por você e seus alunos são múltiplas. Esta atividade, certamente, irá gerar respostas diferenciadas, conforme o contexto em que cada um se encontra. Ela seria mais rica se você expandisse esta discussão em sua escola. Quem sabe você pode propor, à equipe técnico-pedagógica e aos colegas, uma discussão coletiva sobre este tema?

AUTO-AVALIAÇÃO

Analise algumas questões:

1. A leitura do texto desta aula modificou sua opinião a respeito dos assuntos tratados ou trouxe novas idéias?
2. Que aspectos você considerou interessantes e que mereceriam ser considerados em sua própria aula dentro dessa visão?

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula dará continuidade a essa discussão, abordando a multiplicidade de leituras e escritas que provocam a interatividade na sala de aula.

Multiplicidade de leituras e uso das linguagens: proposta metodológica de interatividade na sala de aula

AULA 11

Meta da aula

Reconhecimento da interatividade nas situações de comunicação vividas, praticadas e programadas na escola.

objetivo

Nesta aula, você deverá ser capaz de:

- Intensificar o processo de comunicação na sala de aula, adotando metodologias interativas que estimulem o aluno a assimilar conhecimentos e a transformá-los em ações.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, é importante que você tenha conhecimento das inovações cotidianas da escola decorrentes do uso da internet, investigando em nova configuração o sentido e o significado da construção coletiva dos projetos realizados com os alunos.

Eu sei, mas não devia
A gente se acostuma (...)
a sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta
a ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

Marina Colassanti

INTRODUÇÃO

As atividades da Aula10 ajudam na compreensão dos diversos posicionamentos do professor frente às constantes mudanças que vêm ocorrendo com o uso da internet.

Nesta e na próxima aula, daremos continuidade a este assunto, versando sobre o sentido percebido pelos professores quando selecionam e usam o tipo de material pedagógico que mais valorizam.

Apostar na recorrência à internet, na educação a distância e no cotidiano escolar, abre portas para uma troca riquíssima de saberes sustentados pelo uso das múltiplas linguagens e pela diferenciação de leituras realizadas e questionadas. Você, provavelmente, registrou no seu “bloco de notas”, ou no seu caderno de estudos, as falas dos seus colegas e suas opiniões a respeito das políticas de incentivo à educação *online*. Com isto, pôde perceber as prioridades de cada um em relação às escolhas do material didático e às políticas que elas favorecem.

Não podemos esquecer que a opinião, o conhecimento e o seu ponto de vista propiciam interações, provocando aprendizagens desejadas, pensadas, ritualizadas, institucionalizadas e praticadas coletivamente.

Valorizando as dimensões pessoais dos professores que mobilizam suas ações profissionais, podemos reconhecer as limitações e potencialidades existentes em cada um deles (professores e professoras). Há, sempre, em cada professor, uma resistência à mudança e uma dificuldade em aceitar a inovação devido às restrições pessoais de visualizar seus benefícios e compromissos. Isso o impede de aceitar o novo e abandonar certas práticas utilizadas anteriormente com sucesso.

Jamais serão esquecidas ou desconsideradas opiniões tais como:

- Na minha escola preciso de giz e não de computador.
- Meus alunos são pobres e precisam de cadernos e de livros... e não de revistas, jornais e muito menos de internet.
- Se os alunos vão ao cinema, lêem histórias em quadrinhos e enchem as mochilas de revistinhas, não deixam lugar para o livro didático.

Testemunhos como esses e tantos outros ficam em nossa mente, marcam nossas ações, estreitando nosso espaço para ensinar e aprender sempre, cada vez mais aceleradamente. O mundo globalizado deixa à margem os que não estão “plugados”...

Um dos textos mais conhecidos de Marina Colassanti intitulado *Eu sei, mas não devia* nos permite refletir tantas e variadas temáticas que escapam a nossa percepção e vão além do que se pode pensar agora, neste momento de estudo. Na multiplicidade de leituras possíveis, na significação dos fatos, nos acertos da sensibilidade que se vivencia no dia-a-dia, ele nos mostra o quanto somos impedidos, obscurecidos e fechados pelas circunstâncias de vida.

Encontrar Marina, que de forma tão sábia nos instiga a uma reflexão, foi um presente ver o mais banal e a mesmice com encantamento, serenidade e compromisso com a mudança. Ter o sentido da vida e o entendimento das limitações pessoais deixa marcas e registros adquiridos ao longo de um determinado tempo.

Nossa!!! ... quantos conceitos conjugados numa fala complexa e complicada que, apenas em alguns fragmentos do texto, entendemos tão bem.

Agora, com a licença que a didática permite ao professor no uso dos seus recursos, aproveitemos este texto em suas múltiplas leituras e significados.

Eu sei que a gente se acostuma.

Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.

(...)

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes, a abrir as revistas e a ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infundável catarata dos produtos.

(...)

A gente se acostuma para poupar a vida.

Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(Eu sei, mas não devia, Marina Colassanti)

Quantas aulas em tão poucos versos... quantas lições que nos permitem ver como a experiência diária nos leva à alienação em uma realidade presente por um pensamento ausente.

Usamos esse texto porque encontramos nele algumas razões pelas quais inúmeras mudanças se travam durante o processo e mostram as dissonâncias, as incompatibilidades, as incoerências ou, simplesmente, o vício ou o ócio da tradição, do hábito, de uma prática rotineira e pouco reflexiva.

O USO DAS LINGUAGENS: PROJETO DE INTERATIVIDADE NA SALA DE AULA

Novos olhares e muita “brincadeira de pensar” constituem uma prática indispensável aos acertos na busca de um projeto de interatividade na sala de aula, na escola, na comunidade, na vida...

A interatividade, como questão pedagógica, tem merecido uma atenção mais cuidadosa e necessita de uma avaliação mais avançada com base em critérios que se modificam ao longo dos anos.



Precisamente agora, temos observado que há uma forte tendência em educação a valorizar a participação do aluno, exigindo uma interação mínima fundada nos grupos de estudo, de pesquisas e das comunidades virtuais (temáticas a serem desenvolvidas na Prática de Ensino 3).

Refletindo sobre os relatos mais banalizados e analisando a literatura referente a uma pedagogia dos meios de comunicação, podemos constatar a inconsistência das propostas de ensino e o abandono de projetos apenas iniciados. “Muito se fala e pouco se faz” é um dito popular que sustenta determinadas práticas que permanecem atuais e incisivas na academia e em toda parte.

A derrubada dos *muros da escola*, nos parece ser feita com toques de alfinetes, tal a morosidade com que vem acontecendo. Entretanto, as discriminações provocadas, as falácias multiplicadas e as pesquisas iniciadas e não concluídas chegam de forma acelerada, padronizando o vulgar e colocando a erudição no destino das artes.

Mas, que muro encontraremos nós, professores, para manter o mais alto pedestal que nos distancia dos alunos?! Que Prática de Ensino ou que ensino podemos praticar com esses valores? Que verdades, que fala mais correta teremos nós se não somos compreendidos ou se copiam ou deturpam as mais nobres intenções?

Parece-nos que um projeto de interatividade na sala de aula (mesmo quando virtual) necessita, prioritariamente, repensar velhos problemas e muitas dúvidas que postulem perspectivas mais abertas, mais vivas e mais inquietantes.

Sabemos que o compromisso do educador é com a dinâmica, com a mudança para uma *Escola Inclusiva* onde está garantido o acesso aos que se propõem a estudar.

Tal premissa, além de desafiante, implica um percurso que requer metas bem definidas a serem alcançadas num planejamento em que se situem pais, estudantes, comunicadores, fonoaudiólogos, assistentes sociais, médicos, engenheiros e demais profissionais. Sobretudo para os professores se coloca um novo prisma: a preparação para uma vida plena, uma posição econômica digna, uma cidadania participativa em uma convivência não conflituosa, uma valorização adequada da cultura e das relações sociais.

Como acreditar nisso? Como viver uma escola assim? Quem aposta nesse projeto desenhado e tão pouco factível? E se não fossem as palavras dos poetas, o sonho dos artistas, restaria, apenas, como alento a verdade da ciência em eterna pesquisa.

No mundo das letras, onde habitam os professores, dentre outros eruditos, a busca é, além da fala, uma ação contínua e o melhor começo para um sentido mais preciso e para um significado compartilhado. Como se iniciar um caminhar em um novo trajeto, fosse tão fácil ou *simples assim....*

Você deve ter percebido que partimos, no início desta aula, das falas poética, política e filosófica para tratar (e por que não?) exemplificar o tema da multiplicidade de leituras. No entanto, agora, precisamos retornar ao “didatismo” inevitável ao processo de um curso. Estamos trabalhando novos conteúdos, tanto na forma de administrar o conhecimento já produzido, como de agregar novas informações.

Recomendamos que você releia as Aulas 12 e 13 da disciplina Prática de Ensino 1 e busque nas referências bibliográficas da Aula 13 fazer a leitura mais atenta de:

1) José Manoel Moran em *Como ver televisão?*, leitura crítica dos meios de comunicação em massa.

2) Roger Chartier em, especificamente, *Aventuras do livro: do leitor ao navegador*.

Bem, retome agora o título deste texto e acompanhe com atenção redobrada os seguintes tópicos para reflexão:

(1) Uso das linguagens; (2) Projeto de interatividade na sala de aula.



Uso das Linguagens

Língua, linguagem, receptor, emissor, mensagem, meios, veículos de comunicação, percepção, interpretação sentido, significado e tantos outros conceitos além da subjetividade e da identidade já foram estudados e mais ou menos compreendidos, pelo menos é o que esperamos. Procure revê-los. Pegue um dicionário e, abrindo seu micro, acesse um buscador. Digite a expressão “linguagens didáticas”. Você se surpreenderá com a pluralidade de informações encontradas nessa busca. Compare com o dicionário.

Dentre tantos outros conceitos, esses nos pareceram necessários para diferenciarmos no uso da linguagem, a “didática das linguagens” e as “linguagens da didática”, esta última freqüentemente explorada na Prática de Ensino. Se, de início, parece mais um jogo de palavras, leia outra vez as duas expressões, pense melhor e veja que se trata de uma definição de campo de estudo com identidades diferentes e que nos cabe tratar das linguagens didáticas, enquanto recurso decorrente dos meios de comunicação (conceituação que nos interessa neste momento do estudo das diferentes linguagens).

Chegamos, agora, neste ponto crucial da Prática de Ensino em que há muitas questões em aberto ou pouco repensadas.

Que tal pensar nas mensagens veiculadas na televisão, nos livros, nas revistas, nos diversos periódicos e também no computador? Repare como cada um desses veículos tem uma linguagem diferente e própria! E, talvez, aí esteja “embutida” uma aprendizagem importante que extrapola nosso estudo, hoje, mas que fica como proposta:

- Quais os meios de comunicação que provocam maior interatividade?
- Que meio de comunicação você usa mais e domina melhor seus recursos?
- Ou... a pergunta mais instigante será: como usar a linguagem desses meios no processo de aprendizagem para que seja mais eficiente, mais interativo e mobilizador das potencialidades do educando?

Recomendamos, para melhor entendimento, que você veja a Coleção Aprender a Ensinar com Textos, coordenada por Ligia Chiappini, da Editora Cortez e destaque o Volume 6 que trata de *Outras linguagens nas escola – publicidade, cinema e TV, rádio, jogos e informática*.

Esta leitura pode ajudá-lo no seu projeto de interatividade na sala de aula. Além de oferecer exemplos de como se pode usar diferentes textos, mostra alguns instrumentos indispensáveis para trabalhar cada um deles em sua especificidade.

Cada texto demanda uma ação analítica e ativa dos leitores na busca do sentido e na possibilidade de uma interpretação inspirada na teoria dialógica e interacionista da linguagem, na concepção de leitura como construção do texto e construção do real que extrapolam as intenções do autor e se fixam nos limites da compreensão do leitor.

Para ler o que dizem os textos quando falam ou quando calam no silêncio ou na estruturação da frase, precisamos de um outro alfabetizar que respeite a inteligência, voe na imaginação e reconheça as fronteiras de todas as mídias na expressão e no entendimento das linguagens.



Certamente, você pode encontrar outras referências no seu pólo do Cederj e nas bibliotecas públicas mais próximas de sua residência, mas não se esqueça de que você é aluno de uma Universidade onde poderá encontrar muitas fontes de pesquisa e diferentes eventos pedagógicos para divulgação e apropriação do conhecimento necessário ao professor.

Projeto de Interatividade na sala de aula

Inúmeros projetos, experiências pedagógicas, eventos culturais e atividades escolares, com maior ou menor planejamento, ocorreram e ocorrerão sempre, acreditamos nós, com a intenção de corresponder às mudanças que transformam a sociedade em sua composição, suas estruturas coletivas e sua idéia de si mesma.

Mariano Enguita, que você já conhece de nossas referências bibliográficas é aqui reapresentado quando escreve *Educar em Tempos Incertos*. Em seu último capítulo, “As Transformações da Profissão”, relativa ao professor, nos induz a uma reflexão interessante:

É preciso assinalar que há poucas profissões, se é que existe alguma, nas quais a atividade realizada pelo profissional e o serviço recebido pelo cliente mostrem-se tão coextensivas, sejam no mesmo grau, uma mesma coisa, como educação. Primeiro pela coextensão no tempo de docência ou de discência: o tempo de aprendizagem do aluno é, sobretudo, o que passa com o professor, e o tempo de trabalho do professor é, antes de mais nada, o que passa com os alunos, quanto mais precoce for o ciclo de ensino considerado. Uma pessoa não passa esse tempo todo, é claro, nem com um médico, nem com um juiz, nem com um advogado, nem com a polícia, nem mesmo nesses tempos em que as turbulências da vida levam a uma relação mais intensa e prolongada com eles.

Segundo, porque na relação educador-educando, estão envolvidas todas as facetas do educador. (...) Com aspectos como a capacidade de empatia, a fé no próprio trabalho ou o exemplo pessoal. Por isso, é particularmente importante, não apenas que os professores aprendam, mas que tipo de pessoas são, qual seu modo predominante de vida fora da sala de aula, de que meio cultural procedem, que concepção do mundo acalentam (...).

Terceiro, os professores constituem não a totalidade, mas o essencial dos recursos da atividade escolar. Em certo aspecto, não resta senão lamentar isso, pois implica certa incapacidade de aproveitar os recursos materiais e humanos do meio e, às vezes, inclusive os da própria escola (...).

Quarto, e último, a relação professor-aluno baseia-se em um permanente face a face entre ambos, o que multiplica a importância de toda espécie de detalhes e incidentes dos estados de ânimo dos participantes, etc. (ENGUITA, 2004, pp. 107-108).

Nesta citação há algumas idéias que devem ser questionadas como reforço para uma outra percepção do papel do docente.

1º – O tempo de trabalho do professor é, antes de mais nada, o tempo que ele passa com os alunos?

2º – Na relação educador-educando estão envolvidas todas as facetas do educador além da empatia, da fé no próprio trabalho ou exemplo pessoal?

3º – Os professores constituem não a totalidade mas o essencial dos recursos da atividade escolar, e este entendimento traz uma certa capacidade de valorizar todos os recursos materiais e humanos do meio e inclusive da própria escola?

4º – A relação professor – aluno funda-se em permanente face a face e isso multiplica a importância de toda espécie de detalhes e incidentes dos estados de ânimo dos participantes em sala de aula?

Pense nessas colocações e procure ver o professor olhando para si próprio num exercício de diálogo interior. Veja quanto tempo você passa com seus alunos e passou com seus professores. Analise esse tempo na amplitude e no ritmo das mídias cibernéticas. Veja como o tempo de ensinar, de aprender, de avaliar, de pesquisar, programar e todos os demais verbos que completam o sentido de educar tomam outra dimensão.



Você sabe isso desde outros tempos em que estudou este tema e que *sentiu* seus alunos presentes e ouviu seus professores ausentes. Mas, a gente (professor ou professora) se acostuma ao discurso do *horário de trabalho* restrito à presença do encontro frente a frente como se desrespeitasse a distância das mentes, dos desejos, das etnias que separam as pessoas e distorcem o diálogo.

Neste momento *saem* da memória algumas situações de sala de aula onde a interatividade nem sempre acontece com a intensidade desejada. Em contrapartida você visualiza algumas atividades programadas para depois da aula, muitas vezes distante da escola, mantém os alunos motivados, interessados e com vontade de responder, participar e manter-se ligado nos estudos escolares.

Diversificando o currículo, usando interativamente os ambientes virtuais e mantendo-se em interação com a escola, fica exemplificada a ocorrência da interatividade relacionada com o diálogo, entre emissão e recepção na criação conjunta da comunicação com a intervenção do aluno. Assim, a interatividade permite ultrapassar a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo (ALMEIDA, 2004, p. 201).

Perosa e Santos (2003) destacam a sala de aula dos cursos presenciais que usam o vídeo, a TV e o computador como recursos didáticos, citando diferentes projetos como: Vídeo Escola, TV Escola e ProInfo que, em nosso estudo, devem ser conhecidos. Não deveríamos repensar também as inúmeras possibilidades que o professor pode criar com o uso desses recursos?

Mais recentemente, temos visto crescer o número de equipamentos para o uso pedagógico na escola. Você pôde constatar tal fato, ao cumprir as tarefas da aula anterior e ao buscar outras leituras que tratam da interação *online* com seu aluno. Não podemos negar que a internet é a mídia mais promissora de nosso tempo devido à variedade de estratégias que combinam custo, flexibilidade e possibilidade de interação. Lentamente, as instituições educacionais, mesmo com a resistência de alguns professores e a aceitação de poucos, vêm sendo incluída nos recursos de EAD. (Assunto que será tratado na Prática de Ensino 3.).

Sabemos que as desigualdades acentuadas da sociedade brasileira são acompanhadas de sérias dificuldades na implantação de diferentes projetos de educação *online*. Veja como a inércia diante da mudança e a facilidade do uso dos recursos ritualizados na escola (valorizados pelos docentes de “vista curta” e “hábitos arraigados” são alguns dos obstáculos presentes na atualidade).

Projetar com seus alunos atividades que envolvam busca em fontes diferenciadas, trabalhos de grupo que tenham estruturação e prazo de finalização (projeto), assim como experimentar formas de integrar o presencial e o virtual, marcam a diferença em uma nova Pedagogia.

CONCLUSÃO

Esta aula, um pouco mais longa, apresenta conteúdos que dão seqüência aos assuntos mais polêmicos na agenda da educação como você vem constatando pelo estudo da aula anterior, pelo registro da fala dos professores entrevistados e, também, pela leitura das referências bibliográficas. Entretanto, nem de longe ficam esgotados ou vencidas as questões afloradas e ainda por emergir a cada releitura que você fizer e a cada novo diálogo que for estabelecido com outros professores, com seus tutores e principalmente na reflexão e análise de sua experiência como aluno e como profissional.

Guardar no *coração* o texto de Marina Colassanti pode ser um alerta constante para que você, professor ou professora, cidadão responsável pela formação de grande número de alunos na *fase da inocência*, resista a se acostumar ao que não devia acontecer, como o desrespeito à inteligência dos alunos, o confinamento da imaginação às rotinas da escola, a negação do uso das diferentes mídias que limitam a expressão mais interativa das linguagens.

RESUMO

Muitas questões devem ser discutidas e repensadas, não só no interior da sua escola, mas de forma mais ampla, na comunidade.

Não permitir que as mais diversas formas de acomodação se tornem barreiras à prática da mudança consciente e compartilhada deve ser a nossa luta.

Constatar o quanto a rotina e a ambiência limitam nossa visão e traçam um destino sombrio para a escola, pode ser a pedra de toque para transformar, mesmo que lentamente e aos poucos, a configuração da sala de aula e o significado que damos à escola quando valorizamos os projetos adotando metodologias interativas.

Finalizando a construção do conhecimento na interação presencial e virtual podemos flexibilizar em nossas aulas os projetos de ação complementar entre a educação presencial e a educação a distância.

AUTO-AVALIAÇÃO

Esta aula apresentou um texto mais longo exigindo uma reflexão bastante atenta. Concorda?

Foi nossa intenção reunir idéias esparsamente colocadas e associá-las de forma a provocar uma reação aos conceitos e valores que travam o processo de inovação na escola. Pensou nisto?

Retomando a temática das linguagens, buscamos dar estímulo para que você e seus alunos se tornem mais interessados no trabalho escolar e estudem de forma interativa.

Pensando as situações vividas em grupo de forma interativa e dialogada, destacamos a questão, nem sempre reconhecida, que o texto de Marina Colassanti nos traz: a acomodação.

Como você reagiu diante desta provocação?

De que forma você pôde agregar conhecimentos relativos a comunicação interativa na sala de aula?

Que reflexões permitiram que você repensasse a sua prática pedagógica?

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A aula seguinte postula-se como prática de reflexão e, juntamente com as Aulas 13 e 14, encerra nosso projeto da Prática de Ensino 2.

Prepare-se para viver momentos que irão *reencantar* a sua aula.

Questões da Prática de Ensino na produção docente: o conhecimento pedagógico, o trabalho do professor e a socialização de saberes

AULA

12

Meta da aula

Compreensão do significado de conhecimento, conhecimento pedagógico e formas de socialização de saberes, como canais importantes para a prática de ensino na escola.

objetivo

Nesta aula, o aluno deverá ser capaz de:

- Refletir sobre a tarefa docente, tendo em vista a abertura de canais de participação que possibilitem a socialização de diferentes saberes e práticas.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, é importante que você tenha a percepção dos diferentes recursos e usos próprios da docência, como testemunhos de vida, práticas de vida, experiências pessoais, conhecimento científico.

EPITÁFIO

(Sérgio Britto)

Devia ter amado mais, ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.
(...)

INTRODUÇÃO

Quem de nós não se lembra do primeiro dia de aula? Do encontro frente a frente com meninos e meninas desconhecidos? O coração batendo forte, as mãos trêmulas... Quanta ansiedade! Por isso, nem reparamos ou imaginamos que sentimentos parecidos deveriam estar ocorrendo com eles. Quem será essa professora? Que forma engraçada de se vestir. Que modo estranho de falar! Os olhares da professora, os múltiplos olhares dos alunos... Encontros e desencontros. Muitas histórias de vida que podem ser descobertas ou silenciadas. A escolha pelo respeito ao novo ou a opção de simplesmente desconhecer ou desconsiderar a história vivida depende da maneira como entendemos o significado do termo conhecimento.

O que significa conhecimento? E como ele se transforma em conhecimento pedagógico?



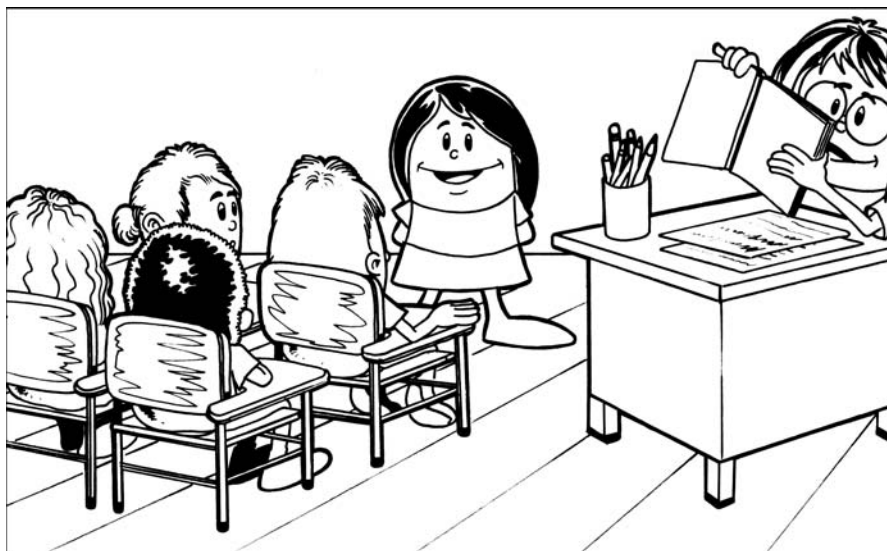
MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DO CONHECIMENTO E SOCIALIZAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

É necessário levar em conta que a construção do conhecimento acontece em um contexto social, temporal e espacialmente localizado, com uma inserção política que pode ter como consequência a consolidação de exclusões sociais, assim como a intenção de inclusão dos diversos e importantes segmentos sociais aos bens e à cultura da sociedade.

De acordo com Pedro Demo, a humanização do conhecimento é uma das mais nobres tarefas. Essa responsabilidade também é nossa: das escolas, dos professores, ao possibilitarem que os conhecimentos possam ser janelas que permitam ver, perceber, entender a vida, e percebendo-a, transformá-la no que for desejável e necessário.

Boaventura estabelece uma diferença importante entre ciência moderna e senso comum. Ele afirma que essas duas modalidades de conhecimento não existem isoladamente, embora sejam opostas entre si. O autor propõe a transformação do conhecimento meramente científico num novo senso comum, ao qual denomina conhecimento-emancipação. Esse senso comum é prático e pragmático, reproduzindo-se junto às histórias de vida de um determinado grupo social, captando a complexidade das relações que se estabelecem. Ele possibilita outros modos de ler e perceber as nossas teorias e práticas em exercício nas escolas, a partir dos fundamentos do conhecimento científico, à procura do conhecimento-emancipação.

Um dos fatores extremamente limitadores em nossa prática escolar é o fato de que, muitas vezes, desconsideramos o que os alunos sabem, o que eles nos contam. Escutamos os alunos mecanicamente, e mesmo na “hora das novidades”, quando é permitido às crianças falarem por alguns minutos, no início da aula, estamos tão automatizados que nem damos conta de que esse momento talvez seja um dos mais ricos e importantes da aula. Não aproveitamos corretamente esse espaço para integrarmos, como indica Boaventura, o senso comum e o conhecimento científico, transformando-os em conhecimento emancipatório – em conhecimento pedagógico.



Uma prática pedagógica que se deseja pautada por tais paradigmas deverá se transformar, valorizando os saberes não-científicos, confrontando-os criticamente com o saber científico, de forma a não se restringir apenas à transmissão de ensinamentos em sala de aula, ou a levar o aluno simplesmente a aprender a aprender.

É necessário que nós – professores e professoras – possamos ter o entendimento de que tudo o que se faz e se vivencia deve ser parte integrante do processo de ensinar e aprender. Para isso, são necessárias mudanças pedagógicas e administrativas, capazes de possibilitar o encontro de caminhos que contribuam para afastar os determinismos pedagógicos, já culturalmente enraizados, que são impeditivos de novos e importantes avanços no campo educacional.

A escola é um espaço permanente de práticas diversificadas que são os reflexos das diferentes concepções de mundo, de estrutura social que temos, mesmo que não estejam claramente explicitadas.

As práticas de gestão fazem parte desse contexto. Elas têm contribuído, ao longo da história, mais para servir de controle do que para provocar ou estimular a construção de novos conhecimentos.

As relações de poder que se estabelecem na escola ultrapassam o que podemos chamar setor administrativo. Elas estão presentes nos atos pedagógicos que se firmam nas salas de aula, na relação com os alunos, com outros profissionais e com a comunidade. Alcançam, também, sem que às vezes se dê conta, o currículo, quando, por exemplo, selecionamos e definimos os conteúdos a serem desenvolvidos com os alunos.

Voltamos a falar, outra vez, do significado que estamos dando ao conhecimento e à forma pedagógica que se escolhe para colocá-lo ao alcance dos alunos: imposta ou participativa?

Se fizermos a opção por uma prática participativa em sala de aula, precisamos criar canais constantes de interação com os nossos alunos, com os pais e as mães, com a comunidade, para que a construção do conhecimento emancipatório, que anteriormente já mencionamos, ocorra de forma natural.



Você já prestou atenção na forma de participação dos pais na escola? Eles são convidados a participar colaborando na prestação de pequenos serviços, como pintar o colégio, fazer mutirão de limpeza ou discutindo como está e como gostariam que a escola fosse? A opção por uma ou outra forma de participação “faz a diferença” entre poder hierarquizado e poder compartilhado, entre colaborar e, efetivamente, participar do processo de decisões em âmbito coletivo.

O entendimento de participação como construção coletiva abre possibilidades de socialização dos diferentes saberes e práticas de forma respeitosa, sem hierarquização do conhecimento.

O depoimento a seguir expressa a realidade de algumas escolas e reafirma a urgência em se rediscutir práticas pedagógicas e administrativas em nossas escolas, a partir do entendimento de conhecimento e da importância de sua socialização.

Sou professora, recém-formada, e faço parte do corpo docente de uma escola pública situada na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro.

Assim que cheguei à escola, fui informada de que eu seria a responsável pela turma 106, de primeira série, com 37 alunos repetentes, a maioria com cerca de dez anos.

Foi-me apresentado um programa que deveria ser cumprido no decorrer do ano letivo.

Conheci os meus colegas professores em uma reunião de início de ano, e quase não os vejo, nem no horário do recreio, pois, para não atrasar o recreio, cada turma tem um horário específico.

Nessa mesma reunião, a orientadora pedagógica distribuiu o cronograma para os próximos encontros, com os assuntos que seriam discutidos, distribuiu as normas da escola, estabelecidas pela Direção e já em vigor há aproximadamente cinco anos. Disse que não era permitida a entrada de responsáveis pelos alunos no colégio, durante o horário de aulas, para não “atrapalhar” o bom andamento do trabalho.

Informou que os pais e mães são sempre chamados para participar das atividades previstas pela Direção, como festa junina e mutirão para pintar o colégio, mas que os responsáveis são muito desinteressados.

Enfatizou que o conteúdo previsto para cada série deveria ser cumprido integralmente e para isso sugeriu que, nas aulas, os professores não perdessem tempo com discussões inúteis, ou com atividades que pudessem ocasionar um clima de indisciplina, como tarefas em grupo.

Disse, ainda, que era preciso lembrar que a escola não era lugar para brincadeiras e, sim, um local onde os professores deveriam transmitir os conteúdos definidos no programa já estabelecido.

Afirmou que naquela escola cada um deveria cumprir o seu papel: ao professor cabia a tarefa de expor os conhecimentos; aos alunos, a tarefa de prestar atenção ao que seria a eles apresentado; à equipe pedagógica cabia elaborar o planejamento da escola e à direção definir as tarefas administrativas e avaliar a execução das mesmas.

Você já vivenciou experiências que se assemelham a este depoimento?

Que tal refletirmos sobre a nossa prática e a dos demais colegas da escola, sobre como estamos entendendo o significado do conhecimento pedagógico, do trabalho do professor e da professora e do respeito à socialização dos diferentes conhecimentos que fazem parte da história de todos nós?

CONCLUSÃO

A sistematização das experiências vivenciadas por professores e alunos é ponto de partida para a construção do conhecimento emancipatório, no sentido de puxar “fios” que possam dar continuidade aos diferentes saberes e fazeres e, mesmo, contribuir para a transformação das atuais práticas pedagógicas adotadas nas escolas, no sentido de ultrapassar o paradigma de uma educação mantenedora e silenciadora e construir um referencial pedagógico baseado em metodologias mais flexíveis, participativas, solidárias e prazerosas.

RESUMO

- A construção do conhecimento acontece em um contexto social, temporal e espacialmente localizado.
- O conhecimento tem uma inserção política que pode ocasionar a consolidação de exclusões sociais, assim como a inclusão dos diversos e importantes segmentos sociais aos bens e à cultura da sociedade.
- As duas modalidades de conhecimento – ciência moderna e senso comum – não existem isoladamente, embora sejam opostas entre si.
- A transformação do conhecimento meramente científico num novo senso comum denomina-se conhecimento-emancipação.
- Uma prática pedagógica que se deseja pautada pelo paradigma do conhecimento-emancipação deverá se transformar, valorizando os saberes não-científicos, confrontando-os criticamente com o saber científico, de forma a não se restringir apenas à transmissão de ensinamentos em sala de aula, ou a levar o aluno simplesmente a aprender a aprender.
- A participação como um mecanismo de representação e de envolvimento político.
- A gestão democrática deve atingir todas as esferas da escola e chegar à sala de aula.
- A sala de aula é, também, lugar da construção da subjetividade, da educação política.
- O entendimento de participação como construção coletiva abre possibilidades de socialização dos diferentes saberes e práticas de forma respeitosa, sem hierarquização do conhecimento.

ATIVIDADES

1. Analise o depoimento apresentado, considerando os seguintes aspectos:

a) Visão de educação apresentada pela orientadora pedagógica: emancipadora ou mantenedora? Justifique.

b) Significado do termo conhecimento apresentado pela orientadora pedagógica. Justifique.

COMENTÁRIO

Sabemos que, com a nossa prática, podemos desenvolver ações conservadoras ou transformadoras. Isso tem conseqüências pedagógicas importantes no interior da escola. Optando por uma ou outra concepção de educação, o significado de conhecimento também acompanhará tal escolha: ou iremos considerar o conhecimento científico como o mais importante, ou abriremos caminhos para a construção de outros conhecimentos e práticas.

2. Você concorda com o entendimento de participação que é atribuído aos responsáveis pelos alunos pela Direção da escola, no depoimento da professora? Apresente a sua concepção de participação.

COMENTÁRIO

A participação é um dos canais importantes para a socialização dos diferentes tipos de conhecimentos e práticas. Exercitá-la é tarefa das mais importantes, se o nosso desejo é construir uma escola prazerosa, integradora e crítica.

AUTO-AVALIAÇÃO

1. A análise do texto trouxe contribuições para a sua reflexão sobre conhecimento e prática pedagógica?

2. Aponte aspectos que você pode, de imediato, incorporar a sua prática docente.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula irá apresentar um instrumento importante de organização do trabalho coletivo, participativo, envolvendo a concepção de conhecimento emancipatório – o projeto político-pedagógico.

Projeto Político-Pedagógico: a importância da construção coletiva

AULA

13

Meta da aula

Esta aula propõe-se a analisar a importância do compartilhamento das experiências vividas no processo de construção do Projeto Pedagógico de uma instituição escolar.

objetivo

Nesta aula, você deverá ser capaz de:

- Refletir sobre a importância do trabalho coletivo no âmbito escolar.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, é importante que você tenha a percepção de que é necessário socializar as experiências vividas em uma educação transformadora.

A CULTURA PRIMITIVA
(CARLOS GUIMARÃES)

Vejo passar as hordas primitivas,
balbuciantes culturas encetando...
Primeiras experiências... Tentativas
que, a mais e mais, se vão amalgamando...

Estendo os olhos pela China imensa,
onde um povo feliz trabalha e canta:
inventa a bússola, o papel e a imprensa,
e faz versos de amor... Templos levanta...

(...)

O povo hebreu... Um povo de profetas,
em cujo seio enxergarão a luz
Salomão e Davi – excelsos poetas –
e um homem-Deus, que chamarão Jesus!

Vem os gregos após... A educação
dada em Esparta, apenas militar,
faz um soldado em cada cidadão,
sendo o ideal coletivo um só: lutar!

(...)

Herdeiro de Cultura antiga – a etrusca –
de Roma o povo à minha frente vem,
e, embora viva da conquista em busca,
a letras e artes volta-se, também.

(...)

INTRODUÇÃO

O trecho do poema “A Cultura Primitiva”, que introduz esta aula, de autoria de Carlos Guimarães, faz com que passe, ante nossos olhos, o evoluir da cultura humana, construída pelos diferentes povos da História Antiga.

Destacamos apenas algumas quadras do referido poema, com o intuito de lembrar como cada povo tinha uma missão. Havia clareza daquilo que se pretendia obter com o trabalho, a fim de prosperar. Para tanto, era preciso que se organizassem.

A quadra que se refere ao povo de Esparta faz menção à educação então ministrada. Era a formação do cidadão-soldado, capaz de enfrentar as guerras e obter as conquistas para o seu povo. Esparta tinha um ideal, como diz o poeta, isto é, uma missão a ser assumida por todos. Um propósito a ser alcançado (ideal), que era almejado por todo o povo.

Por isso, o poeta diz que o ideal é coletivo: lutar. Havia, pois, um compromisso que se baseava em um princípio coletivo, em prol da mesma busca: as conquistas para o povo espartano.

A presente aula trata da importância da construção coletiva, quando a escola se organiza para elaborar o seu planejamento, para construir o seu Projeto Pedagógico.

Da mesma forma, é preciso que a escola defina a sua missão – o seu ideal. E tal procedimento só terá êxito, em uma educação transformadora, se ocorrer dentro de um processo participativo, ou coletivo.

A seguir, você lerá o artigo “Planejamento Científico e Participativo: Envolvimento de Todos, Compromisso da Escola”. Ele trata da efetivação de um trabalho coletivo na escola, a fim de se construir o Projeto Pedagógico.

Vamos à leitura do artigo...

PLANEJAMENTO CIENTÍFICO E PARTICIPATIVO: ENVOLVIMENTO DE TODOS, COMPROMISSO DA ESCOLA

**Malvina Tania Tuttman
Nilci da Silva Guimarães**

Introdução

Este artigo apresenta reflexões sobre o sentido social da Escola Fundamental, considerando as interfaces entre os seus aspectos estruturais e pedagógicos, discutindo o significado dos termos conhecimento/aprendizagem e sua construção, a partir de uma visão democrática de educação. Aponta alguns possíveis caminhos metodológicos para a superação da fragmentação da Escola, de sua rotina e falta de identidade coletiva. Entre esses caminhos, destaca a importância de serem adotadas, pela comunidade escolar, metodologias de organização compartilhadas, pelo importante papel que tais metodologias vêm exercendo na constituição de um outro paradigma de se pensar e construir uma Escola que tenha qualidade social. Destaca, também, os fundamentos do planejamento participativo e suas principais etapas de elaboração, como indicativos básicos para a efetivação de um trabalho coletivo na Escola. Por fim, relata experiência de construção de um Projeto Pedagógico, destacando as limitações próprias da experiência narrada, bem como os aspectos positivos que resultam da força do coletivo, entendendo que uma unidade escolar não se reduz a paredes, carteiras e equipamentos, mas se amplia no diálogo com o mundo. O artigo encontra suporte nas reflexões trazidas por Bhabha,

Boaventura, Gandin e Morin, bem como nas experiências das autoras, vividas, coletivamente, com outros profissionais e alunos da Escola Pública.

Para pensar a escola pública, hoje, é necessário que mergulhemos na construção de sua história e identifiquemos, nas funções que lhe são atribuídas, o significado que assume a expressão ensinar-aprender, isto é, como se dá a sua construção, a quem é atribuída tal missão e a forma adotada para colocá-la em prática.

É importante destacar que existe, no interior das Escolas, um movimento de transformação, exercitado por profissionais, alunos e pela própria comunidade local, que está tentando romper as suas amarras, ansiando por uma Instituição pautada pelos paradigmas que envolvem o respeito à ética, à diversidade cultural e à inclusão social, como seus princípios e suas referências, acreditando que essa transformação só será possível a partir da força do coletivo.

Ressaltamos que a questão do ensinar-aprender não se restringe ao importante papel que exerce o(a) professor(a). A Escola é uma rede complexa de conhecimentos e práticas, e, portanto, a atuação de profissionais e alunos deve considerar, na sua proposta pedagógica, tal complexidade. Nesse sentido, o trabalho escolar não deve e não pode ser dicotomizado. Ao contrário, a riqueza da Escola encontra-se na diversidade, na multiplicidade de idéias, na ampliação do conceito, hoje, ainda restrito.

Porém, a vivência democrática não é tão simples. É preciso deixar fluir, na comunidade escolar, a percepção, a sensibilidade, o olhar, de modo a contemplar a riqueza de diversidade cultural, e, dessa forma, criar um espaço de todos, onde serão definidas, de forma coletiva, a Escola que desejamos e as formas de colocá-la em funcionamento.

Torna-se fundamental reconhecer a riqueza da diversidade, aceitando e incorporando os saberes de todos os envolvidos no pensar da Escola desejada, deixando fluir outros tipos de conhecimentos que surgem e são construídos no dia-a-dia das pessoas, de todas as pessoas, e não só da equipe técnico-pedagógica da Escola. Essa forma de atuar permite um outro olhar para a Escola, um olhar mais completo, pois incorpora as várias visões de mundo. Reconhecer tal fato como importante para a construção da organização escolar implica relativizar o poder constituído hierarquicamente, passando-se a privilegiar o poder compartilhado, onde todos planejam em conjunto e definem as competências de cada um, a partir do desejo comum. Desta forma, ganha sentido democrático, pois está aberto ao enraizamento comunitário e se vincula ao projeto educacional construído coletivamente.

É preciso recriar esse pensar e fazer democráticos, estimulando um movimento compartilhado na Escola, que ultrapasse a sua rigidez e se estenda orgânica e estruturalmente, a ponto da comunidade reconhecer que o saber está diretamente vinculado ao lugar onde estamos, à história de vida de cada um, a como somos, e não como a unidade escolar, organizada e prevista somente por alguns, gostaria e indica a sua forma de ser.

REFLETINDO SOBRE O ATO DE PLANEJAR

O ato de planejar pode assumir diferentes posturas, conforme a concepção adotada em termos dos rumos que deve tomar o processo educativo, de acordo com o pensamento que temos no que diz respeito à relação existente entre a Escola e as demais instâncias da sociedade. Os autores da área dão significados diversos para o Planejamento Educacional, representando, cada um deles, correntes variadas de interpretação.

Aqueles que, em uma perspectiva humana, vêem a ação da Escola dentro da visão social que descrevemos anteriormente e compreendem a importância de uma ação coletiva e da adoção de metodologias de trabalho que se desenvolvam de forma compartilhada consideram que planejar é construir coletivamente a realidade desejada para a instituição escolar, a partir da realidade existente. O planejar, nesta perspectiva, constitui-se em uma deliberação em produzir mudanças, caracterizando-se por uma ação transformadora.

Esta forma de entender o processo de planejamento engloba novas perspectivas – um novo modelo e novas metodologias –, que trazem como conseqüências as idéias de missão e de participação. Se a construção de uma sociedade ética e justa requer a participação de todos no poder, o planejamento participativo passa a ser modelo e metodologia adequados.

Imaginemos uma Escola que, entendendo o significado da participação no ato de planejar, o faça com uma perspectiva de construção em conjunto, onde todos os que atuam em diferentes setores da Instituição, bem como alunos, seus responsáveis e a comunidade localizada no seu entorno, participam do planejamento com seu próprio saber, sua visão da realidade existente e da desejada, criando, em proveito de todos, uma proposta de ação.

Compreendamos que esta forma de ver o planejamento parte de uma leitura do nosso mundo e assume um caráter de proposta para o futuro. É possível inferir, também, que a idéia de missão da instituição-escola que planejamos e da questão da participação de todos os envolvidos é fundamento que embasa esta metodologia do processo de planejar.

Tal forma de planejar possibilita ao homem que ele próprio determine seus destinos vivenciais. Os que participam da Escola escolhem não só os seus caminhos, mas a missão que será assumida pela Instituição.

Nesse mesmo sentido, o modelo participativo de planejamento educacional acredita que o melhor para os indivíduos é aquilo que eles mesmos decidiram em seus grupos. Podemos perceber que se trata de um planejamento construído com o modo de pensar, de andar e de firmar o rumo do grupo que vivencia a Escola.

O modo de pensar é, simplesmente, a utilização do método científico.

Empregando o método científico, o processo de planejamento constitui-se na definição de uma explicação provisória da realidade, que terá seu funcionamento verificado na prática determinada. É um modo de pensar a realidade. Tem como ponto de partida o que as pessoas sentem como necessidade ou como problema. É o presente que abre espaços para a utopia, para a definição do futuro desejável.

Verifiquemos que esta forma de entender o processo de planejamento leva a um compromisso constante de todos com a mudança, em uma direção que vai se esclarecendo à medida que os indivíduos agem.

É uma proposta de transformação da realidade, em que todos, em conjunto, se comprometem com o desenvolvimento do planejado.

Facilmente podemos imaginar como esta forma de planejar resulta no crescimento de cada pessoa, no desenvolvimento da ação, e de todos os envolvidos, como um grupo.

Podemos nos lembrar de situações das quais tomamos parte, em que aqueles que coordenavam o trabalho se sentiam com a responsabilidade da tarefa de planejar e definir os caminhos que o grupo deveria percorrer. Dentro da visão social da Escola que viemos descrevendo, é importante insistir no planejamento realizado de forma participativa. É necessário frisar a sua importância e a possibilidade dele se concretizar no âmbito escolar, em confronto com as oportunidades que aqueles que coordenam o processo oferecem aos indivíduos de participarem.

De forma geral, a participação pode ser exercida em três níveis.

Em um primeiro nível temos o que alguns estudiosos denominam *participação = colaboração*, considerando-o o mais freqüente nas práticas que muitos de nós já vivenciamos. Ocorre quando o administrador solicita que os envolvidos tragam suas contribuições para que se concretize aquilo que ele decidiu como o que será realizado. As pessoas tomam parte com o seu aceite, com o seu

trabalho, para que o planejado pelo administrador se concretize. Esforçam-se, executam o planejado sem discuti-lo, sem questionar os resultados que poderão ser alcançados, bem como quem se beneficiará com os mesmos. Muitas vezes, o coordenador pede, apenas, sugestões, em termos da ação a ser desenvolvida. Tais sugestões são aceitas (ou não) caso venham ao encontro do pensamento daqueles que exercem o poder. Esta maneira de coordenar (e de planejar) resulta de uma forma de muitos, hoje, ainda entenderem o papel da autoridade (que, na verdade, difere de autoritarismo). Não podemos chamar esta prática de participação.

O segundo nível tem um apelo mais democrático que o nível de colaboração, pois o administrador leva às pessoas algumas questões ou alternativas e manda que as mesmas decidam a melhor opção. Tais aspectos, geralmente, não têm grande importância na proposta mais global a ser desenvolvida e não afetam diretamente o planejado e o desejado pelo coordenador. Pode ser denominado de *participação = decisão*.

O terceiro nível de participação recebe o nome de *construção em conjunto*. Ocorre quando o poder não está centrado em uma única pessoa, o administrador. Ele está nas mãos de todos os envolvidos na situação. Neste nível, o processo de planejamento se dá pela adesão das pessoas que, com o seu saber próprio, suas experiências, seu conhecimento da realidade, organizam as dificuldades existentes, suas idéias, seus ideais e propõem como deve ocorrer a ação.

Analisemos as situações de planejamento que vivenciamos até hoje, a fim de verificar com que frequência presenciamos este nível de participação. Certamente serão poucas as vezes (ou até mesmo ainda não a tenhamos encontrado), pois tais situações ocorrem como consequência de um sistema social estruturado sobre fundamentos que acreditam existir sempre um que tem mais saber, mais poder, mais autoridade. Com tais premissas, muitos nem questionam a não-distribuição do poder por todas as pessoas e a centralização deste poder na mão de poucos (ou apenas de um).

Quando o nível de construção em conjunto se efetiva verdadeiramente, todos transformam a realidade existente, criando uma nova realidade, a desejada, em proveito do crescimento do grupo.

Portanto, para que ocorra a verdadeira participação, faz-se necessário não só que o administrador da instituição-escola deseje compartilhar o poder com todos os participantes. É preciso que os indivíduos que compõem a comunidade interna e externa à Escola estejam sensibilizados, com suas intenções de verdadeiramente participar e construir coletivamente, em proveito de todos.

Podemos afirmar que o planejamento, além de ser científico, deve ser participativo.

CONCLUSÃO

Você acabou de ler um texto que fala da importância do ato de planejar e de este processo ser pautado na participação de todos os envolvidos na situação planejada. No entanto, este texto não terminou. Ele é parte de um artigo, a cujo final você terá acesso na Aula 14, pois ela continuará tratando de Projeto Pedagógico.

RESUMO

- A escola pela qual hoje ansiamos é aquela pautada pelos paradigmas que envolvem o respeito à ética, à diversidade cultural e à inclusão social.
- A riqueza da escola encontra-se na diversidade, na multiplicidade de idéias.
- A construção da organização escolar deve prever o poder compartilhado, em que todos planejam em conjunto e definem as competências de cada um, a partir do desejo comum.
- O Projeto Pedagógico construído coletivamente ganha um sentido democrático.
- O ato de planejar é construir coletivamente a realidade desejada para a instituição escolar, a partir da realidade existente.
- O processo de planejamento constitui-se na definição de uma explicação provisória da realidade, que será verificada na prática, o que compreende a utilização do método científico.
- O processo de planejamento participativo ocorre quando o poder não está centrado em uma única pessoa, o administrador, isto é, ele está nas mãos de todos os envolvidos na situação.
- A construção coletiva do planejamento se efetiva quando todos transformam a realidade existente, criando uma nova realidade, a desejada, em proveito do crescimento do grupo, comprometendo-se com o desenvolvimento do planejado.
- O planejamento, além de ser científico, deve ser participativo.

ATIVIDADE

Caso a sua escola tenha elaborado um Projeto Pedagógico e você, à época de sua construção, já fosse professor da mesma, procure lembrar como se deu esse processo, registrando os passos desenvolvidos e quem participou do trabalho.

Caso a sua escola tenha esse Projeto Pedagógico, mas o mesmo foi elaborado antes de você ingressar na instituição, entreviste um colega professor, que fazia parte da mesma na época da construção do Projeto, para registrar os passos que foram desenvolvidos. Procure saber, também, quem participou do trabalho.

Caso a sua escola não tenha um Projeto Pedagógico, pesquise com colegas de outras instituições, a fim de localizar uma que o possua, e entreviste um colega, para registrar os passos que foram desenvolvidos e quais os profissionais que participaram do trabalho.

COMENTÁRIO

Com esta atividade nós, conteudistas, estamos querendo que você analise a prática de planejamento que tem sido adotada por uma escola. Que etapas têm sido seguidas, que pessoas têm elaborado este Projeto Pedagógico? Há uma prática centralizada na direção e na equipe Técnico-Pedagógica? Há um processo participativo que envolve o grupo de professores? Há um processo mais amplo que envolve os demais profissionais da escola e os alunos? Ou há um processo coletivo que envolve a comunidade do entorno da escola?

Em que nível de participação estará a Escola por você analisada? O nível de colaboração, o nível de decisão ou o nível de construção em conjunto?

AUTO-AVALIAÇÃO

Analise algumas questões:

1. Se você pôde fazer a atividade a partir da sua própria escola, isto significa que os profissionais compartilham seus planejamentos?

2. Você sente que os rumos das ações educativas da sua escola seguem o *nível de construção em conjunto*?

3. No caso de as respostas anteriores se apresentarem de forma negativa, você considera que a sua escola precisa começar a se organizar para desenvolver um trabalho coletivo de planejamento?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula irá tratar de caminhos que podem ser percorridos ao se optar por metodologias participativas no processo de gerenciamento da escola.

Planos de Educação e projetos pedagógicos: conteúdos administrativos do processo de ensinar

AULA 14

Meta da aula

Redefinição de práticas pedagógicas de organização coletiva do trabalho escolar.

objetivo

Nesta aula, você deverá ser capaz de:

- Caracterizar as etapas de elaboração de um projeto político pedagógico, tendo em vista a realidade de cada escola.

Pré-requisito

Para melhor entendimento desta aula, é importante que você faça uma reflexão sobre a importância do trabalho coletivo no âmbito escolar.

A prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo.

Paulo Freire

INTRODUÇÃO

Nesta aula, retomamos a importância do significado de se elaborar coletivamente o projeto pedagógico de nossa escola, considerando tanto a diversidade das histórias de vida de cada um, os desafios, as dificuldades, e os sonhos partilhados no cotidiano escolar, como, também, a sua articulação com as políticas educacionais.

Sabemos que é necessário alterar a prática de planejamento que vem sendo adotada na maioria de nossas escolas. Esta tarefa não é fácil. Ela exige que se exercite a prática da participação, utilizando-se canais democráticos que possibilitem a busca e o compartilhamento de problemas e soluções. É sempre bom lembrar que o consenso não é o ponto de partida para a interação desejada. Ele é uma conquista que se pode obter em uma trajetória que preveja a discussão como estratégia básica. Portanto, o consenso e as decisões devem ser construídos de forma coletiva. Só dessa forma poderemos enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Certamente vocês já devem estar pensando: elaborar um projeto pedagógico participativo é importante. A ideia é boa. Porém, como fazer?

Para aprofundarmos este assunto, vamos dar prosseguimento à leitura do texto iniciado na aula anterior.

PLANEJAMENTO CIENTÍFICO E PARTICIPATIVO: ENVOLVIMENTO DE TODOS, COMPROMISSO DA ESCOLA

Malvina Tania Tuttman
Nilci da Silva Guimarães

Como a escola deve organizar-se para elaborar a sua proposta coletiva de trabalho?

Ao optarmos por uma metodologia compartilhada de ação da Escola, devemos considerar, desde o início do processo de planejamento, a participação de alunos, professores, demais funcionários, como também dos possíveis parceiros que pretendem desenvolver um trabalho conjunto com a unidade escolar. Todas as iniciativas que prevemos realizar dentro do espaço considerado escolar – palestras de diferentes temáticas, ações de prevenção em saúde, oficinas, campanhas etc. – devem surgir do debate e da tomada de decisão, envolvendo comunidade interna e externa à Escola e parceiros.

Apresentaremos, a seguir, etapas consideradas fundamentais no processo de elaboração em um Planejamento Científico e Participativo. Ressaltamos que tais etapas são aqui apresentadas didaticamente, no entanto deixamos claro que todas estas etapas, fundamentais, não podem ser consideradas de maneira estanque e isoladas do contexto da realidade escolar.

A riqueza do planejamento está no ato de compartilhar idéias e apontar caminhos coletivos, muito mais do que elaborá-lo tecnicamente, com o fim de apresentar um documento meramente formal.

É preciso que aqueles que vão atuar no ato de planejar o façam a partir de uma concepção e percepção de mundo explicitada em conjunto, assim como é importante clarificar os grandes problemas da humanidade, do nosso País, até o contexto local, projetando uma proposta sociopolítica para a Instituição. A esta etapa é dado o nome de Marco Referencial. Com a postura de educação que visa a contribuir para a transformação das desigualdades sociais, o Marco Referencial é um momento indispensável no processo de planejamento participativo. É o grande diferencial de outras correntes de planejamento.

Neste Marco, o grupo deve expressar seus sonhos, seus ideais, seus anseios. Estes fundamentarão o encontro de caminhos e propostas no decorrer do processo de planejar.

Algumas questões servem para esclarecer como as pessoas envolvidas no planejamento poderão construir o Marco Referencial:

- Como a comunidade participante vê e sente a situação da Educação no País e nos diferentes níveis de responsabilidade do Poder Público?

- Qual é o ideal, em termos de Educação, que norteará nossas ações?
- Que princípios de organização e de atuação gostaríamos de imprimir em nossa Escola?
- Quais são as principais funções e linhas de ação da Escola que queremos construir coletivamente?

A etapa seguinte da elaboração do Projeto Político-Pedagógico constitui-se no julgamento de valor da realidade percebida pelo grupo, tendo como princípio o Marco de Referência. Como o próprio nome indica, ele atua como parâmetro de comparação entre a realidade existente e os sonhos, ideais, anseios já definidos, coletivamente, pelo grupo. Mais uma vez, reforçamos a importância do Marco Referencial. Sem a sua definição, seria impossível realizar um Diagnóstico – segunda etapa do planejamento.

Ao realizar o Diagnóstico, definimos como a Escola se encontra em relação ao Marco anteriormente estabelecido. São identificados, assim, os aspectos limitadores e os que poderão fortalecer a realização da proposta desejada pela Escola. É necessário que todas as pessoas envolvidas participem criticamente, considerando, também, toda a prática da qual fazem parte.

A indicação de algumas questões, possivelmente, facilitará a compreensão de como desenvolver etapa:

- Quais são os fatos e/ou situações que mostram que estamos próximos ao ideal e quais são os que demonstram que estamos afastados?
- Quais são as causas desta diferença entre o ideal e o real?
- O que existe que dificulta ou que ajuda a superar tal distância?

A etapa de Programação é decorrente dos momentos anteriores do planejamento. Ela apresenta propostas de ação para aproximar a realidade caracterizada, pelo Diagnóstico, dos sonhos, ideais e anseios definidos no Marco Referencial.

Na ocasião de fazermos a Programação, é preciso estabelecer prioridades, em função do tempo de duração do Plano. Isto significa que programar compreende definir ações, considerando o Diagnóstico e o Marco Referencial, levando em consideração o que é exequível com os recursos e o tempo disponíveis.

Ao programar, o grupo irá elaborar objetivos a serem alcançados com a ação, estratégias que viabilizem o esperado nos objetivos, cronograma das atividades com as devidas responsabilidades e os mecanismos que serão empregados para avaliar até que ponto a Escola está caminhando em direção a concretizar o estabelecido no Marco de Referência.

O Diagnóstico, pelas necessidades que apresenta, indica a ação concreta que dará origem aos Objetivos. Estes estão vinculados, também, à finalidade procedente do Marco Referencial.

Desta forma, um Objetivo completo responde a duas questões principais: o que fazer (procuramos a indicação no Diagnóstico) e para que fazê-lo (procuramos a indicação no Marco Referencial). As Estratégias operacionalizam os Objetivos. São maneiras concretas de agir que possibilitam, na prática, fazer o movimento circular entre a realidade momentânea vivida pela Escola e a busca pelas Políticas definidas, coletivamente, pela comunidade escolar e seus parceiros.

Uma abordagem científica de planejamento não pode prescindir da fase de Avaliação do trabalho.

Na sua concepção original, o ato de avaliar é um processo de julgamento de valor, a partir de critérios previamente estabelecidos, procurando identificar aspectos que necessitam ser repensados, visando à tomada de decisão, buscando a melhoria, o crescimento, a transformação da situação existente.

Podemos imaginar que, ao organizarmos a Avaliação que será efetuada, devemos, portanto, ter presentes alguns princípios decorrentes desta forma de entender o processo avaliativo, descrita anteriormente.

Na Etapa da Programação, iremos prever que critérios serão adotados pela Escola, para avaliar a concretização do seu Projeto Pedagógico.

Outro aspecto que deve estar presente na Avaliação a ser realizada é o seu caráter de diagnóstico constante e contínuo da ação desenvolvida a partir do Projeto Pedagógico. A Avaliação deve ocorrer ao longo do processo desenvolvido, com um sentido de ação/reflexão/nova ação. Significa um constante observar de aspectos que possam estar ocorrendo de maneira falha, sem contribuir para que caminhemos na direção do Marco Referencial estabelecido. No entanto, não basta que identifiquemos estes aspectos que vêm apresentando tais falhas. Faz-se necessário que, no dia-a-dia do desenvolvimento do Projeto Pedagógico, estejamos definindo decisões a tomar na busca da melhoria da ação.

Ao prevermos como se efetivará a Avaliação, devemos definir mecanismos que envolvam a participação de todos no processo de julgamento de valor, bem como no momento de tomada de decisões coletivas em termos dos caminhos a percorrer visando à melhoria da ação.

Sugerimos algumas questões que podem direcionar a elaboração da etapa de Programação:

- Que objetivos precisam ser definidos e alcançados?
- O que vamos fazer e que atitudes vamos tomar, para diminuir a distância descoberta a partir do diagnóstico (definição das necessidades, do que é viável, das prioridades)?

- Como verificaremos por que algo previsto não foi bem realizado?
- Como decidiremos que correções poderão ser adotadas, tendo em vista a melhoria do trabalho?

Para melhor compreensão desta metodologia de construção do Projeto Político-Pedagógico, faremos uma simulação, contendo partes de todas as etapas mencionadas, com a finalidade de fortalecer a idéia de indissociabilidade entre as mesmas.

Consideremos uma Escola X, exemplificando com aspectos que poderão estar presentes em seu Projeto Pedagógico:

Marco Referencial: A Saúde do Escolar deve ser tema abordado com professores, alunos e responsáveis pelos mesmos, no sentido preventivo, tendo em vista a qualidade de vida dos escolares.

Diagnóstico: As ações referentes à Saúde são abordadas eventualmente por profissionais da área da Saúde que visitam a Escola, não se caracterizando como uma ação integrada ao currículo escolar.

Programação:

- Objetivo

- Estabelecer parceria com a equipe de Saúde da Secretaria de Estado da Defesa Civil, visando ao desenvolvimento de um comportamento saudável dos alunos da Escola, como parte da proposta curricular.

- Estratégias

- Estabelecimento de Protocolo de Intenção entre a Secretaria de Estado da Defesa Civil e a Escola.

- Reuniões da equipe da Escola com profissionais de Saúde, para levantamento das necessidades apontadas por professores, alunos e responsáveis pelos mesmos.

- Capacitação dos professores, pelos profissionais de Saúde, sobre as questões indicadas como prioritárias pela comunidade escolar.

- Realização, em conjunto com a comunidade escolar, de pesquisa-ação sobre temas como fracasso escolar/saúde do escolar, prevenção de acidentes.

- Avaliação

- Registro contínuo de situações observadas.

- Reuniões periódicas entre os profissionais da Saúde e a equipe escolar.

- Definição coletiva de decisões na busca da melhoria da ação.

(...)

CONCLUSÃO

A construção de um projeto pedagógico é um desafio que depende da vontade coletiva de explicitar qual o perfil de escola desejada, de avaliar diagnosticamente a sua realidade, verificando a que distância ela se encontra do ideal sonhado, desejado, e o que pode e deve ser realizado para aproximar a realidade percebida do ideal definido coletivamente.

RESUMO

O ato de planejar se constitui na construção da realidade desejada.

O processo de planejamento deve utilizar o método científico: ter uma explicação provisória e verificar se tal explicação funciona na realidade e na prática determinada.

A participação significa construção em conjunto: todos, com seu próprio saber, crescem juntos, criam o novo, em proveito de todos.

As etapas do Projeto Pedagógico são: Marco de Referência, Diagnóstico, Programação.

ATIVIDADE

Na atividade proposta na Aula 13, você tinha três opções:

1. Caso a sua escola tivesse elaborado um Projeto Pedagógico e você, na época de sua construção, já fosse professor da mesma, pedimos para que você se lembrasse de como se deu este processo, registrando os passos desenvolvidos e quem participou do trabalho.
2. Caso a sua escola tivesse o Projeto Pedagógico, mas o mesmo tivesse sido elaborado antes de você ingressar na instituição, a proposta era a de entrevistar um colega professor, que fez parte da sua construção, com a finalidade de registrar os passos que foram desenvolvidos e quem participou do trabalho.
3. Caso a sua escola não tivesse um Projeto Pedagógico, você deveria pesquisar com colegas de outras instituições, a fim de localizar um colégio que o possuísse e entrevistar um colega, para registrar os passos que foram desenvolvidos e quem participou do trabalho.

Considerando a sua opção de atividade, faça uma análise crítica do Projeto Pedagógico com o qual você teve contato, identificando a metodologia utilizada em sua construção, e se o mesmo se assemelha aos indicadores apresentados no texto para a elaboração de um Projeto Pedagógico.

COMENTÁRIO

Com esta atividade, nós, conteudistas, estamos querendo que você identifique as principais etapas de elaboração de um Projeto Político-Pedagógico, elaborado de forma participativa.

AUTO-AVALIAÇÃO

Analise algumas questões:

1. Você considera que a sua escola pode elaborar um Projeto Pedagógico coletivo?

2. Você se sente preparada para auxiliar a sua escola na elaboração de um Projeto Pedagógico?

3. No caso de as respostas anteriores se apresentarem de forma negativa, o que ainda necessita ser desenvolvido para que a sua escola possa começar a se organizar no sentido de desenvolver um trabalho coletivo de planejamento?

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula será destinada à avaliação da disciplina Prática de Ensino 2. Até lá!

Elaboração do trabalho de avaliação

AULA 15

Meta da aula

Esta aula propõe-se a articular todos os conhecimentos construídos durante a disciplina Prática de Ensino 2 e todas as experiências vividas nesse processo, a partir de uma situação concreta ou simulada.

objetivo

Nesta aula, você deverá ser capaz de:

- Construir um projeto pedagógico, para uma realidade escolar.

Pré-requisito

Para melhor compreensão desta aula, é importante que você tenha a percepção de que é necessário idealizar uma realidade desejada, a fim de elaborar um Projeto Pedagógico a partir da realidade existente.

...planejar é construir a realidade desejada. Não é só organizar a realidade existente e mantê-la em funcionamento (...) mas é transformar esta realidade, construindo uma nova.

Danilo Gandin

INTRODUÇÃO

Esta aula tem uma estrutura diferente das demais que compuseram a disciplina Prática de Ensino 2. Na verdade, ela não é uma aula naquela concepção a que você está acostumado: com um texto em que são apresentados alguns conceitos teóricos, algumas reflexões, a partir das quais irá realizar algumas atividades.

Não possui tal estrutura, pois se constitui em um exercício avaliativo.

A aula pretende encerrar a disciplina, propondo a você um trabalho de avaliação em que poderá aplicar conhecimentos que, ao longo do processo, foi vivenciando com sua turma, foi trocando com seus colegas, foi esclarecendo com seu tutor e foi construindo nesse processo coletivo.

Para fazer este trabalho de avaliação você deverá optar por:

- a) pensar na realidade da escola em que atua, ou
- b) imaginar a realidade de uma escola fictícia, isto é, imaginar uma situação simulada (região da cidade, características do entorno da escola, séries do Ensino Fundamental que abrange etc.).

É para a realidade pela qual optar que você irá realizar o exercício avaliativo. Você vai elaborar um Projeto Pedagógico.

Agora, vamos passar para o exercício avaliativo.

A seguir, você encontrará um roteiro simplificado para construção do Projeto Pedagógico da escola.

MARCO REFERENCIAL

Para elaborar o Marco Referencial, você deverá escolher dois dos seguintes temas: justiça, participação, fraternidade, solidariedade, vida, liberdade, igualdade, cooperação, democracia, verdade, ou selecionar dois outros de sua preferência.

1. Agora, elabore um pequeno texto descrevendo como está nossa sociedade (mundo, América Latina, Brasil) em relação aos dois temas escolhidos. Aponte problemas e pontos que lhe pareçam positivos. Lembre-se de relacionar causas e efeitos.

2. Levando em conta o que você já escreveu, dê continuidade ao texto, em relação aos dois temas escolhidos, propondo como deve ser o homem e/ou a sociedade em relação a eles. Descreva uma proposta global, de ideal de sociedade e de homem, e de compreensão dos valores – (temas escolhidos.) Fale da importância, do significado, das características, dos resultados dos valores escolhidos e apresente, com respeito a eles, o ideal pelo qual você pensa que vale a pena lutar.

3. Ainda no Marco Referencial, proponha um tipo de educação e de escola que julga que contribuirá para a construção da sociedade e do homem que idealizou no item anterior. (Agora você deve lembrar de características, modos de atuar, prioridades, princípios de uma educação conservadora ou de uma educação transformadora, pensando sempre na perspectiva de escola, porque está elaborando um plano para uma escola. Cuide para que esta proposta de escola seja coerente com o que você escreveu anteriormente.)

Pronto, você redigiu um texto com a realidade desejada de escola (*Marco Referencial* do Projeto Pedagógico).

DIAGNÓSTICO

1. Faça, agora, um novo texto, analisando a realidade existente na escola, em relação aos aspectos que você idealizou anteriormente.

2. Descreva até que ponto a escola está vivendo as características ideais que você afirmou no item anterior. Fale dos fatos e das situações que indicam que a escola vai bem em relação àqueles aspectos e dos fatos e situações que mostram que a escola vai mal. Assim, escreva de que modo cada aspecto está ajudando ou dificultando a vivência do que você definiu como o ideal de escola.

3. Aponte as causas – tanto internas à escola como externas – que dificultam, no momento, que a realidade seja a ideal e que, por isso, devem ser combatidas. Mencione também os pontos de apoio, isto é, as situações existentes – interna e externamente – que facilitarão a mudança da realidade, a fim de aproximá-la da ideal.

– Pronto, você redigiu um texto com a realidade existente na escola (*Diagnóstico do Projeto Pedagógico*).

PROGRAMAÇÃO

1. Proponha, agora, para sanar as necessidades levantadas no Diagnóstico, uma programação: como a escola irá agir para sair da realidade existente e chegar à realidade ideal (Marco Referencial).

2. Você irá elaborar os objetivos a serem atingidos, as estratégias a utilizar (ações) e como vai avaliar se a escola está caminhando em relação ao Marco Referencial, quando colocar o Projeto Pedagógico em prática.

3. Elabore tantos objetivos, ações e mecanismos de avaliação quantos achar necessários.

4. Exemplificando um objetivo: *Desenvolver, como metodologia, trabalhos de grupo e discussões circulares, visando a estimular a participação dos alunos na tomada de decisões dos caminhos que as turmas devem adotar.*

Você já sabe que um objetivo começa sempre com um verbo no infinitivo e diz o que se vai fazer e para quê.

5. Exemplificando uma estratégia: *Realização de fóruns de debates de temas que contribuam para a experiência dos alunos.*

Uma estratégia começa sempre com um substantivo e define uma ação que vai ser realizada.

6. Exemplificando um mecanismo de avaliação: *Colocação de caixa de sugestões nos vários andares da escola, para que professores, alunos e funcionários avaliem o trabalho que está sendo realizado e sugiram mudanças.*

Um Mecanismo de Avaliação prevê como a escola irá coletar a opinião do grupo sobre o trabalho.

– Pronto. Você definiu como a escola vai agir (*Programação do Projeto Pedagógico*).

Muito bem! Você está com um Projeto Pedagógico pronto.

AUTO-AVALIAÇÃO

Analise algumas questões:

1. Você considerou válida a experiência de elaborar um Projeto Pedagógico?

2. Você se sente seguro para propor ao grupo da sua escola a construção coletiva de um Projeto Pedagógico?

3. No caso de as respostas anteriores se apresentarem de forma positiva, como considera que o grupo poderia começar a se organizar visando à elaboração do Projeto Pedagógico, segundo essa metodologia?

4. No caso de as respostas aos itens 1 e 2 se apresentarem de forma negativa, encaminhe ao pólo suas reflexões e busque, com seu tutor, caminhos para a construção de um processo participativo de planejamento em sua escola.

Prática de Ensino 2

Atividades de Avaliação

PENSAR E ANALISAR

Agora que você concluiu o estudo deste Módulo 1 de Prática de Ensino 2, vamos enfatizar alguns procedimentos didáticos e conteúdos desenvolvidos com a participação de seus alunos.

Lembre-se de que esta disciplina trata de conhecimentos desenvolvidos em sala de aula, de forma tradicional e dos conhecimentos adquiridos, cotidianamente, fora da escola.

É prioritário reconhecer, em diferentes instâncias, a possibilidade de transposição e transformação dos múltiplos espaços de aula que, antigamente, eram desprezados pelo professor.

No Módulo 4 de Didática, que você cursou no semestre passado, há recomendações de filmes – como *Sociedade dos poetas mortos*, *Mr. Holland, adorável professor* e o já bem conhecido *Ao mestre com carinho* – que podem ser encontrados no pólo e em locadoras. Há sempre muitos filmes de que você vai gostar e que têm um conteúdo pedagógico muito rico para ser discutido com os alunos.

Usando a criatividade e recorrendo ao seu tutor, você poderá tornar seus alunos mais interessados em estudar e conhecer o conteúdo do programa, sem o autoritarismo e a imposição de exercícios enfadonhos, cansativos e repetitivos.

Trazer novidades para compartilhar com seus alunos e colegas faz com que a escola perca o ranço de coisas velhas e educadores mortos.

O desejo de documentar, produzir e sonhar em sala de aula permite, numa conjugação muito gratificante de esforços, articular as vivências de professores e alunos.

O prazer da ação docente não pode ser ensinado porque só pode ser vivenciado em um ambiente alegre, instigante e contagiante. Lindo de falar, mas trabalhar, diferentemente, é sufocante...

A vontade de aprender do estudante necessita ser estimulada para promover uma prática docente que evidencie as múltiplas possibilidades de criar, registrar e transformar a cultura em sabedoria de vida e convivência.

Marilena Chauí nos diz que

O saber é um trabalho – é uma negação que transforma o que é resistente, opaco, em algo que se eleva à dimensão do conceito, que clarifica a experiência.

Dando mais um passo, evoluindo no sentido da reflexão crítica das atividades de leitura que fundamentam o encontro com os alunos, a escola se renova a cada dia.

O ato mais significativo do ensino é lidar com os dados da experiência do aluno, dos pais e da cultura que corteja a escola. Este é o desafio maior do trabalho pedagógico que abre possibilidades novas, e indagações delas decorrentes, como estudamos em cada aula deste módulo.

REVER E ORGANIZAR

Ao final das aulas lidas e trabalhadas, você preencheu a sua agenda didática, destacando as mudanças que ocorreram no seu modo de pensar e agir como pessoa e como profissional.

Para reconhecer o seu aprendizado nessas quatro aulas, você precisa rever as atividades realizadas e estudar um pouco mais.

Uma boa sugestão é começar pela análise das referências bibliográficas que estão no final do livro, organizadas de acordo com cada aula. Esta é uma indicação para que suas leituras tomem um novo significado.

Brinque de avaliar as conteudistas, nós, professoras que nos dirigimos a você com a proposta de ajudar numa tarefa que você poderia fazer sozinho, mas que junto fica melhor, mais fácil e goza de credibilidade acadêmica...

Comece destacando os livros que são mais usados e faça suas anotações. Repare que alguns têm indicações repetidas.

Veja se você identifica alguns autores citados em outras disciplinas. Esta é uma atividade que você certamente aprendeu e cujo valor muitos estudantes não reconhecem.

Lembre-se de que nós, professores, trabalhamos com informações, dados armazenados em livros, filmes, disquetes, CD-ROMs e outros muitos recursos que se juntam às suas anotações e que precisam ser organizados para terem valor de divulgação.

REGISTRAR E SUPERAR AS DIFICULDADES

Releia os resumos para identificar as informações mais importantes para você e procure ter acesso aos sumários e às apresentações dos livros, tanto buscando nos sites das editoras como passeando por uma livraria. Isto lhe permitirá ver outros livros que tratam do mesmo assunto com enfoques, linguagens e conteúdos diferentes ou semelhantes.

Procure, na sua escola ou numa biblioteca mais próxima, outros autores que tratam da mesma temática das nossas aulas. Vá ao pólo e procure levar essas informações ao seu tutor. Valorize a contribuição de seus alunos, instigando-os a trazer para a escola textos encontrados em casa, nos jornais, nas propagandas dos supermercados, e das grandes lojas. Busque a informação e as relações com os conteúdos dos programas nas leituras fora da escola.

Anote em sua agenda didática suas considerações sobre as aulas. Verifique como este módulo se relaciona com o conteúdo de outras disciplinas deste curso e programe seu tempo de estudo para o próximo módulo.

Prática de Ensino 2

Referências

Aula 1

BRANDÃO, Zaia (Org.). *As crises dos paradigmas*. São Paulo: Cortez, 1997.

HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempo de mudança*. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

Aula 2

AZEVEDO, Joanir de. *Fazer com paixão sem perder a razão: retalhos de uma experiência em escolas públicas de tempo integral*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PATRÃO, Marly Costa. O papel das representações do educador no cotidiano escolar. In: SILVA, Jair Militão (Org.). *Os educadores e o cotidiano escolar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

TURA, Maria de Lurdes Rangel. *O olhar que não quer ver: histórias da escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAL, Maria da Graça Costa (Org.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito – autor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Aula 3

ALMEIDA, Maria da Conceição (Org.). *Polifônicas idéias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

Aula 4

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ELIAS, Janete; MATTOS, Joy Costa. *Prática de ensino 1*. Rio de Janeiro: Cederj, 2004.

GERALDI, J. Vanderley; CETELLI, Beatriz. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 2001.

GOULAR, Cecília. Produção de textos escritos narrativos, descritivos e evidências do sujeito na/da linguagem. In: VAL, Maria da Graça C; ROCHA, Gladys (Orgs.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito – autor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Marco. *Educação on-line: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003.

Aula 5

ACÚRCIO, Marina R.B. *Questões urgentes na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHIAPPINI, Ligia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 6 : Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos e informática.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 29.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HERNANDES, Fernando. *Aprendendo com as inovações nas escolas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Aula 6

ALARCAÃO, Isabel. *Escola reflexiva e novas racionalidades*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ELIAS, Janete ; MATTOS, Joy. *Prática de ensino 1*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2004.

FLORENTINO, Adilson. *et. al. Fundamentos da educação 1*. Rio de Janeiro: Fundação

Cecierj, 2003. v. 2.

GONÇALVES, Maria Alice R. (Org.) *Educação e cultura: pensando em cidadania*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Ogs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

Aula 7

GANDIN, Danilo. *Escola e transformação social*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1986.

Aula 11

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco. (Org). *Educação Online: teoria, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003.

COLASSANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ELIAS, Janete de O.; MATTOS, Joy Costa. *Práticas de Ensino I*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2003.

FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. *Educar em tempos incertos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Ângela C. da (Org). *Infovias para a educação*. Campinas,SP: Alínea, 2004.

SILVA, Marco (Org). *Educação Online: teoria, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003.

Aula 12

DEMO, Pedro. Lugar da extensão. In: FARIA, Doris Santos (Org.). *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina*. Brasília: UNB, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

Aula 13

GUIMARÃES, Nilci da S.; TUTTMAN, Malvina T. Planejamento científico e participativo: envolvimento de todos, compromisso da escola. *In: RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. Programa Saúde na Escola: construindo escolas promotoras de saúde.* Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.

Aula 14

GANDIN, Danilo. *A prática do planejamento participativo.* Petrópolis: Vozes, 1994.

GUIMARÃES, Nilci da S.; TUTTMAN, Malvina T. Planejamento científico e participativo: envolvimento de todos, compromisso da escola. *In: RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. Programa Saúde na Escola: construindo escolas promotoras de saúde.* Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez, 2000.

VIEIRA, Sofia L. *Gestão da escola: desafios a enfrentar.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Aula 15

GANDIN, Danilo. *A prática do planejamento participativo.* Petrópolis: Vozes, 1994.

GUIMARÃES, Nilci da S.; TUTTMAN, Malvina T. Planejamento científico e participativo: envolvimento de todos, compromisso da escola. *In: RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Educação. Programa Saúde na Escola: construindo escolas promotoras de saúde.* Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.

ISBN 85-7648-209-6



9 788576 482093



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

